



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO PROFISSIONAL

MILLER SORATO AMORIM DE SOUZA

O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2025



Miller Sorato Amorim de Souza

O ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física Mestrado Profissional da Universidade Federal do Tocantins Campus Universitário de Miracema, como requisito à obtenção do grau de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Ruhena Kelber Abrão Ferreira.

Miracema do Tocantins, TO

2025



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

- S729e Souza, Miller Sorato Amorim de.
O ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé. /
Miller Sorato Amorim de Souza. – Miracema, TO, 2025.
191 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pós
graduação (Mestrado) Profissional em Educação Física em Rede
Nacional (ProEF), 2025.
- Orientador: Ruhena Kelber Abrão Ferreira
1. Educação física escolar. 2. Educação intercultural. 3.
Brincadeiras e jogos. 4. Cultura indígena Apinajé. I. Título
- CDD 372.86**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha
catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**



MILLER SORATO AMORIM DE SOUZA

O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

Dissertação apresentada à Universidade Federal do Tocantins Campus Universitário de Miracema, ao Programa de Pós-graduação em Educação Física Mestrado Profissional, foi avaliada para a obtenção do título Mestre Em Educação Física Escolar e aprovada em sua versão final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Linha de pesquisa: Educação Física na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Data da Aprovação 28 / 04 / 2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Ruhena Kelber – Orientador - UFT

Prof. Dr. Vicente Cabreira Calheiros – Examinador – UFT

Prof. Dr. Maurício Aires Vieira - Examinador – UNIPAMPA



Esta obra é dedicada:

Especialmente à minha mãe, Socorro, minha esposa, Karoline, ao meu pai, Marcos, e ao meu filho, Rick, que sempre me apoiaram durante todo o processo de formação e todo projeto no qual faço parte, que não medem esforços para me ajudar e motivar mesmo nos momentos mais difíceis, sem dúvidas essa conquista é nossa!



AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Socorro, e ao meu pai, Marcos, que, mesmo diante de situações desafiadoras, sempre se esforçaram para proporcionar educação aos seus dois filhos. Com dedicação e incentivo constante, ensinaram-nos que o estudo era o melhor caminho.

Minha gratidão também à minha esposa, Karoline, pelo apoio incondicional ao longo dessa jornada. Seu incentivo diário e sua presença foram fundamentais para que eu seguisse em frente. Sem você como base, eu não teria conseguido. Sua palavra amiga e seu otimismo nos momentos difíceis fizeram toda a diferença. Obrigado por estar sempre ao meu lado.

À minha irmã, Miria, agradeço por ser minha rede de apoio, cuidando do meu filho sempre que precisei viajar para as aulas presenciais. Seu suporte foi essencial para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Ao meu filho, Rick, minha fonte de motivação diária. Obrigado por entender que, em alguns momentos, o papai brincou menos porque precisava estudar. Você é uma grande inspiração para que eu continue buscando o meu melhor.

Aos meus amigos de mestrado, Márcio, Flávio, Maria de Jesus, Elisabete e Linvalra, sou grato pelo apoio e pelo espírito de colaboração. Sempre que possível, estivemos juntos, ajudando uns aos outros nessa intensa rotina de trabalho e estudo.

Expresso minha gratidão a todos os professores que, ao longo da minha formação, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e profissional. Aos professores de excelência do mestrado, no polo da UFT — Professor Kelber, Professor Marciel, Professor Marcus, Professor Vicente e Professor Diego —, meu sincero reconhecimento. Seu comprometimento e dedicação foram fundamentais para minha mudança de perspectiva em relação à Educação Física Escolar.

Um agradecimento especial ao meu professor e orientador no mestrado, Kelber Abrão, por me desafiar a ser melhor a cada dia — seja na fala, na escrita ou na forma de encarar a jornada como professor e pesquisador. Você é um exemplo de como o estudo pode transformar vidas, bem como o O Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS) e todos os seus membros.

Por fim, agradeço aos meus colegas de trabalho — professores, coordenadores e diretores — que sempre me apoiaram nessa caminhada,

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



compreendendo e suprimindo minha ausência nas escolas. Seu apoio foi essencial para que eu pudesse concluir essa etapa da minha trajetória.



“Na cultura indígena, os jogos escapam a essa lógica produtivista, adquirindo uma dimensão educativa, à medida que se constituem como espaços privilegiados de aprendizagens sociais, de resistência e afirmação de identidades. Podendo trazer uma oportuna reflexão voltada para o conceito de identidade, destacando que falar de identidades do professor implica discutir o conceito de identidade e seus significados, especialmente porque se trata da questão de identidades coletivas que transcendem os campos disciplinares”

Grando (2010, p.17).



RESUMO

A pesquisa intitulada “O Ensino de Brincadeiras e Jogos Dos Povos Indígenas Apinajé” investigou as brincadeiras e jogos dos Povos Indígenas Apinajé, e selecionou algumas para a criação de uma cartilha, considerando que esse tema é um dos objetos do conhecimento presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo principal foi compreender como os professores da rede municipal de Tocantinópolis/TO estão trabalhando os jogos e brincadeiras de matrizes indígenas nas escolas. A pesquisa foi estruturada em três artigos. O primeiro artigo analisou a produção acadêmica – científica acerca dos jogos e brincadeiras de matrizes indígenas. A seleção de artigos foi uma revisão bibliográfica sistematizada integrativa no Catálogo de Teses e Dissertações dos Periódicos CAPES, *SCIELO*, Periódicos da área da Educação Física e *GOOGLE SCHOLAR* utilizando filtros com revistas renomadas da área. Foram selecionados quinze artigos que contemplam esses objetos do conhecimento, como resgate da tradição da cultura corporal dos povos originários e de modo a proporcionar uma educação intercultural. Com base nos dados apresentados e análise dos artigos escolhidos verificou-se que esses jogos e brincadeiras das diferentes etnias corroboram para uma ressignificação e a valorização dessa cultura. O segundo artigo investigou as brincadeiras e jogos do povo indígena Apinajé, com o objetivo de compreender sua importância cultural e a forma como são transmitidos entre gerações. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade e registros em diário de campo. Os resultados evidenciaram que, apesar das influências contemporâneas, como a crescente presença das tecnologias e a popularização do futebol nas aldeias, as práticas lúdicas tradicionais continuam sendo valorizadas e transmitidas. Conclui-se que, mesmo diante das transformações socioculturais, a cultura lúdica dos Apinajé permanece viva e ressignificada, reafirmando a relevância dessas práticas para a manutenção da memória coletiva e do patrimônio imaterial desse povo. O terceiro artigo descreve o processo de elaboração da cartilha “O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé”, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF). A cartilha foi concebida como uma ferramenta prática para professores da rede municipal de ensino, visando integrar os jogos e brincadeiras tradicionais dos Apinajé ao currículo escolar, promovendo uma educação intercultural e inclusiva. A metodologia adotada incluiu



pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e oficinas participativas com professores e representantes indígenas. Foram identificados dez jogos e brincadeiras tradicionais, que foram adaptados para o contexto escolar, com simplificação de regras e uso de materiais alternativos. A cartilha foi estruturada em quatro seções: introdução, jogos e brincadeiras, atividades pedagógicas e referências. Espera-se que o material inspire práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com a diversidade cultural. A dissertação concluiu que a utilização dessas brincadeiras e jogos no âmbito escolar, pode proporcionar uma educação intercultural, com uma valorização da cultura dos povos originários e promovendo uma inclusão por meio da diversidade.

Palavras-chave: Indígenas. Brincadeiras e Jogos. Apinajé. Educação Intercultural.



ABSTRACT

The research titled *"The Teaching of Games and Play of the Apinajé Indigenous People"* investigated the games and play activities of the Apinajé Indigenous People and selected some of them for the creation of a handbook. This topic is one of the knowledge objects present in the *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* for the Early Years of Elementary Education. The main objective was to understand how teachers in the municipal school network of Tocantinópolis/TO are incorporating Indigenous-based games and play activities in schools. The research was structured into three articles. The first article analyzed academic and scientific production related to Indigenous-based games and play. The selection of articles followed a systematic integrative literature review approach, searching through the *CAPES Thesis and Dissertation Catalog*, *SCIELO*, Physical Education journals, and *Google Scholar*, applying filters for renowned journals in the field. Fifteen articles were selected, addressing these knowledge objects as a means of preserving the traditional body culture of Indigenous peoples and fostering intercultural education. Based on the data presented and the analysis of the selected articles, it was found that these games and play activities from different ethnic groups contribute to the re-signification and appreciation of this culture. The second article investigated the games and play activities of the Apinajé Indigenous People to understand their cultural significance and how they are transmitted across generations. The research adopted a qualitative approach, using semi-structured interviews with community members and field diary records. The results highlighted that despite contemporary influences, such as the increasing presence of technology and the growing popularity of soccer in villages, traditional playful practices continue to be valued and passed down. It was concluded that, even amid socio-cultural transformations, the playful culture of the Apinajé remains alive and re-signified, reaffirming the importance of these practices for preserving collective memory and the intangible heritage of this people. The third article describes the process of developing the handbook *"The Teaching of Games and Play of the Apinajé Indigenous People,"* created as part of the *Professional Master's Degree in School Physical Education (PROEF)*. The handbook was designed as a practical tool for teachers in the municipal school network, aiming to integrate traditional Apinajé games and play activities into the school curriculum, promoting intercultural and inclusive education. The methodology adopted included qualitative



research, a literature review, semi-structured interviews, and participatory workshops with teachers and Indigenous representatives. Ten traditional games and play activities were identified and adapted to the school context by simplifying rules and using alternative materials. The handbook was structured into four sections: introduction, games and play activities, pedagogical activities, and references. The expectation is that this material will inspire more inclusive teaching practices, contributing to the development of students who are more aware and respectful of cultural diversity. The dissertation concluded that incorporating these games and play activities into the school environment can foster intercultural education by valuing the culture of Indigenous peoples and promoting inclusion through diversity.

Keywords: Indigenous people. Play and Games. Apinajé. Intercultural Education.



LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Gráfico 1 - Distribuição dos professores por vínculo empregatício.....	37
Gráfico 2 - Contato com jogos indígenas durante a formação inicial	38
Figura 1 - Vista frente Escola Mun. 7 de Setembro.	45
Figura 2 - Vista frente Escola Mun. Walfredo Campos Maia.....	45
Figura 3 - Vista frente Escola Mun. Alto da Boa vista 2.....	46
Figura 4 - Vista frente à Escola Mun. Antônio Fernandes dos Santos.	46
Figura 5 - Vista frente à Escola Mun. Manoel de Sousa Lima.....	47
Figura 6 - Aldeia Mariazinha	47
Figura 7 - Aldeia São José.....	48
Figura 8 - Levantamento de artigos no Periódico CAPES.....	67
Figura 9. Levantamento de artigos no SCIELO	67
Figura 10 - Levantamento de artigos no Google Scholar	68
Figura 11 – Território Apinajé	80
Figura 12 – Como foram feitas as entrevistas	84
Figura 13 – Antenor Apinajé, um dos entrevistados.....	84
Figura 14 – Distribuição da quantidade de filhos.....	85
Figura 15 – Povos Indígenas Apinajés na corrida com Tora.....	88
Figura 16 – Apinajé na II edição dos Jogos Indígenas da ilha do Bananal	89
Figura 17 – Peteca feita com palha de milho e pena	90
Figura 18 – Brincadeiras de roda cantadas.....	91
Figura 19 – Danças do maraca	92
Figura 20 – Crianças Apinajés banhando no Rio Botica	94
Figura 21 – Pião Indígena	95
Figura 22 – Time Apinajé de futsal.....	96
Figura 23 – Brincadeira da bolinha.....	97
Figura 24 - Estilingue utilizado para caçar e se divertir	98
Quadro 1 – Cronograma	54
Quadro 2 – Orçamento.....	57
Quadro 3 – Categorização	87



LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

AABB	Associação Atlética Banco do Brasil.
EF	Educação Física.
EFE	Educação Física Escolar
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEULP/ULBRA	Centro Universitário Luterano de Palmas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CCM	Cultura Corporal Do Movimento
DCT	Documento Curricular do Tocantins.
GEPEPS	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação para a Promoção da Saúde.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas.
JETs	Jogos Estudantis do Tocantins.
MA	Maranhão
OBMEP	Olimpíadas Brasileiras de Matemática das Escolas Públicas.
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.
PROEF	Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional.
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TO	Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins.
USP	Universidade de São Paulo.



SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO GERAL.....	15
2	MEMORIAL	17
3	PROJETO DE PESQUISA	27
3.1	Introdução	27
3.2	Problema da pesquisa	31
3.3	Justificativa	31
3.4	Metodologia.....	36
3.5	Resultados e discussão.....	36
3.5.1	Perfil dos professores.....	36
3.6	Práticas pedagógicas	37
3.7	Lacunas na formação e prática.....	37
3.8	Sugestões dos professores.....	38
3.9	Conclusão e recomendações	38
4	OBJETIVOS	40
4.1	Objetivo geral.....	40
4.2	Objetivos específicos.....	40
	CAPÍTULO I	41
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	41
6	CAMINHO METODOLÓGICO	43
6.1	Tipo de estudo	43
6.2	Participantes do estudo	44
6.3	Local e período	44
6.4	Critérios.....	48
6.4.1	Critérios de inclusão	48
6.4.2	Critérios de exclusão	48
6.5	Procedimentos da coleta	49
6.6	Plano para análise de dados	51
6.7	Aspectos éticos	51
6.7.1	Riscos.....	52
6.7.2	Benefícios.....	52
7	CRONOGRAMA.....	54
8	ORÇAMENTO	57



9	REFERÊNCIAS.....	58
10	ARTIGO I: TRADIÇÃO EM MOVIMENTO, JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA	63
11	ARTIGO II: JOGOS E BRINCADEIRAS APINAJÉ: UM LEGADO DE DIVERSÃO E SABERES.....	79
12	ARTIGO III: EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERCULTURALIDADE: CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA SOBRE JOGOS E BRINCADEIRAS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ	100
13	CONSIDERAÇÕES DO PROCESSO	118
	APÊNDICES.....	121

1 APRESENTAÇÃO GERAL

Este trabalho foi estruturado e fomentado para construção da dissertação de mestrado, o qual é estabelecido como um dos pré-requisitos para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT, Câmpus Miracema do Tocantins, o qual segue as normas e estruturação estabelecidas pelo referido Programa.

Observem que o trabalho foi estruturado de modo a possibilitar uma soma estratégica de conhecimentos que se faz necessário para obter resultados satisfatórios aos objetivos propostos. Essa dissertação é composta pelas seguintes etapas:

a) Memorial formativo.

b) Em seguida é apresentado o volume do projeto de pesquisa qualificado no dia 19 de março de 2024, já com as sugestões e orientações feitas pelos membros da banca Prof. Dr. Vicente Cabreira Calheiros (UFT/PROEF), Prof. Dr. Maurício Aires Vieira (UNIPAMPA/PPGE) e Prof. Dr. Marciel Barcelos Lano (UFRRJ/DEFD).

c) Após são apresentados três artigos produzidos com o objetivo de realizar uma soma de conhecimento voltado ao estudo de Brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé.

I. No primeiro artigo com o título “Tradição Em Movimento, Jogos e Brincadeiras De Matrizes Indígenas: Uma Revisão na Literatura”. Foi possível realizar uma análise das produções acadêmicas entre os anos de 2014 e 2024 sobre as brincadeiras e jogos das diferentes etnias.

II. No segundo artigo com o título “Jogos e Brincadeiras Apinajé: Um Legado De Diversão e Saberes”. Foi possível identificar os jogos e as brincadeiras dos povos Indígenas Apinajé, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e agendas nas aldeias, para conhecer essa cultura lúdica.

III. No terceiro artigo com título “Educação Física e Interculturalidade: Construção De Uma Cartilha Sobre Jogos E Brincadeiras Dos Povos Indígenas Apinajé”. Nesse artigo relatou-se todo o processo de criação do da cartilha.

Como recurso educacional temos a confecção de uma cartilha, com dez jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé, todos descritos na cartilha com opções de materiais recicláveis e de fácil acesso, com sugestões de planos de aulas, inclusão

das habilidades da BNCC e um pouco da história dos Apinajé.

2 MEMORIAL¹

A docência, a princípio, não chegou a ser cogitada entre as opções de futuras profissões almeçadas por este pesquisador, natural de Tocantinópolis/TO, uma cidade situada no extremo norte do estado, na divisa com o Maranhão, onde, na época, a Universidade Federal do Tocantins (UFT) oferecia apenas as licenciaturas em Pedagogia e Ciências Sociais. Dessa forma, a maioria da população ingressava nesses cursos e, posteriormente, começava a lecionar nas escolas.

Nesse contexto, não nutria o menor desejo de me tornar docente. No entanto, vamos agora conhecer um pouco dessa história de como um indivíduo que não tinha a menor pretensão de ministrar aulas, hoje ama ser professor de Educação Física (EF) e ainda adora ser chamado de “tio Miller”.

Antes de iniciarmos, permita-me apresentar: sou Miller Sorato Amorim de Souza, tenho 32 anos, sou casado há 11 anos, tenho um filho de 10 anos e, atualmente, sou professor na rede municipal de Araguaína/TO.

Como já fomos apresentados, iniciarei essa trajetória explicando um pouco sobre minhas vivências enquanto criança na cidade de Tocantinópolis. Esse momento representa um marco importante, pois minha infância foi marcada por muitas brincadeiras de rua, futsal nas quadras, esconde-esconde, peão, carrinho de rolimã e, por se tratar de uma cidade banhada pelo rio Tocantins e diversos ribeirões, sempre estava nadando. Essa ludicidade, nessa fase da vida, segundo Scala (2010), contribui para o desenvolvimento pleno dos aspectos psicomotores.

Ao chegar à Escola Paroquial Cristo Rei, onde cursei da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental, ganhei destaque nas aulas de Educação Física, por já possuir um repertório motor favorável. Estava sempre presente nos times de futsal durante as aulas, e essa modalidade reinava tanto nas aulas quanto no recreio e nos treinamentos. Com isso, os alunos menos habilidosos acabavam não participando das atividades, ficando sentados, brincando de outras coisas ou apenas conversando.

Nessa perspectiva, Darido et al. (2018) aponta alguns aspectos do afastamento dessa disciplina:

Um aspecto que pode contribuir para o gradativo afastamento dos alunos das

¹ (Memorial publicado na obra *Reminiscências no baú da memória: percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física*, EdUFT, 2024) disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/879/615>

aulas de Educação Física é o insucesso que muitos deles experimentam na disciplina. Não conseguir ser preciso num passe; não acertar a cesta; não passar a medida mais baixa no salto em altura; ficar em último na corrida; não conseguir seguir o ritmo – pode fazer com que esse aluno se sinta desconfortável com o seu próprio desempenho, levando-o a evitar situações em que essas dificuldades fiquem expostas e se convertam em motivo de constrangimento. A não participação é uma forma de proteção. (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018, p. 109).

Nesse sentido, essas aulas eram o máximo, pois sempre participava de todos os esportes. Entretanto, agora, olhando como professor, percebo uma didática carregada de uma metodologia tradicional, onde o ensino é centrado no docente e os mais habilidosos ganham protagonismo (FIGUEIREDO, 2008). Ainda nessa escola, encontrei outra área além da Educação Física (EF) na qual me destaquei: as exatas. Ganhei competições de matemática, representando minha turma. Ao encerrar esse ciclo, fui estudar no Colégio Dom Orione, onde permaneci até terminar o 3º ano do Ensino Médio. Esse colégio era uma referência na região, com alunos até de cidades vizinhas, como Estreito/MA e Porto Franco/MA, que reconheciam o valor do ensino e decidiam se deslocar para estudar lá.

Esse ensino era tão reconhecido que, por muito tempo, fui pressionado pela minha família, que alegava que eu precisaria estudar mais se quisesse passar de ano, pois o colégio apresentava um nível acadêmico muito mais elevado. Essa pressão resultou em noites sem sono e em um esforço constante para não desapontar ninguém. No entanto, ao receber os primeiros resultados, fiquei surpreso: destaquei-me como aluno, e essa trajetória de sucesso perdurou por muitos anos, sempre figurando entre os três melhores alunos da turma.

Em paralelo às boas notas, a convivência com a Educação Física (EF) manteve-se constante, agora incluindo as quatro modalidades esportivas que os professores costumavam ministrar: vôlei, basquete, futsal e handebol (FINCO; SILVA, MACIEL, 2020). O docente trabalhava cada uma dessas modalidades por bimestre, e as aulas eram compostas principalmente pela prática dos jogos, além de uma aula dedicada à teoria, que seria utilizada posteriormente em uma prova.

Com isso, havia uma prática desconectada da teoria. Como já mencionei, amava essas aulas, pois minha intenção era jogar, e não entender a importância cultural e corporal do movimento (CCM) envolvida nessas modalidades, que, conforme Almeida (2017), deve ser o foco da nova Educação Física Escolar (EFE).

Na unidade de ensino, tive grandes momentos de minha vida. Conheci um professor que foi uma grande inspiração para mim: Rubens Alves, que lecionava

matemática. Ele foi uma pessoa sensacional, sempre me motivando ao dizer que eu tinha uma enorme capacidade de resolver problemas, e constantemente me comparava a um importante matemático, que também se chamava Miller. Com todo esse incentivo, consegui chegar três vezes às fases finais da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). A partir disso, tinha certeza de que trabalharia em uma área relacionada às exatas. Durante o 2º ano do Ensino Médio, cheguei a fazer um curso técnico em contabilidade, mas nunca atuei na área.

Outra experiência importante foi a participação nas quadrilhas juninas da escola. Em Tocantinópolis, temos uma forte cultura em relação às quadrilhas juninas, e a cidade possui um local específico para a competição deste CCM, situado no principal ponto turístico à beira do rio. Assim, todas as escolas montam suas apresentações e participam da disputa. Esse festival já é uma tradição, com participações de cidades vizinhas e até mesmo da capital. A sensação de entrar naquele salão para se apresentar é única. Participei de quatro edições do evento. Essa vivência, segundo Carboneira e Carboneira (2008, p. 12), proporciona um melhor conhecimento do corpo, percepção do movimento e estimula aspectos cognitivos.

Ainda nessa escola, participei dos Jogos Estudantis do Tocantins (JETs), uma competição anual entre as escolas estaduais. Começa com a fase regional, onde as escolas da mesma regional disputam, e segue com a fase estadual, na qual os campeões regionais competem para saber quem representará o estado nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs). Minha equipe chegou até a fase estadual, e a emoção de viajar para outra cidade para jogar marcou minha vida escolar.

Ao concluir o Ensino Médio, prestei vestibular para o curso de Sistemas de Informação, na faculdade privada Instituto Presidente Antônio Carlos (ITPAC), em Araguaína. No começo, minha mãe, Maria do Socorro, e meu pai, Marcos Antônio, custeavam tudo, e fui morar com um casal de amigos deles. O início do curso foi deslumbrante, me apaixonei pelos códigos binários e pelos conteúdos que envolviam muito cálculo. Comecei a ganhar destaque na turma. Em contrapartida, dois amigos meus da escola entraram no curso de EF, e sempre que possível estava com eles. Jogávamos futsal na quadra da faculdade, e em alguns momentos, eu até faltava às minhas aulas para estar com a turma da EF. Esse contato me fez perceber uma enorme identificação com esse curso, e consegui uma bolsa de estudos no ano de 2010, no Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), em Palmas/TO,

por meio do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que, a partir de 2009, passou a ser não apenas uma medida do nível dos alunos, mas também uma porta de entrada para as faculdades (SILVEIRA; BARBOSA; SILVA, 2015).

Partindo desse ponto, mudei para a capital do Tocantins e comecei o curso de Licenciatura em EF, ainda com dúvidas se realmente gostaria de ser professor. Neste capítulo da minha vida, foram inúmeras descobertas. No início, com as matérias comuns a todos os cursos, como: cultura religiosa, sociedade e contemporaneidade, comunicação e expressão, e instrumentalização científica. Ainda não tinha percebido a dimensão dessa área, mas quando comecei com as matérias específicas do curso, percebi que estava no lugar certo. As dinâmicas das aulas e o processo de ensino-aprendizagem eram de um nível muito bom.

Em paralelo à vida acadêmica, comecei a trabalhar na empresa McDonald's, no Shopping Capim Dourado, onde executei várias funções e conquistei quatro promoções, passando de atendente a instrutor, coordenador e gerente. Dessa forma, consegui equilibrar trabalho e estudos por certo período. No entanto, ao chegar à gerência, as exigências aumentaram, e nos anos de 2011 e 2012 dei uma pausa na faculdade, retornando em 2013 com o objetivo de finalizar a graduação. Organizei minha grade curricular com o máximo de matérias possíveis e pedi demissão do trabalho. Esse foi um passo importante para poder me dedicar à área de fato.

A partir dessa decisão, consegui uma vaga no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma iniciativa que visa melhorar e aperfeiçoar a formação de docentes. Esse momento é considerado um dos pontos principais da formação, pois proporciona o contato direto com a sala de aula e a pesquisa de maneira integrada. Segundo De Mattos e Cardoso (2016), esse programa ajuda o futuro docente a entender o funcionamento da escola e, diferentemente dos estágios, ainda amplia o conhecimento em relação à construção do professor pesquisador.

No PIBID, atuei na Escola Municipal Monteiro Lobato, que atende os anos iniciais do Ensino Fundamental. A escola possui uma estrutura muito boa, com pátio coberto, quadra poliesportiva, refeitório e espaço para tênis de mesa. Os bolsistas desse programa formaram o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação para a Promoção da Saúde (GEPEPS), composto por acadêmicos dos cursos de Enfermagem, EF, Fisioterapia e Farmácia.

Os estudos no GEPEPS eram voltados para a promoção da saúde, iniciando com testes físicos, composição corporal e entrevistas para detectar o nível de

atividade física dos alunos e a alimentação da comunidade escolar. A partir disso, foram desenvolvidas ações como a implementação de peixe no cardápio escolar, palestras com a comunidade e oficinas sobre alimentação saudável. A partir dessa vivência, participei de um congresso internacional do PIBID, na faculdade UNIVATES, em Lajeado – RS, um momento especial com apresentações de trabalhos voltados para a educação. O artigo apresentado foi "Inovações Pedagógicas para Promoção da Saúde", contemplado nos anais do evento. Após a apresentação, participei de rodas de conversa, recebendo inúmeros elogios. Até grupos de Campinas/SP pediram para integrar o projeto, com o objetivo de tentar reproduzir algo similar com o grupo deles

Em outros momentos, como membro do GEPEPS, acabei por participar de algumas produções dos colegas por meio de coautorias, que chegaram até em seminários na renomada Universidade de São Paulo (USP). Segundo Rosa e Mattos (2013), o PIBID é um espaço de convivência, socialização e de experiências e construção de identidade docente. Corroborando com esse pensamento, Dos Anjos e Costa apontam:

Compreendemos então, que o PIBID contribui para uma análise reflexiva da prática docente que resulta na formação de uma identidade profissional, a qual permita que como futuros docentes, possamos ultrapassar as barreiras da gestão autoritária, dos planejamentos pré-elaborados, da hierarquização existente numa cultura tecnocrática e assim garantir uma docência compartilhada, uma aprendizagem significativa que resulte em indivíduos educados para o saber e não unicamente para o saber fazer. (ANJOS; COSTA, 2102, p. 4).

Deste modo, assim como o exposto acima, concordo que esse programa mudou minha visão sobre a sala de aula. Percebi o quanto os alunos se destacavam no processo de todos os encontros e oficinas, cada um participando de sua maneira, o que tornava a aprendizagem muito mais significativa. Um fato que ficou marcado em minha memória foi um encontro casual com um dos alunos na feira do Bosque. Quando me viu, logo me disse que não tinha comido nenhum pastel gorduroso. Nesse momento, percebi que ele havia absorvido o conhecimento das palestras e estava colocando-o em prática.

Dando continuidade, participei de mais uma pesquisa no grupo, agora relacionada aos povos quilombolas moradores do quilombo da Barra da Aroeira, com brincadeiras e jogos populares, a inserção de peixe na merenda escolar, testes físicos, entrevistas e palestras. Mais uma vez, um trabalho encantador. Fiz algumas análises

sobre as brincadeiras e jogos trabalhados pelos professores pedagógicos que ministravam aulas de EF na escola.

Passando agora pelas disciplinas da graduação, cursei cinco esportes: atletismo, lutas, basquetebol, futebol de campo e voleibol. Em todas essas disciplinas, os professores conseguiram equilibrar teoria e prática, utilizando diferentes métodos no ensino dos esportes. Gostaria de destacar o professor César Leão, que sempre conversava bastante comigo e apontava que teve que se reconstruir várias vezes ao ensinar esportes. Ele sempre ressaltava que as aulas de EF não eram para a detecção de talentos. Os autores Bracht e Almeida (2003) asseguram que essa detecção durante a aula pode exercer uma influência negativa, destacando alguns alunos e excluindo outros, o que cria uma barreira como forma de defesa.

A disciplina que também ganhou um lugar especial em minha memória foi Fundamentos da Ação Pedagógica, com as docentes Cidinha Medina e Adriana Zemier. Elas abordavam todo o contexto histórico e discutiam muitos temas relevantes. Dentre eles, havia um projeto de visitas às aldeias indígenas próximas à cidade de Tocantínia, que envolvia ação social, com doações, apresentações culturais para os povos indígenas e leituras infantis para as crianças. A professora Cidinha tinha uma familiaridade com todos da tribo, que a recebiam como um membro da comunidade, o que me chamou bastante atenção.

Nesse período, como já havia saído do meu outro emprego e começado as disciplinas de estágio, e com as vivências do programa, decidi me aventurar por essa área. Logo em seguida, comecei a estagiar na Escolinha de Futebol do Fluminense, onde inicialmente acompanhei o professor por um tempo e, no mês seguinte, já estava com duas turmas: sub 7 e sub 9. Com isso, me adaptei rapidamente e fui indicado para ministrar aulas de natação em um colégio particular durante a licença da professora. Embora eu não tivesse muita experiência, estudei bastante, observei algumas aulas e desenvolvi um bom trabalho, tanto que, quando a professora voltou de licença, fui convidado a continuar estagiando, mas agora com a coordenação e monitoria de sala. Nessa escola, conheci um professor de EF que me ajudou bastante, o Juracy Jr., que me encaminhou para algumas oportunidades que citarei a seguir.

Nessa perspectiva, me formei no ano de 2015 e comecei a atuar na Escolinha de Futebol do Flamengo, onde trabalhei por cerca de três anos. Paralelamente, fui chamado para uma escola de tempo integral como professor substituto, onde fiquei por um ano, lecionando natação e handebol. Em seguida, fiz um processo seletivo

para integrar um projeto das forças armadas no esporte, conhecido como Segundo Tempo, uma parceria com o 22º Batalhão de Infantaria e o governo federal. Esse projeto atendia cem crianças no contraturno escolar, e coincidentemente era executado na mesma escola onde trabalhei com o PIBID. Foram dois anos de grande aprendizado. As crianças eram de famílias de baixa renda e recebiam muitos benefícios, como tênis, meias, touca, óculos de natação, chuteiras, quimonos, uniformes, bolsas, garrafinhas e cestas básicas. Esse projeto abrangia vários aspectos da vida dos participantes, podendo ser um divisor de águas, oferecendo uma nova visão de mundo (FERREIRA; CASSIOLATO; GONZALES, 2009).

Durante esse projeto, também comecei a atuar em academias e recebi um convite para realizar um curso de CrossFit em Goiânia - GO. Foram seis meses de curso, com aulas presenciais uma vez por mês. Durante esse curso, formamos um vínculo muito forte. Dos cinco participantes, três se juntaram para montar uma box de CrossTrainer chamada Priority. A princípio, senti o que todo dono de empresa sente: dificuldades para equilibrar o caixa, falta de mão de obra qualificada e aluguel muito caro. Essa experiência durou um ano e oito meses, até que assumi um novo emprego, e não tinha mais tempo para contribuir com a distribuição de horários. Então, vendi minha parte na empresa, que, após quatro meses, acabou fechando.

Agora, vou falar sobre uma fase também excepcional. Já havia trabalhado nas escolinhas de futsal do Colégio Marista Palmas, e, ao saber de um processo seletivo para a contratação de um professor para a EF, nem pensei duas vezes: me inscrevi e passei pelas quatro fases do certame. Essa unidade escolar me proporcionou convívio com professores renomados, conhecidos em todo o Tocantins, e uma estrutura excelente, com três quadras e materiais sobrando para a maioria dos esportes, além de constantes formações semanais. Assumi a EF do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, e também dei treinamentos de vôlei e futsal, com alunos desde a iniciação esportiva até a fase de especialização.

Nesse contexto, me identifiquei com a forma como o colégio conduzia o processo de ensino, e com a questão religiosa, pois participava das missões nas cidades vizinhas com os alunos. No esporte, consegui montar dois times, um de futsal e outro de vôlei, com o intuito de participar do Inter-Maritano, um campeonato entre todas as escolas Marista do Brasil. Quando assumi a unidade, o colégio não conseguia montar times para essa competição há três anos. Ao chegar, motivei os alunos e obtive sucesso. O time de vôlei ficou em quarto lugar, à frente de cidades

como o Rio de Janeiro, e o time de futsal chegou até as quartas de final.

Contudo, passei no concurso da prefeitura de Araguaína/TO em 2021 e decidi mudar para essa cidade. A direção do Marista conseguiu organizar meus horários, de modo que eu ficava na nova cidade nas segundas, terças e quartas e, à noite, viajava para Palmas, onde lecionava nas quintas e sextas. No ano de 2022, pedi demissão e passei a ser apenas professor na rede municipal de Araguaína.

No mesmo ano, fiz uma especialização em Educação Física Escolar, que exigiu de mim algumas competências que não estava mais acostumado a usar, mas que, aos poucos, reacenderam minha vontade de pesquisar, publicar artigos, participar de congressos e conhecer novos conteúdos. Após terminar a graduação, desviei um pouco da pesquisa, pois precisava ingressar na área, já que a situação financeira estava difícil, com meu filho de apenas dois anos e minha esposa desempregada.

Com esse despertar para a pesquisa, comecei a organizar projetos de pesquisa para concorrer ao mestrado em Educação na UFT, mas soube do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Quando fui informado, as inscrições já haviam se encerrado, então esperei o lançamento de um novo edital. Quando finalmente foi lançado, me inscrevi e estudei muito para realizar o sonho de cursar um mestrado.

Esse modelo de mestrado profissional tem um papel fundamental na melhoria da qualidade da educação básica. Para Silva (2017), é uma mudança de paradigma para o profissional que está no chão da escola, proporcionando uma formação de qualidade e inúmeras trocas de experiência.

Ao iniciar essa pós-graduação, percebi o quanto estava acomodado, com planos prontos de anos anteriores que só modificava e aplicava novamente. No entanto, ao cursar a primeira disciplina, "Problemáticas da EFE", comecei a voltar meu olhar para minha turma, entendendo a realidade do discente para contextualizar o conteúdo. Havia situações descritas nos artigos obrigatórios que pareciam ser minhas aulas, o que melhorou minha didática. Apenas com essas matérias, já percebi uma mudança no ensino-aprendizagem.

Cada artigo ou encontro é uma troca de experiências de diferentes realidades, unidas por um propósito de melhoria da EF. Os mestrandos, de diferentes fases da graduação, analisam cada grade curricular e entendem a predominância de cada metodologia de acordo com a formação. Assim, percebi uma mudança em minha rotina, com inúmeras leituras, contextualizações sobre os desafios, criação de projetos

e planos em diferentes unidades temáticas.

Nesse capítulo dessa história, gostaria de acrescentar que consegui passar no concurso da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins em primeiro lugar, somando as provas objetiva e discursiva, tudo graças ao estudo realizado no mestrado, com os temas mais atuais da área.

Deste modo, o PROEF veio agregar valores e sentidos à prática desse docente, que sentiu novamente aquela sensação boa durante a aula, ao ver seus alunos se destacando, assumindo o protagonismo durante todo o processo, e valorizando a cultura corporal do movimento, reconhecendo o indivíduo em seus diferentes aspectos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física Escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. **Corpoconsciência**, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5312>. Acesso em: 7 nov. 2023.

ANJOS, Lucélia Carla da Silva dos; COSTA, Ideuvaneide Gonçalves. A contribuição do PIBID à formação docente. **II Seminário de Socialização do PIBID-UNIFAL-MG**, 2012. Disponível em:

FERREIRA, Helder Rogério Sant'Ana; CASSIOLATO, Maria Martha de Menezes Costa; GONZALEZ, Roberto Henrique Sieczkowski. **Uma experiência de desenvolvimento metodológico para avaliação de programas: o modelo lógico do programa segundo tempo**. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1545>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. **Revista Movimento**, v.14, n. 1, p. 85-110, Porto Alegre, janeiro/abril, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115316019005.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FINCO, Mateus David; DA SILVA MACIEL, Josenildo. Kabaddi na escola: conteúdo de ensino para professores de educação física. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b61a/6b4efa21be0db9a38ed832afe1b94cfe5fc0.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2023.

MATOS, Diulha Matos de; CARDOSO, Ana Lucia; ORTIGARA, Vidalcir. PIBID na formação de professores de educação física: expectativa e realidade. **Comunicações**, v. 23, n. 3, p. 113-126, 2016. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2646>. Acesso em: 6 nov, 2023.

ROSA, Kaciana Silveira; MATTOS, Laércio. Tem gente nova na escola: os benefícios do Pibid para o espaço escolar. **Veras**, v. 3, n. 2, p. 160-173, 2013. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/130CA>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SCALHA, Thais Botossi et al. A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. **Rev. psicol. UNESP**, p. 79-92, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/psi-52763>. Acesso em: 5 nov. 2023.

SILVA, WAGNER RODRIGUES. Formação sustentável do professor no mestrado profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 708-731, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kgsJwJDkb3hvdfTtk7Qm7vx/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 7 nov. 2023

SILVEIRA, Fernando Lang da; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; SILVA, Roberto da. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 37, p. 1101, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/TpSdTxpHR3XBgFttPmgmyPF/>. Acesso em: 6 nov. 2023.

3 PROJETO DE PESQUISA²

3.1 Introdução

Os jogos e as brincadeiras desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Segundo Huizinga (2000), o jogo é mais antigo do que a própria cultura, ao passo que sempre esteve presente em toda a atividade humana. Segundo o autor supracitado, o jogo pode ser definido como:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotados de um fim em si mesmo acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana. (HUIZINGA, 1971, p. 33).

Kishimoto (1994, p. 108), coloca que “o jogo enquanto fato social assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este o aspecto que nos mostra porque o jogo aparece de modos tão diferentes”. Nesse sentido, a brincadeira também é uma atividade voluntária, muito presente na infância e apreciada pelas crianças, talvez até se pareça como algo inato, porém é uma atividade marcada por sentidos e significados e passa pelo processo de aprendizagem (HUIZINGA, 2004).

Este brincar também representa a cultura lúdica infantil que não é homogênea, assim como as infâncias, as brincadeiras variam entre as crianças, as idades, os espaços disponíveis, o gênero, a condição econômica e a cultura local, sendo um objeto de estudo que merece destaque (ABRÃO *et al*, 2022).

Nessa perspectiva, essa cultura lúdica terá grande influência do meio ao qual esta criança está inserido, de acordo com Brougère (2010, p. 53), “essa cultura lúdica não está fechada em torno de si mesma; ela integra elementos externos que influenciam a brincadeira: atitudes capacidades, cultura e meio social”. Pensando nesse contexto, as brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas, representam uma cultura brasileira que não pode ser esquecida, a inserção das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 torna obrigatória a inclusão no currículo oficial o ensino da temática História e cultura afro-brasileiro e indígena (BRASIL, 2003; BRASIL, 2008).

O objetivo da criação das Leis supracitadas é reconhecer e valorizar os

² Projeto de pesquisa aprovado em qualificação em 19 de março de 2024.

aspectos originados dos povos indígenas nativos e dos negros, para uma democratização da educação brasileira, com o intuito de reafirmar a importância desses povos na história brasileira, assim constituindo um empoderamento dessas culturas e a diminuição do preconceito frente a esses povos (PIO; ARAÚJO, 2019).

Corroborando com o intuito dessas leis, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apresenta o objeto de conhecimento Brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas, do 3º ano ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No referido documento é mencionado que:

Neste documento, as brincadeiras e os jogos têm valor em si e precisam ser organizados para ser estudados. São igualmente relevantes os jogos e as brincadeiras presentes na memória dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, que trazem consigo formas de conviver, oportunizando o reconhecimento de seus valores e formas de viver em diferentes contextos ambientais e socioculturais brasileiros (BRASIL, 2018, p. 214).

A partir deste contexto a escolha do tema de pesquisa, que aborda os jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé, reflete um interesse acadêmico e pessoal voltado à preservação e valorização das práticas culturais indígenas, especialmente aquelas que envolvem o lúdico. Como professor de Educação Física, sempre me senti motivado a investigar como as práticas corporais e lúdicas se manifestam em diferentes culturas e contextos. Os jogos e brincadeiras, frequentemente desconsiderados nas abordagens tradicionais, desempenham um papel fundamental na construção social, na transmissão de saberes e valores, além de contribuírem para a formação da identidade dentro das comunidades. Como destaca Cunha (2015), "as brincadeiras são expressões culturais que, mais do que entreter, transmitem conhecimentos e valores que definem a identidade do grupo". Nesse sentido, compreender o aspecto lúdico dos povos indígenas Apinajé oferece uma oportunidade para ampliar o entendimento sobre o papel do brincar enquanto uma prática social e educativa.

Além disso, minha experiência pessoal com comunidades indígenas e o contato direto com suas práticas culturais me sensibilizaram para a importância de investigar e documentar essas manifestações lúdicas. Ao focar nos jogos e brincadeiras dos Apinajé, busco apresentar um recurso pedagógico que possa ser utilizado por professores de Educação Física do município de Tocantinópolis/TO, que ministram aulas para o 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais. A pesquisa visa contribuir para a literatura acadêmica ao resgatar essas práticas como elementos

centrais para a formação e manutenção da identidade Apinajé³.

Os primeiros registros desses povos indígenas Apinajé, foram feitos pelo alemão Nimuendajú, onde ele relatou por meio de uma pesquisa etnográfica o surgimento desses povos e o primeiro contato com a população urbana em 1774, ressaltando os inúmeros confrontos por terra no estado do Pará (NIMUENDAJÚ, 1983).

Em seu livro, os Apinayé, aponta a chegada desses povos na região do bico do papagaio, no qual firmaram suas aldeias e hoje o seu território e de 142 mil hectares, segundo Nimuendajú (1983, p. 14) esses povos escolhiam os locais para as aldeias seguindo alguns critérios:

Os Apinayé nunca localizam suas aldeias na mata, mas sempre no campo alto e aberto, a uma distância de pelo menos 500 metros da água. As suas aguadas são sempre os ribeirões fortes e de curso permanente. Eles não se satisfazem com pequenos córregos, como os usados pelo xerentes de Alta Providência, ou com cacimbas dos seus vizinhos a leste: os Timbira Krinkati das cabeceiras do rio Pindaré. (NIMUENDAJÚ, 1983, p. 14).

Pensando nos critérios quanto à localização das aldeias indígenas Apinajé, apresentados por Nimuendajú, faz sentido onde se localizam essas aldeias, próximas a Tocantinópolis/TO, cercadas por córregos e em pontos mais altos. Esses indivíduos estão inseridos no cotidiano da cidade, com uma presença significativa na zona urbana, incluindo pela primeira vez uma representação política com o vereador Davi Apinajé eleito para a Câmara Municipal. Além disso, a interação interétnica é constante, manifestando-se em diversos espaços como mercados, campeonatos de futsal e futebol, e nas escolas do município, que acolhe crianças indígenas. Esses contatos frequentes promovem um ambiente de convivência mútua, favorecendo o intercâmbio cultural e a construção de uma sociedade mais plural e integrada (TORRES, 2022).

Essa pesquisa pretende compreender o ensino dos professores de Educação Física (EF) da rede municipal de Tocantinópolis/TO, perante esse objeto do estudo e ainda realizar entrevistas com os indígenas Apinajé, objetivando conhecer essa cultura acerca de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé. No campo social,

³ Identidade Apinajé: é um conceito que envolve um conjunto de características culturais, sociais, históricas e espirituais compartilhadas por esse povo indígena. Ela se manifesta por meio de práticas, crenças, línguas, tradições, valores, símbolos e modos de vida que são transmitidos de geração em geração, e que representam a conexão desses povos indígenas com seu território, sua história e suas raízes ancestrais.

a implementação de jogos e brincadeiras indígenas no contexto escolar pode proporcionar uma nova perspectiva, tanto para os professores como para os alunos, permitindo que se aproximem da diversidade cultural e ampliem sua compreensão sobre os diferentes modos de vida. Ao vivenciarem práticas lúdicas de uma cultura distinta da sua, eles têm a oportunidade de desenvolver empatia, respeito e um entendimento mais profundo sobre as tradições e valores dos povos indígenas Apinajé.

A partir dessa realidade de convivência interétnica, a escola se configura como um espaço privilegiado para a implementação de uma educação intercultural. Como destaca Brandão (2009), a educação intercultural busca promover o respeito e a valorização das diferentes culturas, criando uma abordagem pedagógica que reconheça e integre as diversidades étnicas e culturais no processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, os educadores têm a responsabilidade de construir práticas que não apenas respeitem as particularidades culturais dos alunos indígenas, mas que também sensibilizem os demais estudantes para as diversas tradições e modos de vida que coexistem na sociedade. Ao integrar a história, as línguas, os costumes e os saberes dos povos indígenas no currículo escolar, a escola não só contribui para a preservação e valorização dessas culturas, mas também promove o desenvolvimento de um ambiente mais inclusivo e consciente das desigualdades sociais e culturais existentes.

Assim sendo, por se tratar de um estudo em um mestrado profissional, o resultado deverá apresentar um recurso educacional, que podem ser inúmeros, porém devem cumprir o papel de criar mecanismo que melhorem a Educação Básica, como por exemplo: aplicativos, manuais, materiais didáticos, curso de formação profissional e outros (BRASIL, 2013).

Dessa forma, o recurso resultante da presente pesquisa será uma cartilha digital, a qual contemplará as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé, além da promoção de oficinas destinadas a apoiar os professores de Educação Física dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Tocantinópolis/TO. O objetivo é proporcionar subsídios para que esses educadores abordem os objetos de conhecimento relacionados à temática indígena, conforme estabelecido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), favorecendo a aproximação dos alunos com a cultura indígena. Esse processo poderá contribuir para o fortalecimento da conexão entre as comunidades indígenas e a população urbana, especialmente ao possibilitar que as

crianças conheçam e compreendam uma cultura que, embora esteja próxima, muitas vezes permanece distante em termos de reconhecimento e valorização.

3.2 Problema da Pesquisa

Entende-se que uma educação intercultural deve destacar a origem da comunidade e contemplar as transformações dela, sendo uma forma de valorização e um processo de formação dos indivíduos que reconheçam as diferentes culturas corporais, com enfoque nos objetos do conhecimento pertencentes ao seu convívio social. Portanto, os docentes devem ressaltar em suas aulas a importância das diferentes culturas valorizando e respeitando-as (GRANDO, 2010).

Considerando que é obrigatório o ensino intercultural amparado por leis e diretrizes da educação, esse ensino de brincadeiras e jogos de matrizes indígenas colaboram para uma harmonia nesses constantes contatos interétnicos (TORRES, 2022), assim surge o seguinte problema de pesquisa: **De que forma as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé estão sendo trabalhadas nas aulas de Educação Física nas unidades de ensino do Município de Tocantinópolis/TO?** .(Como a criação de uma cartilha sobre as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé pode contribuir para a preservação e valorização da cultura tradicional dessa etnia, promovendo o reconhecimento e o respeito pela diversidade.

3.3 Justificativa

A cidade de Tocantinópolis/TO possui uma identidade cultural com os povos indígenas Apinajé que estão presentes em seu território com três aldeias. Segundo o IBGE (2022), somam um total de 1913 indígenas. Essa convivência entre indígenas e a população não indígena tem criado um ambiente dinâmico, marcado por intercâmbios culturais e sociais, especialmente nas áreas urbanas e nas escolas locais. A interação diária entre esses grupos, revela a importância de uma abordagem educacional que reconheça e valorize as especificidades culturais dos povos indígenas Apinajé, promovendo uma maior inclusão e respeito mútuo. Nesse contexto, é favorável que a educação municipal de Tocantinópolis contemple práticas que envolvam as tradições e saberes indígenas, em especial os jogos e brincadeiras dos Apinajé, como ferramenta pedagógica no ambiente escolar.

A criação de uma cartilha com jogos e brincadeiras indígenas Apinajé se justifica pela necessidade de promover uma educação intercultural que reconheça e valorize as culturas originárias no currículo escolar. Como ressaltava Brandão (2009), a educação intercultural deve ser um processo contínuo de troca e respeito mútuo entre diferentes culturas, e as brincadeiras tradicionais dos povos indígenas são um recurso valioso nesse processo. Ao integrar essas práticas lúdicas nas escolas, a cartilha contribuirá para a ampliação do repertório cultural dos alunos, além de estimular o respeito pela diversidade cultural local.

Já no campo científico, os estudos realizados no estado do Tocantins, acerca de brincadeiras e jogos dos povos indígenas são escassos. Em uma pesquisa bibliográfica conseguimos identificar somente um trabalho produzido nesse contexto que buscou nos povos Akwê-Xerente fatores de riscos relacionados à saúde e categorizou brinquedo, brincadeiras e jogos dessa etnia (BRINGEL, 2019). Mediante o exposto, estamos diante de um objeto que precisa ganhar destaque, por se tratar de um estado que possui uma população de 1.577.342, sendo destes 20.023 indígenas, cerca de 1,27% do total de pessoas (IBGE, 2022).

Dessa forma, esse estudo servirá de base para a difusão desse conteúdo, pensando nos Professores da rede municipal de ensino, em especial os de Educação Física, terão mais uma ferramenta para sua aula, embasados pela BNCC (2018), que contempla em um sentido geral essas Brincadeiras e jogos de matriz indígenas como objeto do conhecimento do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental anos iniciais.

Assim, esta pesquisa contribuirá para que os professores integrem jogos e brincadeiras dos povos Apinajé em suas práticas pedagógicas, possibilitando aos estudantes uma vivência significativa de uma cultura ancestral presente há décadas no entorno de seu município, mas que, muitas vezes, permanece desconhecida por eles. Além disso, para os povos indígenas Apinajé, essa iniciativa favorece o fortalecimento de sua identidade cultural, ao registrar e valorizar essas práticas lúdicas por meio de uma cartilha. Tal ação mostra-se especialmente relevante no contexto atual, em que o contato com a zona urbana tem provocado transformações culturais. Nesse sentido, conforme argumenta Torres (2022), as interações interétnicas na cidade de Tocantinópolis desempenham um papel crucial nesse processo de transformação cultural.

Análise dos Projetos Político-Pedagógicos das Escolas Municipais: Alto da Boa Vista II, Walfredo Campos Maia, Prof. Antônio Farias, 7 de setembro, Antônio Fernandes dos Santos, Alvino Nunes da Silva, Manoel de Sousa Lima e Novo Aeroporto

Os Projetos Político-Pedagógicos (PPP) são documentos essenciais para orientar as práticas pedagógicas e os objetivos educacionais, refletindo os valores e as diretrizes que norteiam o processo de ensino-aprendizagem. No contexto das escolas municipais Alto da Boa Vista II, Walfredo Campos Maia, Prof. Antônio Farias, 7 de setembro, Antônio Fernandes dos Santos, Alvino Nunes da Silva, Manoel de Sousa Lima e Novo Aeroporto, que atendem aos anos iniciais do ensino fundamental, os PPPs revelam um compromisso comum com a formação integral dos estudantes.

Convergências nos Projetos Político-Pedagógicos

A análise comparativa dos PPPs dessas escolas evidencia convergências significativas, especialmente no que diz respeito à valorização cultural e à promoção de um ambiente inclusivo e diversificado. Um ponto de destaque é a **celebração do Dia dos Povos Originários**, presente em todos os documentos analisados. Essa comemoração reflete um esforço coletivo em reconhecer e valorizar a importância histórica e cultural dos povos originários na formação da identidade local e nacional, alinhando-se às diretrizes de educação para a diversidade cultural.

Além dessa celebração, os PPPs compartilham outros objetivos relevantes:

Desenvolvimento Integral: Todos os documentos destacam a importância de formar sujeitos críticos, reflexivos e participativos, valorizando tanto as competências cognitivas quanto as socioemocionais.

Inclusão e Diversidade: Há um compromisso coletivo em promover um ambiente escolar inclusivo e respeitoso, reconhecendo e valorizando as diferenças culturais, sociais e étnicas.

Valorização Cultural: A celebração do Dia dos Povos Originários aparece como uma ação comum, representando um esforço em integrar a diversidade cultural ao cotidiano escolar.

Limitações na Abordagem da Cultura Indígena Apinajé

Embora haja um movimento importante de valorização da diversidade cultural nos PPPs analisados, a abordagem da cultura indígena Apinajé revela-se limitada e pontual. Mesmo estando presente na comunidade local, a cultura Apinajé é abordada de forma superficial, concentrando-se em atividades pontuais e comemorativas, sem um planejamento pedagógico contínuo e aprofundado ao longo do ano letivo.

As principais limitações identificadas incluem:

Superficialidade na Abordagem Cultural: As ações relacionadas à cultura Apinajé limitam-se, em grande parte, às celebrações do Dia dos Povos Originários, sem desdobramentos consistentes na prática pedagógica cotidiana.

Representações Limitadas: As atividades realizadas geralmente envolvem representações culturais superficiais, como danças, músicas e vestimentas, sem explorar profundamente a história, os valores, as línguas e os conhecimentos tradicionais desse povo indígena.

Distanciamento da Realidade Local: Apesar da presença significativa da cultura Apinajé na comunidade local, os PPPs não promovem um vínculo consistente entre escola e comunidade indígena, limitando o potencial de integração cultural e educativa.

Desafios e Perspectivas para uma Abordagem Significativa

A inclusão da cultura indígena Apinajé nos PPPs das escolas demanda um movimento intencional de aprofundamento pedagógico, indo além das comemorações pontuais. Nesse sentido, é necessário um esforço para integrar essa cultura de maneira transversal e contínua ao currículo escolar, promovendo um aprendizado contextualizado e significativo.

Para avançar nessa perspectiva, recomenda-se:

Integração Curricular Permanente: A cultura Apinajé deve ser abordada de forma contextualizada e contínua, permeando diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, fortalecendo o respeito e a valorização dessa identidade cultural.

Parcerias com a Comunidade Indígena: A construção de parcerias com lideranças e educadores indígenas pode enriquecer o processo educativo, proporcionando trocas culturais autênticas e fortalecendo o reconhecimento mútuo.

Formação Continuada para Educadores: É essencial capacitar os docentes para abordar a cultura Apinajé com profundidade e sensibilidade, utilizando metodologias que valorizem a diversidade cultural e promovam um aprendizado crítico e contextualizado.

Desenvolvimento de Materiais Didáticos Contextualizados: A produção e utilização de materiais didáticos que representem a cultura Apinajé de maneira autêntica e respeitosa são fundamentais para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

Os Projetos Político-Pedagógicos das escolas Alto da Boa Vista II, Walfredo Campos Maia, Prof. Antônio Farias, 7 de Setembro, Antônio Fernandes dos Santos, Alvin Nunes da Silva, Manoel de Sousa Lima e Novo Aeroporto demonstram um esforço coletivo em valorizar a diversidade cultural, especialmente por meio da celebração do Dia dos Povos Originários. No entanto, é fundamental avançar na abordagem da cultura indígena Apinajé, superando representações pontuais e superficiais e promovendo uma valorização mais profunda e significativa dessa identidade cultural.

Para que isso ocorra, é necessário revisar e atualizar os PPPs, adotando práticas pedagógicas estruturadas e contextualizadas, que fortaleçam o vínculo entre a escola e a comunidade indígena. Dessa forma, a educação não só valorizará as raízes culturais locais, mas também contribuirá para a formação de cidadãos críticos, conscientes e respeitosos da diversidade cultural presente na sociedade brasileira.

Análise do questionário aplicado aos professores de educação física de Tocantinópolis/To

A cultura corporal dos povos indígenas carrega um rico repertório de jogos e brincadeiras que vão além do aspecto lúdico, desempenhando um papel fundamental na transmissão de saberes e na construção da identidade cultural (MOREIRA; PERES, 2019). Segundo Tassinari (2001), os jogos e brincadeiras indígenas são expressões culturais que refletem a cosmovisão e os valores desses povos, sendo essenciais para a manutenção de suas tradições. No entanto, a inserção dessas práticas na Educação Física escolar ainda enfrenta desafios, especialmente devido à ausência de formação específica dos professores sobre o tema (SILVA; MACEDO, 2002).

Este estudo analisa as percepções e práticas de 13 professores de Educação Física do município de Tocantinópolis/TO em relação ao ensino de brincadeiras e jogos de matrizes indígenas, buscando identificar lacunas e propor melhorias para a prática pedagógica. A pesquisa se justifica pela necessidade de promover uma educação intercultural que valorize a diversidade cultural e contribua para a construção de uma sociedade mais inclusiva (CANDAU, 2008).

3.4 Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário aplicado a 13 professores de Educação Física, com idades entre 28 e 34 anos (nascidos entre 1989 e 1995). A amostra incluiu professores com diferentes vínculos empregatícios (efetivos e contratados) e níveis de formação (graduação e pós-graduação lato sensu). Os dados foram analisados qualitativamente, com base na análise de conteúdo (BARDIN, 2011), e quantitativamente, por meio de estatísticas descritivas.

3.5 Resultados e discussão

3.5.1 Perfil dos Professores

- **Vínculo Empregatício:** Dos 13 professores, 4 são efetivos e 9 são contratados. Essa distribuição reflete a realidade precária do trabalho docente no Brasil, onde a contratação temporária é uma prática comum (OLIVEIRA, 2010).
- **Formação Acadêmica:** 6 professores possuem pós-graduação lato sensu, mas nenhum possui pós-graduação stricto sensu. Essa lacuna na formação especializada pode limitar a capacidade dos professores de abordar temas complexos, como a interculturalidade (TARDIF, 2014).
- **Anos de Experiência:** A maioria dos professores possui entre 5 e 10 anos de experiência na docência, o que sugere um grupo com certa maturidade profissional, mas ainda carente de formação continuada específica sobre culturas indígenas.

Gráfico 1: Distribuição dos professores por vínculo empregatício



Fonte: o autor.

3.6 Práticas Pedagógicas

- **Atividades Lúdicas Predominantes:** As brincadeiras mais comuns nas aulas são pega-pega, queimada e pique-bandeira. Nenhum professor mencionou a inclusão regular de jogos indígenas. Segundo Kishimoto (2001), as brincadeiras tradicionais são importantes, mas não devem ser as únicas atividades desenvolvidas, especialmente em contextos multiculturais.

- **Formação Continuada:** Nenhum dos professores recebeu formação continuada sobre brincadeiras e jogos de matrizes indígenas. Isso reforça a necessidade de políticas públicas que promovam a formação docente em temas interculturais (CANDAU, 2008).

- **Eventos Específicos:** 7 professores mencionaram desenvolver atividades relacionadas aos povos indígenas, mas apenas em datas comemorativas, como o Dia dos Povos Indígenas. Segundo Giralдин e Apinagé (2019), a educação indígena deve ser compreendida como um processo contínuo, e não apenas como ações pontuais em datas comemorativas.

3.7 Lacunas na Formação e Prática

- **Formação Inicial:** A formação inicial dos professores mostrou-se limitada no que tange ao ensino de práticas culturais diversificadas (NUNES, 2002).

Apenas 4 professores relataram ter tido contato superficial com jogos indígenas durante a graduação. Segundo Sacristán (2013), a formação docente deve preparar os professores para lidar com a diversidade cultural, o que não tem sido uma realidade no Brasil.

- **Materiais didáticos:** Nenhum dos professores teve acesso a materiais didáticos específicos sobre brincadeiras e jogos indígenas, o que limita a inclusão dessas práticas no cotidiano escolar. Para Bardin (2011), a falta de recursos pedagógicos adequados é um dos principais obstáculos para a implementação de práticas interculturais.

Gráfico 2: Contato com jogos indígenas durante a formação inicial



Fonte: o autor.

3.8 Sugestões dos professores

Na última questão do questionário, os professores sugeriram que um material didático sobre jogos e brincadeiras indígenas deve incluir:

1. História e costumes dos povos indígenas.
2. Regras detalhadas das brincadeiras.
3. Formas de adaptação ao contexto escolar.
4. Contextualização histórica e cultural.

3.9 Conclusão e recomendações

A análise evidenciou que, embora os professores reconheçam a relevância da cultura corporal dos povos indígenas, ainda há uma lacuna significativa na formação

inicial e continuada sobre o tema. A ausência de materiais didáticos específicos também limita a inclusão dessas práticas nas aulas de Educação Física. Para superar esses desafios, sugere-se:

Formação Continuada

Implementar cursos de formação continuada sobre práticas culturais indígenas, com foco na Educação Física escolar. Segundo Tardif (2014), a formação continuada é essencial para a atualização dos professores e para a superação das lacunas deixadas pela formação inicial.

Produção de Materiais Didáticos

Desenvolver uma cartilha educativa, em parceria com comunidades indígenas, que contemple história, regras e adaptações dos jogos e brincadeiras. Para Freire (2003), a produção de materiais didáticos deve ser um processo colaborativo, envolvendo os sujeitos das práticas culturais.

Inclusão Curricular

Promover a integração de práticas indígenas no currículo de Educação Física, de forma contínua e não apenas em datas comemorativas. Segundo Walsh (2009), a interculturalidade deve ser um eixo transversal em todas as áreas do conhecimento.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Compreender o ensino dos professores de Educação Física da rede municipal de Tocantinópolis/TO, acerca das brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé (Desenvolver uma cartilha que registre e apresente as brincadeiras e jogos tradicionais dos povos indígenas Apinajé, destacando sua importância cultural, educativa e social, com o intuito de preservar esses conhecimentos e promover a valorização das práticas lúdicas indígenas na

4.2 Objetivos Específicos

- Mapear as produções científicas que contemplam estudos sobre brincadeiras e jogos dos povos indígenas entre os anos de 2014-2023.
- Identificar como os professores de Educação Física do município de Tocantinópolis/TO, trabalham brincadeiras e jogos de matrizes indígenas nas turmas dos anos iniciais do Ensino fundamental.
- Conhecer as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé.
- Elaborar uma cartilha digital (E-Book) com brincadeiras e jogos da cultura dos povos indígenas Apinajé.

CAPÍTULO I

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A infância repleta de ludicidade desenvolve diversos aspectos cognitivos, sociais e físicos, no tocante às crianças indígenas não são diferentes. Logo, elas em suas aldeias aprendem atividades práticas e algumas representam ciclos de sua tradição (CRUZ, 2009). Contemplando esse universo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) adicionou um objeto de conhecimento, chamado de Brincadeiras e jogos de matriz indígena e africana do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 2018).

Em razão disso, ao desmembrarmos esse objeto e levando em conta o direcionamento da BNCC que deve ser trabalhado a regionalidade, ancorado no IBGE (2022), o estado do Tocantins possui aproximadamente 14.000 mil indígenas em seu território. Levando em consideração essa cultura tão presente, se faz necessário uma criação de um material específico acerca das brincadeiras e jogos de matriz indígenas do Tocantins.

Os jogos e as brincadeiras tradicionais constituem importantes referentes para essa dimensão, podendo ser compreendidos como um conjunto de hábitos e práticas que têm como significado uma relação simbiótica entre corpo e espírito, posto que algumas lutas corporais, as corridas e alguns jogos tradicionais presumem uma explicação mitológica para sua realização; são meios de interação entre o mundo dos espíritos e o mundo real que ocorre durante os rituais indígenas (ALMEIDA; FILGUEIRA; GRANDO, 2010, p. 9).

Tendo em vista, essa concepção o presente objeto de conhecimento não pode ser deixado de lado, ele deve ser apresentado às nossas crianças, com o intuito de uma valorização cultural ao passo que é sugerido aos professores de Educação Física devam se apropriar deste campo vasto que está presente na cultura corporal.

Partindo desse pressuposto, compreendo que a Educação Física Escolar (EFE) trabalha o indivíduo em aspectos sociais, emocionais, esse envolvimento com a cultura indígena não pode faltar. Logo, espera-se que seja construída uma sociedade com um maior entendimento de suas origens e diferentes culturas e que todos têm o seu valor, por isso essa cartilha “Brincadeiras e Jogos de Matriz Indígenas do Tocantins” se torna tão importante e será uma fonte onde várias pessoas e pesquisadores poderão beber.

Continuamos nossa fundamentação teórica no artigo I, intitulado tradição em



movimento, jogos e brincadeiras de matrizes indígenas: uma revisão de literatura.

6 CAMINHO METODOLÓGICO

6.1 Tipo de estudo

O presente estudo trata-se de uma pesquisa estruturada a partir de uma abordagem qualitativa, na qual são observados indivíduos, grupos e sociedade de uma forma contextualizada, com o intuito de analisar as representações tradicionais ou contemporâneas (SILVA; VELOZO; RODRIGUES JR, 2008, p. 57).

Conforme Minayo (2002), esse tipo de pesquisa apresenta uma gama de significados, pois procura mergulhar nos problemas para compreendê-los, assim entendendo motivos, crenças, direitos, valores e atitudes. Nesse sentido, essa pesquisa pressupõe um estudo de caso de caráter exploratório, que segundo Yin (2015, p.19), “trata-se de um modelo de estudo de caso que, embora não se resuma à exploração, permite ao investigador elencar elementos que lhe permitam diagnosticar um caso”.

Deste modo, os estudos de casos não têm como objetivo a generalização de seus achados, mas a interpretação mais funda dos fenômenos específicos. Assim, o diferencial do estudo de caso “reside em sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações” (YIN, 2001, p. 27).

Corroborando com essa perspectiva, Ludke e André (1986, p. 45) apontam:

A elaboração de um estudo de caso apresenta, pelo fato de ser um estudo de fenômeno bem delimitado, algumas particularidades. Dentre elas, o cuidado especial que se deve ter com as deduções generalizadoras: como cada **caso** é tratado como singular e único, a possibilidade de generalização passa a ter menor relevância. (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 45).

A produção de um estudo de caso apresenta algumas peculiaridades devido à sua natureza bem definida. Entre elas, destaca-se a importância de ter cuidado com as inferências generalizadoras: dado que cada caso é considerado singular e único, a viabilidade de generalização torna-se menos relevante. Contudo, seguindo a linha de pensamento dos autores supracitados quanto à natureza qualitativa desta pesquisa e ainda aos aspectos singulares que resultarão na criação de um produto final do mestrado profissional.

6.2 Participantes do estudo

A primeira etapa da pesquisa será aplicado um questionário no *Google forms*, com os professores de EF da rede municipal de Tocantinópolis que ministram aula do 3° ao 5° ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais com o intuito de entender o conhecimento sobre as brincadeiras e jogos dos povos Indígenas Apinajé.

Já na segunda parte deste estudo, os entrevistados serão os indígenas com idade igual ou superior a dezoito anos que contribuirão com entrevistas, contextualizando as brincadeiras e jogos tradicionais dessa etnia. Enquanto, em outro momento será realizado uma observação das brincadeiras e jogos praticados pelas crianças no dia a dia dessas comunidades.

6.3 Local e Período

A pesquisa será realizada no município de Tocantinópolis/TO, situada na região norte do estado do Tocantins, fica cerca de 520 quilômetros da capital, Palmas. Conforme o IBGE (2022) possui uma população de 22.615 habitantes e uma extensão territorial de 1.083,600 km². A origem dessa localidade se inicia em 1818, com a chegada de padres jesuítas, para catequizar os indígenas do norte (UFT, 2020). Em 1858 foi emancipada, com o primeiro nome, Boa Vista do Tocantins. Entretanto, no ano de 1943 passou a se chamar Tocantinópolis e Pedro José Cipriano foi reconhecido como seu fundador (SANTOS, 2022).

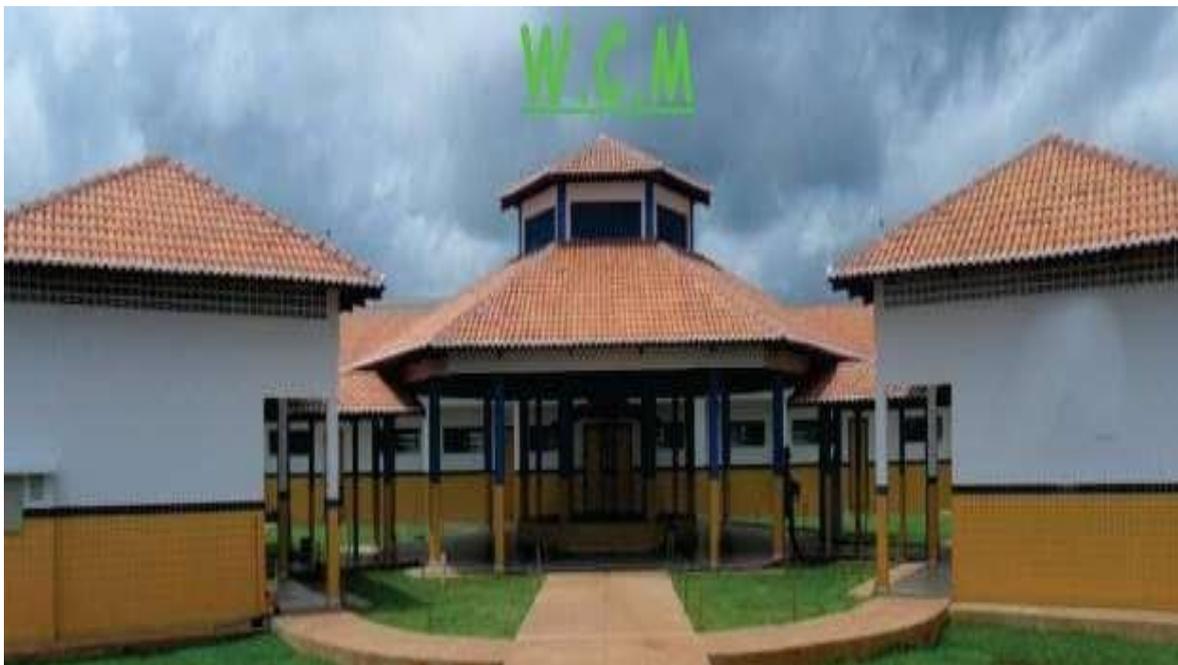
A cidade conta com oito escolas municipais que atendem os anos iniciais do Ensino Fundamental, são elas: Alto da Boa Vista II, Walfredo Campos Maia, Prof. Antônio Farias, 7 de setembro, Antônio Fernandes dos Santos, Alvin Nunes da Silva, Manoel de Sousa Lima e Novo Aeroporto. Essas unidades escolares possuem em seu corpo docente professores de EF, sendo que em cada unidade a média é de um ou dois desses profissionais, sendo que esse número depende da disponibilidade de salas/aulas de cada escola (SEMEC, 2023).

Figura 1. Vista frente Escola Mun. 7 de Setembro.



Fonte: acervo SEMEC. Acessado em: <https://tocantinopolis.to.gov.br/noticia/secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura>. 10 nov. 2023.

Figura 2. Vista frente à Escola Mun. Walfredo Campos Maia.



Fonte: acervo SEMEC. Acessado em: <https://tocantinopolis.to.gov.br/noticia/secretaria-municipal-de-educacao-e-cultura>. 10 nov. 2023.

Figura 3. Vista frente à Escola Mun. Alto da Boa vista 2.



Fonte: o autor.

Figura 4. Vista frente à Escola Mun. Antônio Fernandes dos Santos



Fonte: Autor.

Figura 5. Vista frente à Escola Mun. Manoel de Sousa Lima.



Fonte: o autor.

Essa pesquisa também envolverá duas aldeias indígenas Apinajé que se localizam no entorno da cidade em questão e são conhecidas como: Aldeia Mariazinha e Aldeia São José. Que segundo o IBGE (2022), somadas contam com uma população de aproximadamente 1913 indígenas. Esses povos estão em constante contato com a zona urbana, produzindo assim contatos interétnicos seja para fazer compras, estudar, em alguns casos até mesmo residem neste local (TORRES, 2022).

Figura 6. Aldeia Mariazinha.



Fonte: o autor.

Figura 07. Aldeia São José.



Fonte: o autor

6.4 Critérios

6.4.1 Critérios de Inclusão

Em relação aos professores:

- Ser Professor(a) de Educação Física da rede municipal de ensino na cidade de Tocantinópolis e estar atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
- Aceitar fazer parte da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em relação aos indígenas:

- Ter idade igual ou superior a 18 anos no dia da visita.
- Aceitar fazer parte da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

6.4.2 Critérios de exclusão

Em relação aos professores;

- Não responder o questionário no prazo estipulado. Em relação aos

indígenas;

- Não estar presente na aldeia no dia da pesquisa.

6.5 Procedimentos para a coleta de dados

Neste estudo, a coleta de dados será realizada em três etapas: (1) aplicação de um questionário no Google Forms com os professores, (2) realização de entrevistas semiestruturadas com os indígenas Apinajé e (3) registro de observações em um diário de campo.

A primeira etapa consistirá no diagnóstico com os professores da rede municipal de Tocantinópolis, que responderão a um questionário online com perguntas abertas. De acordo com Marconi e Lakatos (2017), o questionário é uma técnica eficiente de coleta de dados, permitindo obter informações de muitos participantes de forma estruturada e padronizada. Esse questionário nos ajudará a compreender como as aulas estão sendo desenvolvidas com o objeto de conhecimento presente na BNCC: brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas. Um destaque desse modelo de coleta de dados é a praticidade dos questionários digitais para pesquisas científicas, pois facilitam a análise dos dados e garantem maior acessibilidade aos participantes (GIL, 2019).

A segunda etapa consistirá na realização de entrevistas semiestruturadas, as quais, segundo Flick (2005), são comumente utilizadas na investigação qualitativa. Esse modelo de entrevista é organizado previamente com um roteiro contendo questões abertas, permitindo a adição de outras perguntas que possam surgir durante o diálogo (Purdy, 2014). A entrevista será dividida em três etapas: preparação, execução e conclusão (Flick, 2005). Nesse sentido, esse método de coleta de dados se mostra eficaz para a presente pesquisa, sendo aplicado nas entrevistas realizadas pelo pesquisador com indivíduos pertencentes à etnia Apinajé. Serão incluídos participantes com idade igual ou superior a 18 anos, que, nos dias das visitas, estiverem nas aldeias envolvidas no estudo. O objetivo dessa etapa é conhecer as brincadeiras e os jogos mais tradicionais desse povo indígena, com o intuito de elaborar uma cartilha.

A terceira etapa consistirá no uso do Diário de Campo, que, conforme Del-Masso e Santos (2021), é um método de registro das observações muito significativo. Quanto maior a abundância de detalhes nas anotações nos diários, melhor será a

contribuição para o desenrolar da pesquisa. Este estudo também contará com fotos e vídeos durante o processo de diário de campo, para facilitar a contextualização do pesquisador, garantindo que o menor número de eventos passe despercebido durante a visita (DEL-MASSO; SANTOS, 2021).

Nessa perspectiva, esse recurso, assim como a entrevista semiestruturada, também poderá ser dividido em três partes, conforme aponta Falkembach (1987, p. 4):

O Diário de Campo pode ser organizado em três partes: uma com a descrição dos fatos concretos e fenômenos sociais; a segunda, com a interpretação do que foi observado. Nesta parte é importante procurar explicitar, conceituar, mostrar como se veem as relações entre os fatos e fenômenos, procurar algumas explicações para o que foi visto, ir a raízes, antecipar consequências. Na terceira parte devera-se registrar as primeiras conclusões, dúvidas, imprevistos, desafios ao aprofundamento, tanto para o investigador como para os grupos populares, outros educadores, técnicos e instituições inseridas no processo. (FALKEMBACH, 1987, p. 4).

Essas partes podem servir como escopo para entendermos o que estamos buscando e aplicarmos o roteiro do diário de campo. Outro ponto importante destacado por Minayo (2002) é que, além das vantagens já apresentadas, esse recurso auxilia o pesquisador a relatar seus anseios, questionamentos e percepções durante a coleta de dados.

Partindo dessas definições, o diário de campo será utilizado para observar as crianças indígenas em seu cotidiano, registrando as brincadeiras e jogos tradicionais e contemporâneos dos povos Apinajé.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, será realizado um contato via aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsApp, com os professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, a fim de divulgar a pesquisa e identificar interessados em responder o questionário de diagnóstico de professores. O questionário será disponibilizado no Google Forms, permitindo que os interessados possam responder diretamente ao formulário sem a necessidade de declarar seu interesse publicamente, garantindo assim o anonimato dos participantes.

Após a realização das entrevistas com os professores, as entrevistas nas aldeias serão conduzidas com indígenas com idade igual ou superior a 18 anos. Em seguida, o diário de campo será realizado nas duas aldeias, com a observação das brincadeiras e jogos. Com base nas informações obtidas nas três fases do estudo, passaremos para a análise dos dados.

6.6 Plano para análise de dados

As análises dos dados serão feitas após ler e interpretar a entrevista semiestruturada realizada com os professores participantes da pesquisa. Os dados provenientes das entrevistas e diário de campo serão analisados seguindo o método de análise de conteúdo de Bardin (2016, p. 37):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 2016, p. 37).

Será apontado e organizado o teor das mensagens para posteriormente, por meio de deduções lógicas, justificar as mensagens para todo o contexto. Essa análise de conteúdo engloba três etapas fundamentais:

a) pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016).

A primeira etapa da pré-análise é referente a organização do material coletado. Enquanto, a próxima etapa será destinada à exploração do material, envolve a criação de códigos. Após os dados categorizados vamos para o próximo passo, o estudo dos resultados, interpretação e inferência. Partindo dessas fases, o pesquisador trabalhar de uma forma minuciosa para organizar as justificativas e deduções lógicas (BARDIN, 2016).

Deste modo com esse material organizado, ele será classificado e enumerado para que sejam definidas as subcategorias de análise. Com isso, os dados serão aproveitados de forma que todas as informações organizadas possam contribuir para o estudo em questão.

6.7 Aspectos éticos

Esta pesquisa será baseada em cima da resolução nº 466/12, na qual são os regidos os preceitos éticos de pesquisas envolvendo seres humanos. O participante da pesquisa será definido por um indivíduo que aceita a participação de maneira esclarecida, voluntária e gratuita. Tendo em vista o respeito aos participantes da pesquisa e sua vulnerabilidade, assegurou-se a sua contribuição para a pesquisa de maneira livre e esclarecida.

Os participantes da pesquisa serão orientados, respeitando sempre à integridade ao anonimato e a garantia da confidencialidade e privacidade das informações coletadas, protegendo sua imagem e não os estigmatizando, garantindo ainda a não utilização das informações coletadas em prejuízo aos participantes conforme as determinações desta resolução em destaque.

Os pesquisadores irão disponibilizar os resultados alcançados dos estudos para os participantes e as instituições pesquisadas. No que diz respeito à indenização, os participantes da pesquisa serão orientados do direito que dispunham de a qualquer momento requererem indenização, caso desejassem e/ou achassem necessário. Além disso, toda e qualquer necessidade de maiores esclarecimentos sobre pesquisas envolvendo seres humanos, pode-se buscar a Resolução de Nº 466/2012 ou, sobre quaisquer aspectos relacionados a essa pesquisa, pode-se buscar ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

6.7.1 Riscos

Entendemos que a pesquisa pode oferecer risco mínimo aos participantes no momento de responderem os instrumentos de coleta de dados ou na participação da intervenção, sendo que esses riscos podem ser físicos ou psicológicos. Os professores e os indígenas ao responderem o questionário podem vir a se sentirem constrangidos com medo ou vergonha de não saber responder e ser identificado ou podem sentir algum desconforto como cansaço e estresse.

Buscamos garantir que os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo e conforme acordado no TCLE.

6.7.2 Benefícios

Como benefícios com a pesquisa será possível que os professores diversifiquem as suas aulas. Aos alunos, o benefício será o de um conteúdo novo que pode ser considerado algo motivador e podendo ter uma maior significação frente a esse objeto de conhecimento, uma vez que saber a respeito dessa vasta cultura se faz de grande valia para compreender um pouco da história, das crenças e valores do povo Apinajé. Por fim, a seguinte pesquisa beneficiará as duas populações seja os

povos indígenas Apinajé que terão um resgate da tradição por meio da criação de uma cartilha que ficará disponível com uma capa da cartilha e no verso um Qr code que garante o acesso público e gratuito no qual todos terão a oportunidade que a sua cultura chegue a mais pessoas, podendo assim melhorar o convívio interétnicos. Para a população urbana, o reconhecimento de uma tradição cultural dos povos indígenas que está envolvida desde os primórdios desse município.

8 ORÇAMENTO

As despesas serão custeadas com recursos dos próprios pesquisadores.

	Valor Unitário (R\$)	Quantida de	Total
Papel Ofício A-4	23,00	02	46,00
Canetas esferográficas	2,00	04	8,00
Cartucho para impressora	25,00	05	125,00
Passagens para Tocantinópolis	55,00	10	550,00
Revisor	12,00	140	1680,00
TOTAL	-	-	2409,00

9 REFERÊNCIAS

- ABDOLMALAKI, Shahrbanou Ghorban; TAN, Helen; ABDULLAH, Ain Nadzimah; SHARMINI, Sharon; IMM, Lee Geok. Introduction chapter of traditional and article-based theses: A comparison of rhetorical structures and linguistic realisations. **GEMA Online Journal of Language Studies**, v. 19, n. 1, p. 116–135, 2019.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. 2007. **Contribuições da Fonologia ao processo de educação indígena Apinayé**. Tese de Doutorado. Universidade federal Fluminense. Rio de Janeiro.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (org.). 2012. **Texto e Leitura: uma prática pedagógica Apinayé e Krahô**. Goiânia, Ed. da PUC de Goiás.
- ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de; GRANDO, Beleni Salete. As práticas corporais e a educação do corpo indígena: a contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 59-74, 2010.
- ALMEIDA, Felipe Quintão de. Educação Física Escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. **Corpoconsciência**, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5312>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- ANJOS, Lucélia Carla da Silva dos; COSTA, Ideuvaneide Gonçalves. A contribuição do PIBID à formação docente. **II Seminário de Socialização do PIBID-UNIFAL-MG**, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 24, n. 3, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/765>. Acesso em: 06 nov. 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. **Cultura rebelde-escritos sobre a educação popular ontem e agora**. 2009.
- BRITO, Leandro Belisário de. **A presença da cultura corporal indígena no documento curricular do Tocantins na área de linguagens: Educação Física**. 2023.
- CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. 7letras, 2009.

CARBONERA, Daniele; CARBONERA, Sergio Antonio. A importância da dança no contexto escolar. **Cascavel**: ESAP, 2008. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/DANCA_ESCOLA.pdf. Acesso em: 7 nov. 2023.

CRUZ, S. F. **A criança Terena**: o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar na aldeia Buriti. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

CUNHA, M. L. Brincar de ser índio: Jogos e brincadeiras em contextos indígenas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 236, p. 12-24.

DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido**: a estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis, Vozes, 1976.

DARIDO, S. C.; GONZÁLES, F. J.; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional–PROEF–Disciplina: Problemáticas da Educação Física, 2018. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmall/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educac-ao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=105>. Acesso em: 5 nov. 2023.

DEL-MASSO, M. C. S.; SANTOS, M. A. P. **Instrumentos e técnicas da pesquisa**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Disciplina: Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física – Parte 2. ProEF, 2021

FALKENBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí: Editora Unijuí, v. 7., 1987.

FERREIRA, Helder Rogério Sant’Ana; CASSIOLATO, Maria Martha de Menezes Costa; GONZALEZ, Roberto Henrique Sieczkowski. **Uma experiência de desenvolvimento metodológico para avaliação de programas**: o modelo lógico do programa segundo tempo. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1545>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FIGUEIREDO, Zenólia C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. **Revista Movimento**, v.14, n. 1, p. 85-110, Porto Alegre, janeiro/abril, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115316019005.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2023.

FINCO, Mateus David; MACIEL, Josenildo da Silva. Kabaddi na escola: conteúdo de ensino para professores de educação física. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020.

FLICK, U. **Métodos qualitativos na investigação científica**. Lisboa: Monitor, pp. 1-13. 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2003. GIL, Antonio Carlos;

VERGARA, Sylvia Constant. **Tipo de pesquisa.** Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, v. 31, 2015.

GIRALDIN, Odair; APINAGÉ, Cassiano Sotero. Perspectivas históricas sob a perspectiva dos Apinajé. **Tellus**, v. 19, n. 38, p. 237-288, 2019.

GIRALDIN, Odair. 2011. Nomes, Tradição Oral e Identidade: os nomes pessoais entre os Apinajé, **Mosaico**, 4: 223-234.

GRANDO, Beleni Saléte. **Jogos e culturas indígenas:** possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 3, p. 381-410, 2010.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** Cortez editora, 2017.

LOCATELLI, Rosimar. **Infância Indígena Apinayé e o processo das aprendizagens 2022.** 40 f. Artigo (Especialização) Fundação Universidade Federal do Tocantins, Curso Especialização em Educação Infantil, Campus de Tocantinópolis - TO.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. D. E. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico:** projetos de pesquisa/pesquisa bibliográfica/teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 2017.

MATOS, Diulha Matos de; CARDOSO, Ana Lucia; ORTIGARA, Vidalcir. PIBID na formação de professores de educação física: expectativa e realidade. **Comunicações**, v. 23, n. 3, p. 113-126, 2016.

MINAYO, M. C De. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco, 1992.

MORAES, Ivan Furegato; AMARAL, Cacilda Mendes dos Santos; BASTOS, Flávia da Cunha. Teses de doutorado em gestão do esporte no Brasil: uma revisão integrativa metodológica. **Movimento**, v. 27, 2021.

MOREIRA, Luiza; PERES, Juliana. Atividades culturais indígenas na educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 10, n. 1, 2019.

MUNIZ, Simara de Sousa. **Educação Escolar Indígena no Estado do Tocantins:** uma trajetória histórica do curso de capacitação ao curso de formação do Magistério

Indígena. 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt Unckel. Os Apinayé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, 12. Belém, 1956.

NUNES, A. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A.L.; MACEDO, A.V.L.; PINTO, Benedita Celeste de Moraes Pinto; NUNES, Maria de Fátima Rodrigues; DOMINGUES, Andrea Silva. A arte de brincar: Saberes e educação de crianças indígenas na Amazônia Tocantins-Pará-Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 3, p. 15311-15325, 2020.

OLIVEIRA, D. A. Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, 2010.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Artmed, 2013.

PURDY, L. Interviews. In L. Nelson, R. Groom, & P. Potrac (Eds.), **Research methods in sports coaching**. London: Routledge. 2014. (pp. 161-170).

REIS, Patricia Rossi. **Interculturalidade e sustentabilidade**: jogos e brincadeiras indígenas na Educação Física escolar. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM).

ROSA, Kaciana Silveira; MATTOS, Laércio. Tem gente nova na escola: os benefícios do Pibid para o espaço escolar. **Veras**, v. 3, n. 2, p. 160-173, 2013. Disponível em: <http://site.veracruz.edu.br:8087/instituto/revistaveras/index.php/revistaveras/article/view/130CA>. Acesso em: 6 nov. 2023.

SILVA, T.; MACEDO, L. **Interculturalidade na Educação Física**. Autores Associados, 2002.

SCALHA, Thais Botossi et al. A importância do brincar no desenvolvimento psicomotor: relato de experiência. **Rev. psicol. UNESP**, p. 79-92, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/psi-52763>. Acesso em: 5 nov. 2023.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís; RODRIGUES JR, José Carlos. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em revista**, p. 37-60, 2008.

SILVA, WAGNER RODRIGUES. Formação sustentável do professor no mestrado profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, p. 708-731, 2017.

SILVEIRA, Fernando Lang da; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; SILVA, Roberto da. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, v. 37, p. 1101, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbef/a/TpSdTxpHR3XBgFttPmgmyPF/>. Acesso em: 6 nov.

2023.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Vozes, 2014.

TASSINARI, A. M. I. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). **Antropologia, História e Educação**. Global, 2001.

TORRES, Carina Alves. Povo Indígena Apinajé: contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis – TO. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 08, nº 02, p. 160-174, 2022.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. Bookman editora, 2015.

10 ARTIGO I⁴ - TRADIÇÃO EM MOVIMENTO, JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

TRADIÇÃO EM MOVIMENTO, JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZES INDÍGENAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar a produção acadêmica-científica acerca dos jogos e brincadeiras de matrizes indígenas. A seleção de artigos foi uma revisão bibliográfica sistematizada integrativa no Catálogo de Teses e Dissertações dos Periódicos CAPES, SCIELO, Periódicos da área da Educação Física e *GOOGLE SCHOLAR* utilizando filtros com revistas renomadas da área. Foram selecionados quinze artigos que contemplam esses objetos do conhecimento, como resgate da tradição da cultura corporal dos povos originários e de modo a proporcionar uma educação intercultural. Com base nos dados apresentados e análise dos artigos escolhidos verificou-se que esses jogos e brincadeiras das diferentes etnias corroboram para uma ressignificação e a valorização dessa cultura.

Palavras-chave: Indígenas, Brincadeiras, Jogos, Intercultural, Revisão.

TRADITION IN MOTION, GAMES AND PLAY OF INDIGENOUS ORIGINS: A LITERATURE REVIEW"

ABSTRACT

The study aims to analyze the academic-scientific production regarding games and play of indigenous origins. Article selection involved a systematic integrative literature review in the CAPES Theses and Dissertations Catalog, SCIELO, Physical Education journals, and *GOOGLE SCHOLAR*, using filters with renowned journals in the field. Fifteen articles were selected that encompassed these knowledge objects, focusing on the revival of the traditional body culture of indigenous peoples and aiming to provide intercultural education. Based on the data presented and analysis of the chosen articles, it was observed that these games and play activities from different ethnicities contribute to a redefinition and appreciation of this culture.

Keywords: Indigenous, Pranks, Games, Intercultural, Revision.

⁴ (Artigo publicado na Revista Comunista, qualis B1 - qualis 2017-2020 - disponível em <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/7928>)

TRADICIÓN EN MOVIMIENTO, JUEGOS Y JUEGOS DE ORIGEN INDÍGENA: UNA REVISIÓN DE LITERATURA

RESUMEN

El estudio tiene como objetivo analizar la producción académico-científica sobre juegos y actividades lúdicas de raíces indígenas. La selección de artículos se llevó a cabo mediante una revisión bibliográfica integrativa sistemática en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES, SCIELO, revistas especializadas en Educación Física y GOOGLE SCHOLAR, utilizando filtros con revistas destacadas en el campo. Se seleccionaron quince artículos que abarcan estos objetos de conocimiento, con el fin de rescatar la tradición de la cultura corporal de los pueblos originarios y proporcionar una educación intercultural. Basándose en los datos presentados y en el análisis de los artículos seleccionados, se observó que estos juegos y actividades lúdicas de diferentes etnias contribuyen a una resignificación y valorización de esta cultura.

Palabras clave: Indígena, Bromas, Juegos, Intercultural, Revisión.

1 INTRODUÇÃO

A brincadeira presume um mecanismo de aprendizagem da cultura corporal do movimento na sociedade na qual a criança está inserida, começando por estímulos a partir de outras pessoas. Esse brincar representa uma linguagem infantil que tem início no campo imaginário e vai adentrar a realidade com criação e ressignificação de valores (BROUGÉRE, 1995). Corroborando com essa perspectiva Sarmento (1997) aponta que o cotidiano repleto de vivências culturais desenvolve o pertencimento social, e assim a criança produz, interpreta e reproduz cultura.

Para Friedmann (1998), essa cultura lúdica pode ser representada pela brincadeira enquanto comportamento espontâneo que oportuniza atividades não estruturadas e jogos como uma brincadeira com regras. O autor ainda aponta essa cultura como patrimônio lúdico – cultural, como ensino aprendizagem de valores, costumes, maneiras de pensamentos e tradição.

Em comunidades indígenas não são diferentes, esse pertencimento permeia todo o cotidiano dessas crianças com jogos e brincadeiras que podem ter caráter lúdico ou a uma significância ainda maior como em rituais indígenas. Para Grando

(2010, p. 17) os jogos para esses povos originários apresentam outros significados:

Na cultura indígena, os jogos escapam a essa lógica produtivista, adquirindo uma dimensão educativa, à medida que se constituem como espaços privilegiados de aprendizagens sociais, de resistência e afirmação de identidades. Podendo trazer uma oportuna reflexão voltada para o conceito de identidade, destacando que falar de identidades do professor implica discutir o conceito de identidade e seus significados, especialmente porque se trata da questão de identidades coletivas que transcendem os campos disciplinares. (GRANDO, 2010, p. 17).

Nunes (2002) apresenta esses jogos e brincadeiras das crianças indígenas como uma socialização dessa cultura, de maneira lúdica. Nesse sentido, a apreensão do significado que são livres com os movimentos de liberdade experimentados por essas crianças indígenas em constantes contatos com a natureza. Esses jogos tradicionais indígenas se entrelaçam com mitos e valores culturais que caracterizam aspectos lúdicos e interagem entre mundo material e imaterial de cada etnia (ROCHA FERREIRA, 2005).

Essa cultura corporal do movimento pode ser usada como um meio para uma educação intercultural, oportunizando os alunos há uma vivência com esses objetos do conhecimento assegurado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelas Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório a inclusão no currículo oficial o ensino da temática História e cultura afro-brasileiro e indígena (BRASIL, 2003; BRASIL, 2008).

Nesse sentido, Tenório e Silva (2015, p.82) apontam que “As brincadeiras, jogos e rituais de dança indígena constituem um vasto repertório da cultura corporal a ser desenvolvido no ambiente escolar, sendo uma contribuição para um contato com um universo de valores e significados”

Conforme Faustino (2012), às crianças indígenas costumam ter um cotidiano bem agitado com jogos, brincadeiras e trabalhos relacionados ao cultivo que a sua etnia mantém seja para consumo ou para venda, outro ponto importante que a autora cita é a aprendizagem da cultura por meio das histórias contadas pelos mais velhos. Isso é uma forma de manter essa cultura corporal viva entre as gerações.

O presente artigo de revisão emerge da necessidade de consulta às pesquisas e produções atuais sobre brincadeiras e jogos de matrizes indígenas. Ele está dividido em três partes: relato da metodologia para seleção dos artigos sobre a temática pesquisada, exposição dos resultados dos artigos selecionados e, por fim, as considerações sobre os pontos convergentes entre os artigos lidos.

2 METODOLOGIA

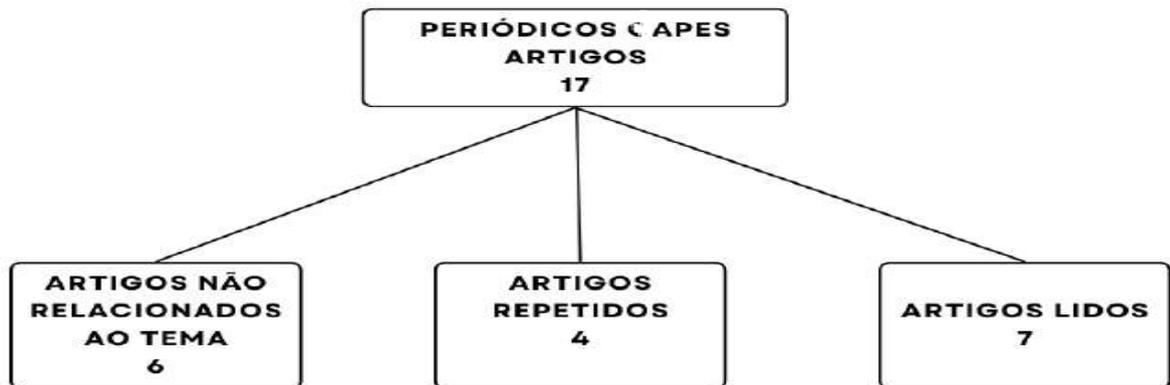
O presente estudo adotou a revisão bibliográfica sistematizada integrativa acerca dos jogos e brincadeiras de matrizes indígenas. Essa pesquisa bibliográfica é o levantamento de estudos publicados sobre o olhar que direciona o trabalho científico e tem como objetivo agrupar e analisar estes estudos para embasar a pesquisa (GIL, 2002). Dessa forma, para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

Nesse sentido, essa busca observou como foram descritos os jogos e brincadeiras de matrizes indígenas nos estudos já publicados, oportunizando o destaque para semelhanças e diferenças de acordo com as etnias pesquisadas. A realização dessa revisão de literatura que deu origem a este estudo, partiu da busca a princípio nas bases de dados dos Periódicos da Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES) e da *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, revista específicas da Educação Física (quais revistas) e o *Google Scholar*, utilizando-se de filtros para obter produções de melhor qualidades.

No Periódico da CAPES, foram utilizados os descritores: jogos **E** brincadeiras **E** indígenas, jogos de matrizes indígenas e crianças **E** brincar **E** indígenas. Revisado por pares com acesso aberto, na língua portuguesa e língua inglesa e durante o período de 2014 a fevereiro de 2024. Foram excluídos os artigos com temas não relacionados e os artigos duplicados.

Partindo dessa busca no Periódicos CAPES foram encontrados 17 artigos, após a leitura dos títulos e resumos de todos, classificamos 6 não relevantes ao tema, 4 artigos repetidos e 7 artigos foram lidos e atenderam a temática da pesquisa. Esse detalhamento está contemplado no fluxograma abaixo.

Figura 8. Levantamento de artigos no Periódico CAPES



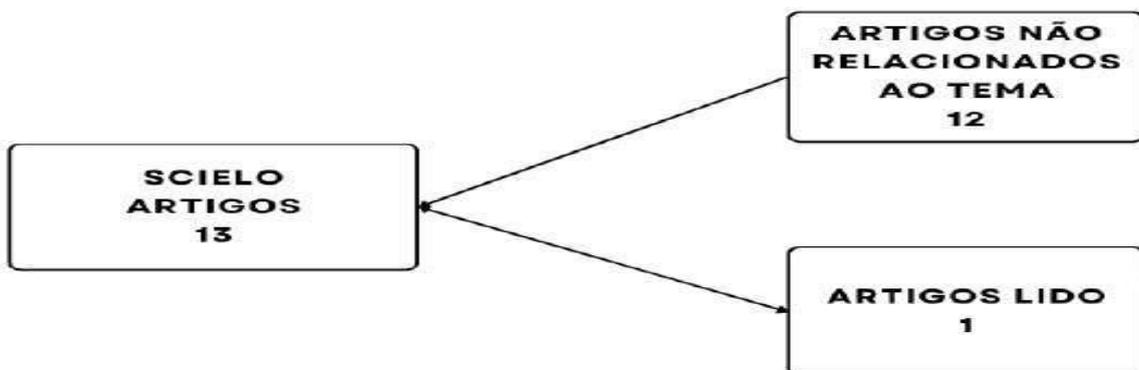
Fonte: elaborado pelos autores

Os estudos que foram considerados não relevantes ao tema apresentaram pesquisas como: a formação de professores indígenas, quadro de infestação de doenças em aldeias indígenas, o contexto de mulheres dançantes em Cariri Cearense, entre outros que não apresentavam correlação com este estudo.

Na base de dados SCIELO foram utilizados os descritores: jogos **AND** Indígenas, jogos **AND** brincadeiras **AND** indígenas e brincar **AND** crianças **AND** indígenas. Revisado por pares com acesso aberto, na língua portuguesa e língua inglesa e durante o período de 2014 a fevereiro de 2024. Essa pesquisa resultou em 13 artigos, todos estes tiveram o título e o resumo lidos, sendo 12 considerados irrelevantes ao tema e 1 artigo foi lido por completo e anexado à presente pesquisa.

Conforme o fluxograma abaixo.

Figura 9. Levantamento de artigos no SCIELO.

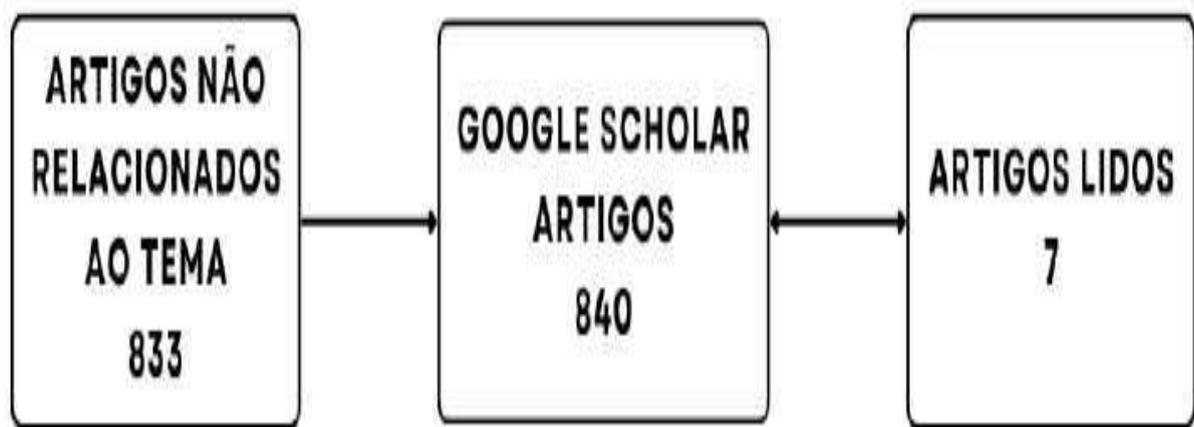


Fonte: elaborado pelos autores

Já na pesquisa no *Google Scholar* utilizamos os descritores: jogos e brincadeiras indígenas. Foram determinados alguns filtros como o período de 2014 a

fevereiro de 2024, os nomes de revistas como: movimento, pensar a prática, olhares, reflexão e ação, Educação e Realidade, entre outras consideradas de alta relevância científica. O resultado dessa busca necessitou de um trabalho minucioso devido ao número de 840 estudos encontrados, nos quais foram lidos os títulos, destes os que tinham relação com o aspecto da pesquisa e a sua publicação em revistas consideradas de alto valor científico. Restaram apenas 7 estudos, os quais foram lidos completamente e adicionados à presente pesquisa. Abaixo temos essa representação em fluxograma.

Figura 10. Levantamento de artigos no Google Scholar



Fonte: elaborado pelos autores

Contudo, os artigos selecionados com essa pesquisa foram lidos na íntegra e posteriormente divididos em categorias para uma melhor análise.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa resultou em um total de 15 artigos que entraram no estudo, todos eles trouxeram acréscimos para uma melhor visão sobre a cultural corporal dos povos indígenas de diferentes etnias, chamando a atenção para uma educação intercultural. Para Grando (2010), esses jogos e brincadeiras tradicionais representam um marco na vida das crianças indígenas. Nesse sentido, essa cultura infantil pode reproduzir sentidos e uma pluralidade de sistemas de valores (SARMENTO, 1997).

Os achados da pesquisa foram introduzidos na tabela abaixo contendo os periódicos que foram publicados com a classificação de acordo com o *qualis*, o título, os autores e o ano da publicação.

Tabela 1- Descrição dos artigos incluídos, contemplando periódico, *qualis*, título, autores e ano.

Periódico	Título	Autor(es)	Ano
Ensino, Educação e Ciências Humanas (A3)	Brincadeiras Indígenas em Mato Grosso	DE SOUZA FIGUEIREDO et al.	2015
Mackenzie de Educação Física e Esporte (B3)	Brinquedos e brincadeiras indígenas kaingang: transfiguração entre gerações	SILVA et al.	2017
Teoria e Prática da Educação (B2)	As crianças indígenas em movimento no cotidiano das ruas da cidade: entre o trabalho e a cultura lúdica.	PIOVEZANA et al.	2014
Acta Scientiarum. Education (A2)	Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento	FAUSTINO et al.	2016
Movimento (UFRGS) (B1)	A educação física na educação escolar indígena: a produção acadêmico-científica na área 21 como perspectiva de diálogo e (re) conhecimento intercultural	SKOLAUDE et al.	2020
Revista de Educação Física e Esporte (B2)	Brinquedos, jogos e brincadeiras Akwẽ-Xerente	BRINGEL et al.	2020
Athlos	O resgate das memórias do jogo e brincadeiras de uma comunidade indígena	MARTINS et al.	2019

Revista Internacional de ciências (B1)			
Olhares (A4)	Educação das relações étnico-raciais em Educação física: uma abordagem conceitual	POMIN et al.	2019
Lincere (B2)	Brincadeiras indígenas do povo Tembé do alto Rio Guamá: diálogo entre a tradição e a modernidade	SOUZA et al.	2019
Arquivos em Movimento (B4)	O CORPO E DA CULTURA: indícios da realidade na perspectiva intercultural	GRANDO et al.	2014
Tese - Instituto Federal do Ceará	Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar	PEREIRA et al.	2021
Docência e Cibercultura (B1)	Olhares pluriculturais em jogos, brincadeiras e experiências matemáticas com os Guarani e Tupiniquim	DA SILVA JOSÉ et al.	2023
Exatidão e Ação (A3)	O brincar das crianças indígenas no Pará: um olhar a partir das narrativas e vivências do povo Aparai	APALAI et al.	2022
Revista de Ciências da Educação (B1)	Brincadeiras indígenas em questão: Brinquedos e brincadeiras indígenas	LOPES et al.	2015
Educação e Realidade (A1)	Práticas Culturais e Jogos de Linguagem entre os Povos Xakriabá	GERKEN et al.	2019

Fonte: elaborado pelos autores

Com a leitura desses artigos percebeu-se uma necessidade de executar uma categorização deles. Assim utilizamos as técnicas de “análise de conteúdo” que facilitam a criação de categorias a um determinado grupo de textos (BARDIN, 1977). Deste modo, partindo desta análise observou-se que os artigos apresentavam duas vertentes frente ao objeto do conhecimento, surgindo então duas categorias para dividi-los como exposto na tabela abaixo.

Tabela 2- Categorização dos artigos.

Categorização		
Categoria	Descrição	Nº
Cultura Corporal	Nessa categoria encontram-se artigos que registraram as brincadeiras e jogos de matrizes indígenas em formas de catálogos, descrevendo como são executados as brincadeiras e jogos.	9
Educação Intercultural	Nessa categoria encontram-se artigos que se utilizam das brincadeiras e jogos para promover uma educação intercultural respeitando a diversidade.	6

Fonte: elaborado pelos autores

3.1 Cultura corporal

Nessa categoria encontram-se 9 artigos, que registraram as brincadeiras e jogos de matrizes indígenas de diferentes etnias, em forma de catálogos, descrevendo como são executadas essas culturas corporais do movimento e como é a relação das crianças indígenas com esses jogos e brincadeiras tradicionais.

De Souza e Figueiredo et al. (2015), realizaram uma reflexão sobre os jogos e brincadeiras nas comunidades indígenas de Mato Grosso, por meio de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, dentro de uma perspectiva descritivo-interpretativa, com um contexto do desenvolvimento dessas crianças indígenas que vivenciam esses jogos e brincadeiras presentes nesse estado. Deste modo, os autores concluíram que uma infância rica e feliz de vivências corporais em comunidade possibilita uma

Educação à liberdade.

Silva et al. (2017) diagnosticaram os brinquedos e brincadeiras antigas que os indígenas Kaingangs da Aldeia Pinhalzinho tinham na época de criança e as mudanças que ocorreram para os dias atuais. Esse estudo foi realizado em uma pesquisa de campo com a utilização de entrevistas e observações no âmbito dos indígenas. Os achados desta pesquisa compreendem um afastamento dos brinquedos artesanais e uma substituição por outros comprados e eletrônicos, assim corroborando para um afastamento de brincadeiras e jogos mais próximos da natureza.

Faustino et al. (2016) realizaram uma pesquisa que trata de alguns elementos que compõem a infância e a educação indígena, evidenciando aspectos históricos e destacando as brincadeiras, os jogos, sua importância e suas funções nas vivências familiares e na comunidade como elementos de aprendizagem e desenvolvimento. Esse estudo reflete acerca de relatos produzidos por etnógrafos que tiveram contato com grupos indígenas do sul do Brasil, em meados do século XIX e início do século XX, e seus registros relativos à infância indígena junto aos grupos familiares, especialmente entre as etnias Kaingang, Guarani e Xetá. Contudo, os autores constataram que o contato das crianças indígenas com os mais velhos de sua família é muito importante para manter viva a tradição da etnia e ainda traz um sentido de pertencimento para esses indivíduos.

Bringel et al. (2020) descreveram os brinquedos, os jogos e as brincadeiras tradicionais da etnia indígena *Akwẽ-Xerente*. A pesquisa foi realizada de forma bibliográfica e etnográfica, com pesquisas semiestruturadas com anciões da aldeia e gravações do cotidiano desses povos originários. A autora compreendeu que as brincadeiras não possuem apenas caráter de diversão e nem constituem um mero passatempo, pois estimulam uma série de aspectos que contribuem para o desenvolvimento infantil.

Martins et al. (2019) identificaram o resgate das atividades físicas de lazer entre pais e filhos de uma comunidade indígena. Esse estudo contou com 33 alunos de uma escola indígena do ensino médio e 33 (pais ou mães), que responderam um questionário relacionando as brincadeiras tradicionais com o lazer. Os autores concluíram que essas culturas corporais estão cada vez ficando mais escassas que podem ser observadas durante rituais e festas, e afirmou que o número de publicações nessa área ainda não é relevante.

Souza et al. (2019) analisaram as brincadeiras de raízes indígenas do povo Tembé do Alto Rio Guamá, considerando a existência de uma relação ambivalente entre tradição e modernidade. Os autores realizaram entrevistas semiestruturadas com os indígenas adultos com faixa etária de 45 a 75 anos e que aceitaram participar de maneira voluntária, somando um total de 25 entrevistados. Com isso, os autores chegaram à conclusão de que assim como em qualquer outra sociedade as aldeias indígenas também sofreram modificações com o acesso a tecnologias e as brincadeiras desses povos foram sendo substituídas por outros com aspectos virtuais, já os brinquedos passaram de artesanais para brinquedos comprados.

Apalai et al. (2022) buscaram compreender como as crianças brincam na tribo e que tipo de brincar é produzido na infância das crianças Aparai na tribo Bona/PA. Esse estudo se dividiu em história oral, análise bibliográfica e entrevistas. Essas etapas possibilitaram aos autores coletarem diferentes relatos acerca do brincar, vivenciados por jovens e idosos da comunidade local. Contudo, as brincadeiras e jogos tradicionais dessa etnia ainda hoje tem uma forte representação, em rituais e no dia a dia e todos envolvendo uma relação estreita com as crianças e a natureza como elemento em suas brincadeiras e jogos.

Gerken et al. (2015) analisaram as práticas culturais e jogos de linguagem entre povos indígenas Xakriabá de Minas Gerais, sendo essa pesquisa realizada por meio de observação participante e entrevistas que buscaram entender o contexto da oralidade e jogos formando um mosaico de símbolos. Com isso, os autores apresentaram uma série de jogos de linguagens e práticas culturais, destacando a contribuição dessas práticas para reflexão sobre o valor dessa cultura e ainda da própria linguagem, no qual vive um processo constante de ressignificação. Deste modo, essa pesquisa constatou que os aspectos simbólicos desses jogos culturais corroboram para uma valorização desses povos indígenas.

Lopes et al. (2015) buscaram o lúdico a partir do acervo indígena etnográfico sob a guarda Universidade Federal do Pará (UFPA), esse acervo conta com 22 brinquedos em um universo de 1512 artefatos que são oriundos de quatro sociedades indígenas, os autores trataram de ressignificar a concepção de brinquedo e brincadeiras considerando os aspectos lúdicos de acordo com os artefatos e etnias.

3.2 Educação intercultural

Essa categoria é formada por seis artigos, nos quais se relacionam com uma educação intercultural por meio das brincadeiras e jogos de matrizes indígenas, utilizadas em diferentes disciplinas como ferramentas de um ensino aprendizagem, em alguns estudos como forma de entendimento da sociedade na qual os indivíduos estão inseridos.

Da Silva e José et al (2023) realizou uma análise da obra “Jogos, Brincadeiras e Experiências em Matemática com os Guarani e Tupinikim”, o estudo trata-se de uma escrita em grupo, entre indígenas e não-indígenas, o que pressupõem um olhar pluricultural. A obra reuniu diferentes jogos e brincadeiras tradicionalmente utilizados pelos povos Guarani e Tupinikim, além de metodologias com o intuito da inserção destes objetos do conhecimento no ensino da Matemática, respeitando a identidade cultural e social de cada povo. A pesquisa apresenta este ensino por meio dessa relação intercultural é favorável, pois oferece aos alunos uma oportunidade de conhecimento de uma cultura diferente e oportunizar uma valorização desses povos originários.

Piovezana et al. (2014) buscaram conhecer a vida cotidiana das crianças indígenas que circulam pelas ruas e praças da cidade de Chapecó/ SC, observando a sua inserção nas vendas de artesanatos produzidos na aldeia. Essa pesquisa se baseou em uma etnografia e já no trabalho de campo realizou entrevistas com as crianças, os pais, professores, lideranças indígenas e um Procurador da República de Chapecó responsável pelas questões indígenas. Deste modo, os resultados apontam para uma perda da cultura lúdica dessas crianças indígenas, que com essa convivência com uma espécie de trabalho, acabam com um déficit na cultura corporal como brincadeiras, jogos, danças, lutas e outros.

Skolaude et al. (2020) analisaram a produção acadêmico-científico sobre a Educação Física, centrada na Educação Física Escolar Indígena. Este estudo trata-se de uma revisão sistemática que buscou no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e em periódicos da área 21 e com classificação Qualis entre A2 e B5 totalizando 14 produções. Diante do estudo, pode-se concluir que a Educação Física como uma disciplina mediadora para um ensino intercultural e ainda demonstra uma preocupação com o baixo número de produções nessa área com um viés pedagógico/cultural da Educação Física.

Pomin et al. (2019) apresentaram uma experiência realizada nas aulas de Educação Física sobre a diversidade étnico-racial em uma escola pública em Curitiba com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, utilizou-se de jogos e brincadeiras africanas e indígenas. A presente pesquisa foi dividida em processos metodológicos como Diário de Campo, fotografias e filmagem. Como resultados, o autor conseguiu perceber uma melhoria nas atitudes dos alunos frente às superações de ideias preconceituosas e valorização do patrimônio cultural brasileiro e com um surgimento de um pertencimento de uma sociedade construída na riqueza da diversidade.

Grando et al. (2014) categorizam o corpo como um produto de fabricação social mediado pela cultura, considerando dimensões orgânicas, afetiva/emocional e intelectual. O artigo oportunizou um diálogo entre professores e pesquisadores da Educação Física em um trabalho no Grupo de Trabalho Temático Corpo e Cultura (CTTC), esse grupo discutiu a formação desse corpo e apontou jogos e brincadeiras de matrizes indígenas e africanas com uma fonte de uma educação intercultural que passa a integrar esse aluno com novas visões acerca da diversidade. Assim sendo, segundo o autor, a Educação Física seguindo essa perspectiva e com uma cultura em movimento pode ser um campo para aquisição desse respeito por todos os indivíduos.

Pereira et al. (2021) promoveram uma reflexão sobre a educação étnico-racial por meio da confecção de um livro, tendo como base a introdução de práticas corporais indígenas sendo jogos, brincadeiras e lutas como implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física Escolar. A autora observou as produções relacionadas ao tema e em seguida catalogou jogos, brincadeiras e lutas de algumas etnias, categorizando formas de trabalhar esses conteúdos na Educação Física Escolar e demonstrando com fotografias esses objetos do conhecimento. O material final está disponível para professores que desejam trabalhar essa temática a fim de proporcionar uma melhora na inserção dessa educação intercultural.

4 CONSIDERAÇÕES

Com base nos dados apresentados e por meio da análise dos artigos selecionados, pode-se observar o quanto essa cultura corporal do movimento pode enriquecer o trabalho docente, baseado em uma educação intercultural buscando uma valorização desses povos com a utilização das brincadeiras e jogos de matrizes

indígenas. Os estudos apontam como a criança indígena está inserida nessa cultura lúdica que é repleta de significação, podendo ser representada em uma simples corrida com obstáculos presentes na natureza ou como uma cerimônia com vestimentas e pinturas específicas para determinados rituais.

Esse resgate na tradição das etnias também mostrou como a modernidade tem chegado nas aldeias, ocorrendo um fenômeno social com alterações no modo de viver e pensando nas crianças outros modelos de se divertir. No entanto, de acordo com os artigos estudados, os mais velhos buscam mostrar a importância dessa cultura para cada etnia, com o intuito de não deixar essa tradição ser esquecida, o empenho foi demonstrado durante as entrevistas realizadas nos trabalhos.

Deste modo, essa pesquisa mostrou uma escassez de trabalhos nessa área, que necessita de uma maior valorização por se tratar dos povos originários que são parte da história do Brasil e continuam a sofrer diversos tipos de preconceitos pela comunidade urbana, por fim além de ser usada nas aulas e valorizar a tradição, a utilização desses temas acaba proporcionando aos alunos um enfrentamento a diversidade com o outro olhar e assim podendo ter uma sociedade mais acolhedora as diferenças e que possa respeitar o direito de cada um.

REFERÊNCIAS

APALAI, Arawaje Waiana; BRITO, Angela do Céu Ubaiara; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. O brincar das crianças indígenas no pará: um olhar para as narrativas e vivências do povo Aparai. **Reflexão e Ação**, v. 30, n. 1, p. 115-131, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PT: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRINGEL, Denise Araújo et al. Brinquedos, jogos e brincadeiras Akwe-Xerente. **Pensar a Prática**, v. 23, 2020.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. Tradução de Maria Alice de Sampaio Dória. São Paulo: Cortez, 1995.

FAUSTINO, R. C. Educação e religião Guarani no Paraná: estudo a partir do ritual Nimongaray. **Práxis Educativa**, 7, 239-263. 2012.

FIGUEIREDO, Lilia Marcia de Souza; AZEVEDO, Lucy Ferreira. Jogos e Brincadeiras Indígenas em Mato Grosso. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 15, n. 2, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2003.

FRIEDMANN, A. et al. **O direito de brincar**. A brinquedoteca. 4 ed. São Paulo: Edições Sociais: Abring, 1998.

GERKEN, Carlos Henrique de Souza; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DIAS, Felipe Silva. Práticas culturais e jogos de linguagem entre os povos Xakriabá. **Educação & Realidade**, v. 44, p. e82603, 2019.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GIRALDIN, O.; APINAGÉ, F. **Educação Indígena: um processo contínuo**. Editora UFMG, 2019.

GRANDO, Beleni Salette. Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural. **Arquivos em Movimento**, v. 10, n. 1, p. 138-154, 2014.

GRANDO, Beleni Saléte. **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

JOSÉ, Inara Borges da Silva; RAMOS, Marcel Santana. Olhares pluriculturais em jogos, brincadeiras e experiências matemáticas com os Guarani e Tupinikim. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, p. 245-249, 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LOPES, Rita de Cássia Domingues; Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe. O lúdico em questão: brinquedos e brincadeiras indígenas. **Desidades: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, n. 6, p. 25-39, 2015.

MARTINS, Raica; TAQUES, Marcelo Jose; LEVANDOSKI, Gustavo. O resgate das memórias do jogo e brincadeiras de uma comunidade indígena. **Athlos: Revista internacional de ciencias sociales de la actividad física, el juego y el deporte**, n. 17, p. 17-28, 2019.

NUNES, A. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A.L.; MACEDO, A.V.L.; NUNES, A. (Orgs). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, p. 64-99, 2002.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar**. 1. Ed., Fortaleza: Aliás, 2021.

PIOVEZANA, Giovana Didoné; DA SILVA, Maurício Roberto; PIOVEZANA, Leonel. As crianças indígenas em movimento no cotidiano das ruas da cidade: entre o trabalho e a cultura lúdica. **Educação & Linguagem**, v. 19, n. 2, p. 63-100, 2016.

POMIN, Fabiana; DIAS, Lucimar Rosa. Educação das relações étnico-raciais em

aulas de educação física: uma abordagem conceitual. **Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp**, v. 7, n. 1, p. 81-94, 2019.

ROCHA FERREIRA, M.B; et al. Jogos tradicionais indígenas. In: COSTA, L. P. Da (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, p. 35-36, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SILVA, Marciano et al. Brinquedos e brincadeiras indígenas kaingang: transfiguração entre gerações. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 14, n. 2, 2015.

SKOLAUDE, Lucas Silva; CANON-BUITRAGO, Edwin Alexander; BOSSLE, Fabiano. A educação física na educação escolar indígena: a produção acadêmico-científica na área 21 como perspectiva de diálogo e (re) conhecimento intercultural. **Movimento**, v. 26, p. e26009, 2022.

SOUZA, Maria Leidiane Barboza et al. Brincadeiras indígenas do povo Tembé do Alto Rio Guamá: diálogo entre a tradição e a modernidade. **Licere-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 22, n. 2, p. 452-475, 2019.

TENÓRIO, Jederson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes da. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. **Revista teoria e prática da educação**, v.17, n. 1, p. 81- 91, jan. /abr., 2014.

11 ARTIGO II⁵ - JOGOS E BRINCADEIRAS APINAJÉ: UM LEGADO DE DIVERSÃO E SABERES

JOGOS E BRINCADEIRAS APINAJÉ: UM LEGADO DE DIVERSÃO E SABERES

RESUMO

Este estudo investigou as brincadeiras e jogos do povo indígena Apinajé, com o objetivo de compreender sua importância cultural e os modos de transmissão entre gerações. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, utilizando entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade e registros em diário de campo. Os resultados evidenciaram que, apesar das influências contemporâneas, como a crescente presença das tecnologias e a popularização do futebol nas aldeias, as práticas lúdicas tradicionais continuam sendo valorizadas e transmitidas. Os jogos e brincadeiras desempenham um papel central na socialização, na educação e na preservação da identidade cultural Apinajé, manifestando-se tanto no cotidiano das aldeias quanto em rituais e celebrações. Conclui-se que, mesmo diante das transformações socioculturais, a cultura lúdica dos Apinajé permanece viva e ressignificada, reafirmando sua relevância para a manutenção da memória coletiva e do patrimônio imaterial desse povo

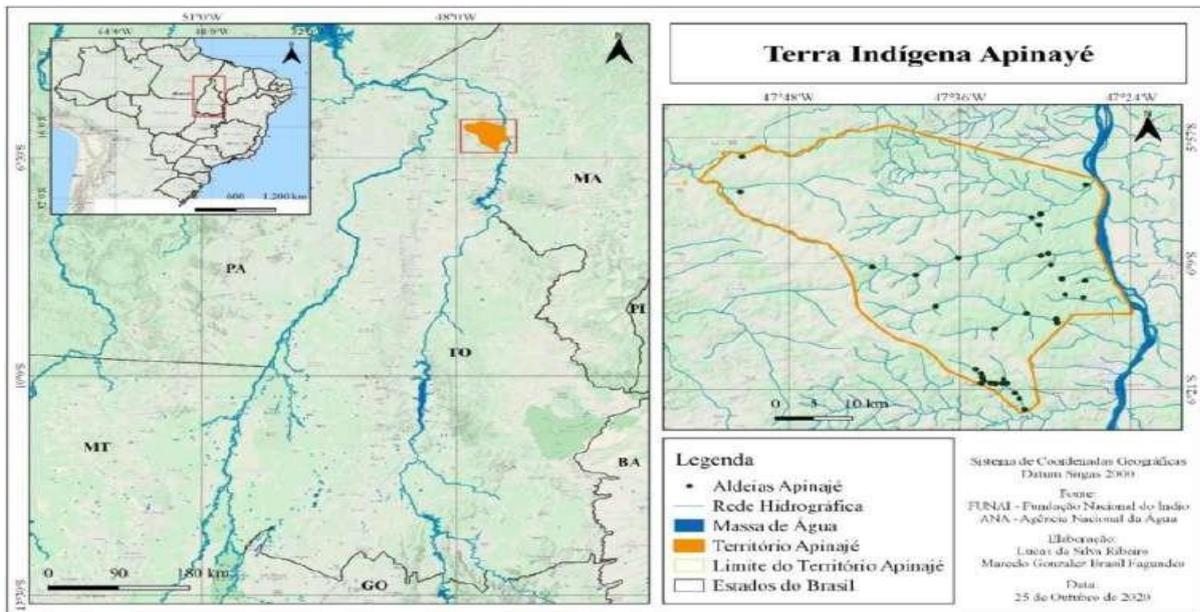
Palavras-chave: Apinajé. Cultura indígena. Brincadeiras e Jogos. Transmissão Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Os Apinajé, povo originário pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, têm como idioma nativo o Apinajé, que também dá nome à etnia. De acordo com dados do IBGE (2022), sua população é estimada em 1.913 indivíduos. A etnia ocupa uma área de aproximadamente 142 mil hectares, distribuída entre os municípios de Cachoeirinha (TO), Luzinópolis (TO), Tocantinópolis (TO), São Bento (TO) e Maurilândia (TO), na região conhecida como “Bico do Papagaio”. A localização das aldeias Apinajé pode ser visualizada na figura abaixo, que apresenta o território no mapa do estado do Tocantins, seguido da distribuição das aldeias ao longo dessa área.

⁵ (Artigo a ser enviado para publicação após apreciação da banca)

Figura 11. Território Apinajé.



Fonte: Demarcação inacabada: a luta Apinajé pelo território dividido pela Transamazônica – Scientific Figure on ResearchGate. Available from: https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-Mapa-da-terra-indigena-Apinaye-e-suas-aldeias-at-uais_fig1_376959877 [accessed 7 Feb 2025]

O primeiro registro documentado de contato entre os Apinajé e não indígenas remonta a 1774, quando Antônio Luiz Tavares, durante uma expedição pelo rio Tocantins, identificou uma expressiva presença indígena na margem esquerda do rio, em uma região marcada pela ocorrência de cachoeiras (NIMUENDAJÚ, [1939] 1983, p. 2). Ainda de acordo com Nimuendajú (1983), o contato permanente entre os Apinajé e a sociedade não indígena ocorreu em 1797, dando início a intensos conflitos decorrentes das disputas territoriais na região que, na época, pertencia à capitania do Pará.

Em sua obra *Os Apinajé*, Nimuendajú (1983, p. 14) destaca que a chegada desse povo à região do Bico do Papagaio resultou no estabelecimento de suas aldeias, cuja localização era escolhida com base em critérios específicos:

Os Apinajé nunca localizam suas aldeias na mata, mas sempre no campo alto e aberto, a uma distância de pelo menos 500 metros da água. As suas aguadas são sempre os ribeirões fortes e de curso permanente. Eles não se satisfazem com pequenos córregos, como os usados pelos xerentes de Alta Providência, ou com cacimbas dos seus vizinhos a leste: os Timbira Krinkati das cabeceiras do rio Pindaré. (NIMUENDAJÚ, 1983, p. 14).

Roberto DaMatta (1976) analisa que o território Apinajé está localizado em uma zona de transição entre a floresta tropical e o cerrado, uma configuração que caracteriza a região das águas. As aldeias situam-se próximas aos ribeirões, onde a

vegetação ciliar se mescla com os campos típicos do cerrado, formando um ecossistema diversificado.

A organização das aldeias Apinajé gira em torno de duas principais: a Aldeia Mariazinha e a Aldeia São José, ambas equipadas com unidades básicas de saúde e escolas. A partir dessas aldeias centrais, surgiram outras comunidades, como Patizal, Prata, Bacabinha, Abacaxi, Serrinha, Botica, Bonito, Girassol, Cristo Rei, Brejão e Riachinho, entre outras, totalizando aproximadamente 50 aldeias. Essas novas comunidades foram fundadas por indígenas que decidiram se estabelecer de forma independente, originando uma expansão apoiada pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), que forneceu incentivos como horas de trator, tratoristas e sementes, fomentando a agricultura familiar e garantindo a segurança alimentar.

A agricultura familiar é a principal fonte de sustento dos Apinajé, sendo complementada pelo consumo de carne de caça e pela coleta de frutos nativos, como bacaba, buriti, pequi e açaí. Além do autoconsumo, a comercialização desses produtos gera uma importante fonte de renda, incluindo a venda de farinha de mandioca nas feiras e a negociação de frutos nativos, como o pequi, frequentemente comercializados em grandes quantidades às margens das estradas. A extração do óleo das amêndoas do babaçu também se destaca como uma atividade econômica relevante. Além disso, em algumas aldeias, a criação de gado bovino tem sido uma alternativa viável para a melhoria das condições financeiras das comunidades.

Essas práticas produtivas são transmitidas de geração em geração, assegurando a continuidade dos saberes e tradições Apinajé. Nesse sentido, Lima (2018) corrobora essa perspectiva na citação a seguir.

Caçadas, pescarias e coletas de frutas lhes tomavam o tempo, haja visto que os jovens estavam presentes e precisavam tomar conhecimento da riqueza da terra, das águas e das plantas: as que servem para comer, fazer remédios, tem madeira adequada para a construção das casas. Constituíam-se em períodos que promoviam a transmissão de conhecimento entre gerações. (LIMA, 2018, p. 119).

A transmissão de conhecimentos entre as gerações também se manifesta em outros aspectos da cultura Apinajé, como nas brincadeiras e jogos tradicionais, que carregam e reafirmam a identidade desse povo. O ato de brincar possui um significado profundo, refletindo uma cultura lúdica corporal que expressa valores e saberes ancestrais.

Os jogos e brincadeiras das crianças indígenas são uma forma de socialização

dessa cultura, ocorrendo de maneira lúdica (NUNES, 2002). Nesse sentido, Rocha Ferreira (2005) destaca que a apreensão dos significados culturais se dá por meio da liberdade de movimento experimentada pelas crianças indígenas em constante interação com a natureza. Os jogos tradicionais indígenas entrelaçam-se com mitos e valores culturais, conectando o mundo material e imaterial de cada etnia.

Para Grando (2014), a criança é moldada pelo grupo social e pela cultura, o que evidencia a importância das práticas culturais, dos valores, das atividades cotidianas e dos rituais. Entre os Apinajé, essa construção cultural pode ser observada desde os traços da pintura corporal até o modo de balançar o maracá durante os rituais.

Dessa forma, esta pesquisa busca evidenciar um aspecto fundamental da cultura Apinajé: os jogos e brincadeiras tradicionais, que desempenham um papel essencial na preservação da identidade e na transmissão dos saberes desse povo.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, utilizando a entrevista semiestruturada e o diário de campo como principais técnicas de coleta de dados para investigar as brincadeiras e os jogos do povo indígena Apinajé. As entrevistas foram conduzidas com membros da comunidade, incluindo anciãos, lideranças e outros participantes com idade igual ou superior a 18 anos, com o objetivo de compreender a importância cultural das práticas lúdicas e sua transmissão entre gerações.

A entrevista semiestruturada é um instrumento que possibilita a exploração flexível dos temas investigados, permitindo que o pesquisador adapte as perguntas conforme necessário para aprofundar as informações (TRIVIÑOS, 1987). Dessa forma, o roteiro de perguntas abordou aspectos como os significados atribuídos às brincadeiras, a forma como são ensinadas e sua relação com a identidade e os valores do povo Apinajé. O caráter dialógico dessa técnica favoreceu a escuta ativa e a valorização das narrativas dos entrevistados, fundamentais para compreender o contexto cultural e histórico em que essas práticas estão inseridas (MINAYO, 2001).

Segundo Flick (2005), esse modelo de entrevista é amplamente utilizado na investigação qualitativa, sendo organizado previamente com um conjunto de questões abertas que podem ser complementadas por outras que surgirem no decorrer do diálogo (PURDY, 2014). Além das entrevistas, foram realizadas observações diretas

nas aldeias Apinajé, registradas em um diário de campo, que, conforme Del-Masso e Santos (2021), é um método de registro altamente significativo.

Quanto maior a riqueza de detalhes das anotações, maior será a contribuição para o desenvolvimento da pesquisa. O diário de campo teve como objetivo documentar as brincadeiras no cotidiano da comunidade, registrando descrições detalhadas das interações entre as crianças, os materiais utilizados nos jogos e o contexto sociocultural em que ocorrem. As percepções e reflexões do pesquisador também foram anotadas para auxiliar na interpretação dos dados.

A triangulação entre as informações obtidas nas entrevistas e nas observações possibilitou uma análise mais aprofundada sobre a relevância das brincadeiras na preservação da cultura Apinajé, evidenciando seu papel na educação e na transmissão dos saberes ancestrais.

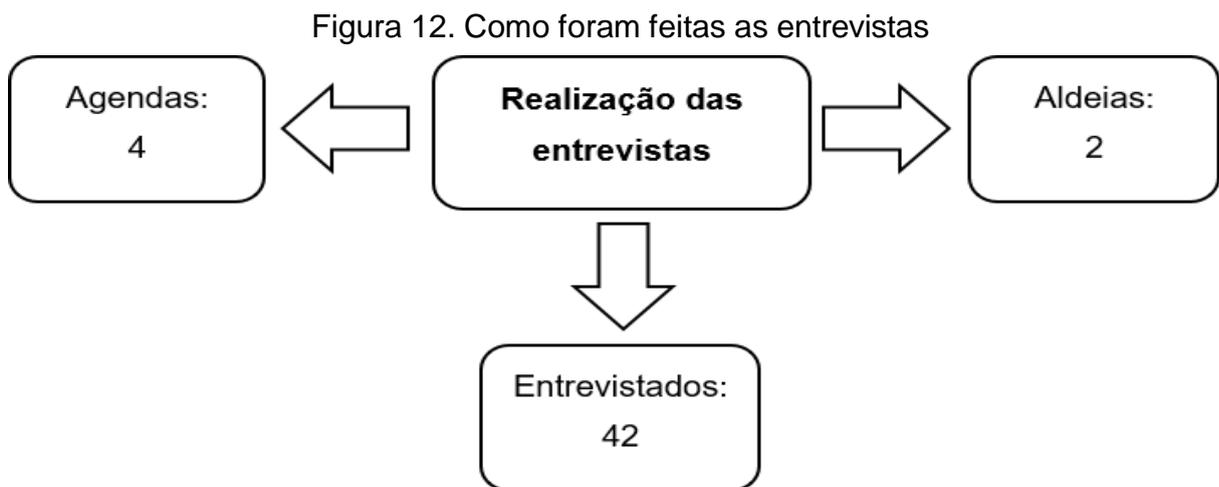
Os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas e das observações registradas no diário de campo foram analisados utilizando a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Esse método permite a organização sistemática das informações, identificando categorias e padrões emergentes do material empírico. Inicialmente, os dados foram transcritos e submetidos a uma leitura flutuante para familiarização com o conteúdo. Em seguida, realizou-se a categorização das informações, agrupando-as em temas que evidenciam a relação entre as brincadeiras e jogos dos Apinajé e seus significados culturais.

De acordo com Bardin (2011, p. 125), a análise de conteúdo consiste em "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens". A triangulação dos dados, que envolve a comparação entre as informações obtidas nas entrevistas e as observações registradas no diário de campo, garantiu maior validade e profundidade na análise, contribuindo para uma compreensão mais ampla e detalhada das práticas lúdicas no contexto indígena.

Dessa forma, a abordagem adotada não apenas descreve as brincadeiras e jogos, mas também interpreta seus significados dentro da dinâmica sociocultural do povo Apinajé.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram organizadas em quatro agendas realizadas em cada aldeia, totalizando 42 entrevistados em duas comunidades, conforme o fluxograma apresentado abaixo.



Fonte: elaborado pelos autores

As atividades nas aldeias foram organizadas da seguinte forma: nos dois primeiros dias, foram realizadas as entrevistas, enquanto os dois dias subsequentes foram dedicados à observação do cotidiano da comunidade. Essa abordagem metodológica permitiu uma compreensão mais ampla da dinâmica social, cultural e econômica das aldeias, complementando os dados obtidos por meio das entrevistas com a observação direta das interações e práticas cotidianas.

Figura 13. Antenor Apinajé, um dos entrevistados.



Fonte: elaborado pelos autores

“Tenho orgulho de falar sobre a nossa cultura, a corrida com tora os maracas eu sempre passo para as crianças, para nunca perder nossas raízes. Mesmo com a tecnologia nunca perderemos a nossa cultura Apinajé” (ANTENOR APINAJÉ, 2025)

A análise dos dados, considerando que a pesquisa foi realizada com indivíduos maiores de 18 anos, revelou que a maioria dos entrevistados já possui filhos, evidenciando um traço característico das aldeias indígenas, onde a parentalidade ocorre em idade precoce. Esse fenômeno pode estar relacionado a diversos fatores socioculturais, como tradições, organização familiar e dinâmicas comunitárias. A parentalidade precoce⁶² é uma característica amplamente observada em diferentes comunidades indígenas, sendo um aspecto relevante na América Latina e no Caribe (PAHO, 2017).

Nesse contexto, uma das primeiras questões abordadas na entrevista buscou identificar se os participantes tinham filhos e, em caso afirmativo, quantos. O objetivo dessa abordagem foi compreender a percepção dos entrevistados sobre a parentalidade no contexto da cultura Apinajé e sua relação com a perpetuação dos costumes e valores tradicionais na comunidade, especialmente diante dos impactos da tecnologia na vida cotidiana.

A partir das respostas obtidas, foi possível estruturar a distribuição da quantidade de filhos entre os entrevistados, conforme representado no gráfico abaixo. Essa análise permitiu uma compreensão mais aprofundada do perfil demográfico da comunidade estudada, fornecendo subsídios para reflexões sobre os desafios e transformações que permeiam a parentalidade indígena na contem

Figura 14. Distribuição da quantidade de filhos.



Fonte: elaborado pelos autores

⁶ A parentalidade precoce é uma característica observada nas comunidades Apinajé, manifestando-se, sobretudo, pelo elevado número de casamentos entre indivíduos com idades em torno de quatorze ou quinze anos. Esse fenômeno também é recorrente em outras etnias indígenas e está relacionado a fatores socioculturais, como a estrutura familiar tradicional, os ritos de passagem e a organização comunitária, que influenciam os padrões de constituição familiar e de transmissão de conhecimentos intergeracionais.

Observando o gráfico acima, podemos fazer a seguinte análise dividida em tópicos:

- **Maioria com 2 filhos:** A maior concentração de pessoas está no grupo que possui 2 filhos, com 18 indivíduos.
- **Menor número de filhos:** Os grupos com 0 filhos e 4 ou mais filhos têm a mesma quantidade de pessoas, 4 em cada.
- **Distribuição geral:** A maioria das pessoas tem entre 1 e 3 filhos, com um pico no grupo de 2 filhos.

Partindo desse perfil demográfico, procede-se à análise das brincadeiras e jogos mencionados durante as entrevistas e observações realizadas nas aldeias. Para uma melhor organização e compreensão dos dados, serão estabelecidas duas categorias, as quais serão detalhadas no próximo tópico.

3.1 Categorização

Para a categorização dos jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé, foi fundamental compreender o contexto em que cada entrevistado se posicionava. Enquanto alguns participantes manifestaram preocupações quanto ao uso de tecnologias nas aldeias, temendo possíveis impactos na preservação cultural, outros argumentaram que sua presença pode facilitar as atividades cotidianas sem necessariamente representar uma ameaça às tradições da etnia.

Diante dessas diferentes perspectivas e com o suporte das anotações registradas no diário de campo, foram estabelecidas duas categorias principais. A primeira engloba os jogos e brincadeiras diretamente ligados à identidade Apinajé, caracterizando-se por sua presença em rituais e em momentos de transição entre ciclos da vida. A segunda categoria corresponde aos jogos e brincadeiras praticados no cotidiano da comunidade ou que, em algum momento, fizeram parte da vivência dos Apinajé.

Na tabela abaixo é apresentada a divisão dos jogos e brincadeiras conforme essas categorias.

Tabela1. Categorização das brincadeiras e jogos Apinajés

Categorização		
Categoria	Descrição	Nº
Cultura Apinajé	Nessa categoria encontram-se as brincadeiras e jogos que estão ligadas aos rituais Apinajé e estão presentes em momentos de transição de ciclos.	8
Diversão na aldeia	Nessa categoria encontram-se as brincadeiras e jogos que são mais comuns no cotidiano e que já fizeram parte em algum momento da vida dos entrevistados na aldeia.	9

Fonte: elaborado pelos autores

3.1.1 Cultura apinajé

Nesta categoria, estão incluídos oito jogos e brincadeiras diretamente associados aos rituais da cultura Apinajé, desempenhando um papel crucial em momentos de transição e celebração. Essas práticas lúdicas vão além da mera diversão, estando profundamente enraizadas na identidade cultural da etnia. Por meio delas, são reforçados valores comunitários, transmitidos saberes ancestrais e fortalecidos os laços entre as gerações, garantindo a continuidade das tradições do povo Apinajé.

3.1.1.1 Corrida com tora⁷³. (KWRA HO PRÔT)

Essa corrida é realizada por homens, que utilizam toras de buriti, com pesos variando entre cinquenta e sessenta quilos. Os participantes são divididos em duas equipes, Wamenhmê e Katãm, que se distinguem pela pintura corporal. Durante a prova, os indígenas carregam a tora nos ombros, repassando-a entre os membros da equipe até que o último corredor cruze a linha de chegada, localizada no pátio da aldeia.

⁷ Corrida com tora: esse jogo é considerado um dos principais dessa cultura corporal Apinajé, estando presente em algumas celebrações e rituais.

Figura 15. Povos Indígenas Apinajés na corrida com Tora.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.1.2 Arco e flecha (KUXÊ KRUR)

Para os Apinajé, o arco e flecha, além de ser uma modalidade esportiva, desempenha um papel essencial na preservação da tradição indígena. Trata-se de uma habilidade ancestral que estabelece uma conexão profunda e espiritual com a natureza. Esse instrumento, amplamente utilizado tanto para a caça quanto para a defesa, carrega significados que vão além de sua função prática, tornando-se um símbolo de resistência e identidade étnica.

A confecção do arco e flecha segue um conhecimento tradicional que é cuidadosamente transmitido de geração em geração. O arco é produzido a partir de madeiras flexíveis e resistentes, como o ipê, jatobá e guaibira, enquanto as flechas são geralmente confeccionadas com bambu. A corda, por sua vez, é feita com fibras vegetais, como as do tucum ou do cipó, materiais extraídos da floresta de forma sustentável e respeitando os ciclos naturais. Esse processo artesanal não apenas preserva os saberes tradicionais, mas também reforça sua integração ao cotidiano da comunidade.

No contexto esportivo, o arco e flecha é presente em competições como os Jogos Escolares Indígenas do Tocantins (JEITS), os Jogos Mundiais Indígenas e os Jogos Indígenas da Ilha do Bananal. A participação nessas competições não só promove a difusão e valorização das práticas corporais indígenas, mas também fortalece a identidade cultural dos povos originários, especialmente em espaços institucionais.

Figura 16. Apinajé na II edição dos Jogos Indígenas da ilha do Bananal.



Fonte: Acervo Secretaria de Estado dos Povos Originários e Tradicionais (SEPOT).

3.1.1.3 Corrida com varinha

Essa corrida é realizada entre crianças, utilizando toras extraídas da árvore conhecida como Pau de Cigarra, cuja madeira é leve e ideal para que elas possam carregá-las nos ombros. A divisão das equipes segue o mesmo padrão da corrida com tora, sendo diferenciadas por meio de pinturas corporais específicas. A competição é concluída quando a primeira equipe alcança o pátio da aldeia.

3.1.1.4 Peteca

O nome desse jogo tem origem na língua tupi e significa "tapear" ou "dar golpes com as mãos". Amplamente difundida no Brasil, a prática da peteca está profundamente enraizada na cultura dos povos indígenas Apinajé, desempenhando um papel significativo na transmissão de saberes tradicionais e na valorização das práticas corporais ancestrais.

A peteca é tradicionalmente confeccionada com palhas de milho, com ou sem penas, habilidosamente amarradas de forma a garantir sua aerodinâmica e durabilidade. Seu desenvolvimento compartilha semelhanças com modalidades esportivas como o voleibol e o badminton, podendo ser praticada em um campo dividido por uma rede. O jogo pode ser disputado em duplas ou por equipes maiores, com o objetivo principal de evitar que a peteca toque o solo dentro do próprio campo, exigindo dos participantes habilidades motoras como agilidade, precisão e

coordenação. Mais do que uma simples atividade recreativa, a peteca reflete a interseção entre cultura, esporte e identidade indígena, demonstrando como as práticas lúdicas tradicionais permanecem vivas e ressignificadas no contexto contemporâneo.

Figura 17. Peteca feita com palha de milho e pena.



Fonte: Acessado em: http://www.abrinquedoteca.com.br/brinq_artesanais2.asp?op=1&id=9. 7 de fev. 2025.

3.1.1.5 Brincadeiras de rodas cantadas

Os Apinajé realizam diversos rituais nos quais os membros da comunidade se reúnem em rodas e entoam cânticos tradicionais de sua cultura. Essas músicas possuem um significado profundo, representando diferentes momentos vivenciados pela aldeia, como a perda de um membro da comunidade ou a celebração de uma conquista individual. Os rituais podem ser realizados exclusivamente entre os indígenas da aldeia ou contar com a participação de integrantes de outras comunidades, fortalecendo assim os laços culturais e espirituais entre os grupos.

Figura 18. Brincadeiras de roda cantadas



Fonte: os autores

3.1.1.6 Dança com os maracas (GOTÀX HO KRÉ)

A Dança dos Maracás ocupa um papel central nos momentos significativos da cultura Apinajé, funcionando como uma expressão artística e ritualística que reforça a identidade e a espiritualidade desse povo. O maracá, instrumento percussivo tradicional, é confeccionado a partir de uma cabaça seca e oca, preenchida com pequenos caroços ou pedras em seu interior, e acoplada a um cabo de madeira em formato de bastão.

Durante a execução da dança, os indígenas da etnia Apinajé seguram os maracás com as mãos e, em alguns casos, os amarram aos pés, criando uma sonoridade rítmica que acompanha os movimentos corporais. A cadência dos sons, produzida pelo balanço dos maracás, estabelece uma conexão profunda entre o corpo, a música e o contexto cerimonial no qual a dança se insere. Esse ritual, além de ser uma manifestação cultural de resistência, evidencia a transmissão intergeracional de saberes e práticas tradicionais, consolidando-se como um elemento essencial para a preservação da memória e da identidade do povo Apinajé.

Figura 19. Danças do maraca.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.1.7 Corrida dos Clãs

A Corrida dos Clãs é uma das tradicionais provas de revezamento do povo Apinajé, realizada durante eventos comemorativos que reforçam a coesão social e a identidade cultural dessa etnia. Durante essas celebrações, os visitantes das aldeias vizinhas se organizam em grupos, sendo cada um representativo de um clã específico.

O percurso da corrida é criteriosamente demarcado e pode incluir obstáculos naturais, criando um cenário que integra a comunidade ao seu ambiente ao redor. A corrida ocorre ao redor da aldeia, culminando simbolicamente no pátio central, que representa o coração da vida comunitária e o espaço de convergência das manifestações culturais e sociais.

Cada segmento da corrida é representado por um competidor de cada clã, enfatizando não apenas a habilidade física, mas também o espírito coletivo e a honra do grupo. Dessa forma, a Corrida dos Clãs transcende a dimensão esportiva, configurando-se como um rito de afirmação identitária e de fortalecimento dos laços intercomunitários, sendo essencial para a compreensão das dinâmicas culturais dos Apinajé.

3.1.1.8 Jogo da Flecha

O Jogo da Flecha é uma corrida de revezamento em que cada equipe conta com corredores posicionados em diferentes pontos do pátio da aldeia. O primeiro corredor inicia a prova segurando uma flecha e, ao se aproximar do próximo participante, deve repassá-la, dando continuidade à corrida até que o último integrante cruze a linha de chegada.

3.1.2 Diversão na aldeia

Nesta categoria, estão agrupados nove jogos e brincadeiras que fazem parte do cotidiano da comunidade ou que, em algum momento, integraram a vivência dos entrevistados. Incluem-se tanto atividades espontâneas, como o banho recreativo nos rios em dias quentes, quanto práticas estruturadas, como o futebol, que se consolidou como um elemento central na dinâmica social da aldeia, sendo amplamente difundido e com a formação de diversas equipes.

3.1.2.1 Cabo de Guerra

Essa modalidade tem como objetivo medir a força física dos participantes. No entanto, para os povos indígenas, ela representa uma forma de demonstrar união, cooperação e resistência. Os indígenas se dividem em grupos, que devem puxar a corda até que a equipe adversária ultrapasse a linha central. Essa prática esteve presente nos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas e nos Jogos Escolares Indígenas do Tocantins (JEITS).

3.1.2.2 Brincadeiras nos Rios

Os indígenas mantêm uma relação única e profunda com os rios, que desempenham um papel fundamental na organização espacial das aldeias Apinajé. A proximidade com os rios é um dos critérios essenciais para a escolha do local das aldeias, pois esses espaços oferecem, além da água e dos peixes, também oportunidades para práticas culturais e recreativas. As crianças, em constante contato com esses rios, se envolvem em diversas brincadeiras, como saltos, pega-pega na

água e mergulhos. Essas atividades, além de momentos de diversão, são importantes para o desenvolvimento físico e social das crianças. Elas refletem a integração dos indígenas com seu ambiente natural, destacando a importância dos rios não apenas como fontes de subsistência, mas também como espaços de conversão e interação social.

Figura 20. Crianças Apinajés banhando no rio Botica.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.2.3 Pião

O pião é confeccionado com uma vareta de bambu, fincada em uma fruta ou semente. Durante o jogo, os competidores devem fazer o pião girar, criando um zunido característico enquanto ele gira na roda. O objetivo do jogo é que cada participante consiga manter o pião girando por mais tempo que o adversário ou derrubar o pião do oponente.

Esse jogo, além de ser uma competição de destreza, também serve como uma prática que envolve paciência, precisão e controle motor. Como muitas outras brincadeiras tradicionais, o pião é uma expressão lúdica que reforça a conexão com as práticas culturais ancestrais e a sociabilidade da comunidade.

Figura 21. Pião indígena.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.2.4 Escaladas em árvores

As crianças Apinajé estão constantemente imersas nos elementos da natureza, especialmente nas árvores, com as quais estabelecem uma relação estreita e significativa. Essa interação se dá por meio de diversas atividades recreativas, como as brincadeiras de escalada, que fazem parte do cotidiano da comunidade. Essas práticas não apenas promovem o desenvolvimento físico e motor das crianças, mas também reforçam o vínculo cultural profundo com o ambiente natural ao seu redor, sendo um reflexo da importância que a natureza possui na formação da identidade Apinajé. Além disso, essas brincadeiras auxiliam na transmissão de conhecimentos tradicionais, perpetuando a sabedoria ancestral sobre o uso sustentável dos recursos naturais.

3.1.2.5 Futebol e futsal

Os dois esportes mencionados são partes essenciais da vida cotidiana do povo Apinajé. Nas duas aldeias envolvidas na pesquisa, o futebol é praticado em um campo de barro localizado no centro da aldeia, e o futsal também conta com um grande número de adeptos. No futebol, os indígenas representam 50% das equipes que participam do Campeonato de Futebol Armador de Tocantinópolis/TO, com um

total de onze equipes compostas por membros da comunidade Apinajé. No futsal feminino, a equipe se destaca nos Jogos Escolares do Tocantins (JETs), tendo representado o estado em 2021 na fase nacional dos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), realizados no Rio de Janeiro. O futsal masculino Apinajé também participa de campeonatos municipais, como a Copa Beira Rio, e, assim como o feminino, compete no JETs.

Figura 22. Time Apinajé de futsal feminino que conquistou o segundo lugar no JEB's.



Fonte: os autores

3.1.2.6 Perna de pau

A brincadeira bastante conhecida é realizada com dois troncos ou galhos de árvores de espessura média, que são posicionados paralelamente, com duas bases elevadas à altura escolhida pelos participantes. Os participantes seguram as extremidades superiores com as mãos e, a partir dessa posição, desde a dar passes entre si, mantendo o equilíbrio e a proporção. Essa prática lúdica, que envolve motores como força, destreza e habilidade, é uma manifestação cultural do povo Apinajé e tem sido registrada desde os primórdios dessa etnia.

3.1.2.7 Jogo da bolinha

No jogo, o ancião segura várias bolinhas confeccionadas por ele mesmo.

Trata-se de uma combinação entre voleibol e o jogo de peteca com penas. No início, o ancião lança uma bolinha, e as crianças devem impedir que ela caia, passando-a de uma para outra com a palma da mão. Em seguida, o ancião adiciona mais bolinhas, que devem ser mantidas no ar simultaneamente. Caso alguma bolinha caia, o jogo deve ser reiniciado.

Figura 23. As crianças indígenas brincando da brincadeira da bolinha.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.2.8 Estilingue

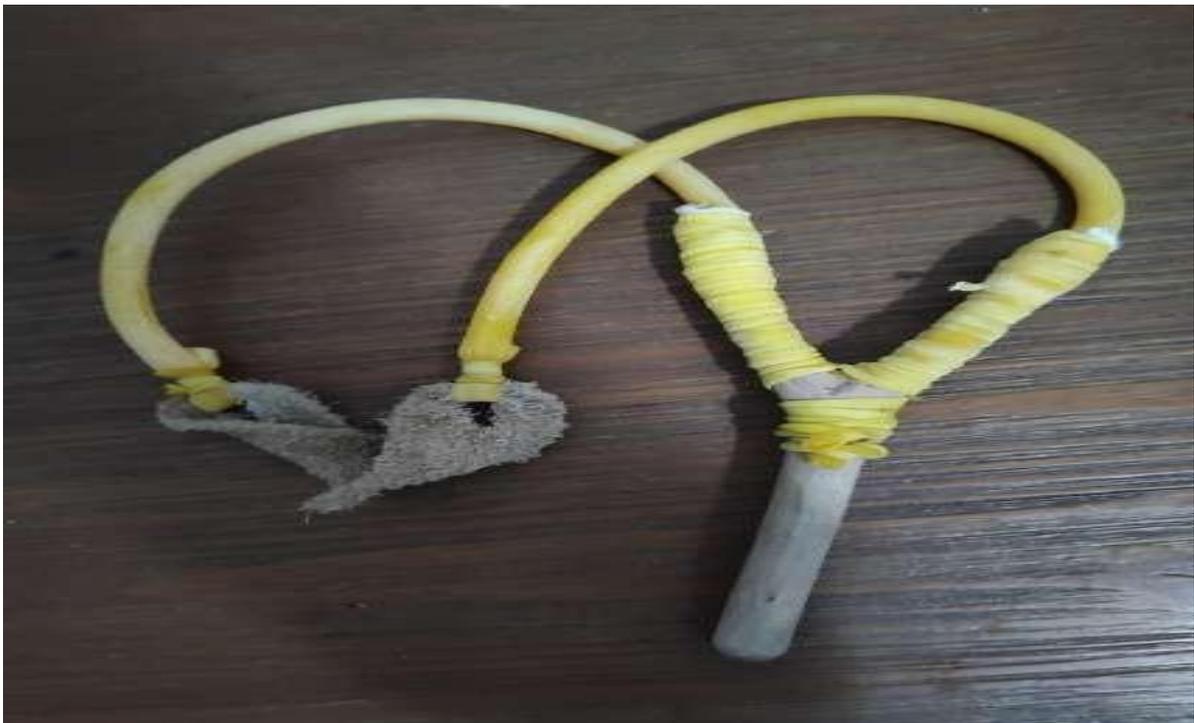
A brincadeira com estilingue é uma prática tradicional presente nas duas aldeias pesquisadas, destacando-se como um exemplo de como os jogos lúdicos e as habilidades adquiridas nas atividades recreativas estão intimamente conectados com a cultura Apinajé. O estilingue é confeccionado de maneira artesanal, utilizando materiais naturais de fácil acesso, refletindo o conhecimento prático e a relação com o ambiente que caracteriza o povo Apinajé.

O braço do estilingue é geralmente feito a partir de um galho de árvore resistente, como o de aroeira ou outras espécies que combinam flexibilidade e durabilidade. O galho é cuidadosamente escolhido para formar a estrutura em "Y", com dois ramos principais que servem como os braços do estilingue. Nas extremidades desses braços, é posicionada a borracha, que é o elemento fundamental para fornecer o impulso necessário ao lançamento da pedra. O "saco"

que segura o projétil é confeccionado com um pedaço de couro, garantindo firmeza e funcionalidade ao dispositivo.

Além de seu uso recreativo, o estilingue desempenha um papel prático na vida cotidiana das crianças, especialmente na caça. Muitos jovens Apinajé utilizam o estilingue para tentar capturar pequenos pássaros, uma atividade que integra o aprendizado lúdico com práticas culturais de subsistência. Dessa forma, o estilingue não é apenas um brinquedo, mas também um meio de transmitir habilidades essenciais para a sobrevivência e a convivência harmoniosa com o ambiente natural.

Figura 24. Estilingue utilizado para caçar e se divertir.



Fonte: elaborado pelos autores

3.1.2.9 Arremesso de Lança

O arremesso de lança, enquanto prática cultural indígena, transcende a mera dimensão esportiva, constituindo-se como uma manifestação da destreza e da capacidade de adaptação a diferentes contextos ambientais. Esse ato simboliza a inter-relação entre tradição, subsistência e resistência, configurando-se como um elemento central na preservação da identidade cultural desses povos. Além disso, a inclusão dessa modalidade nos Jogos Escolares Indígenas do Tocantins (JEITS) evidencia o reconhecimento e a valorização das práticas corporais tradicionais no

âmbito das políticas de esportes e educação, promovendo o fortalecimento da cultura indígena em espaços institucionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, conduzida por meio de entrevistas e diários de campo, proporcionou uma compreensão aprofundada da riqueza e continuidade das brincadeiras e jogos do povo Apinajé. Os relatos dos participantes revelaram que, apesar das influências contemporâneas, como a crescente presença de tecnologias e a forte adesão ao futebol nas aldeias, a cultura Apinajé permanece vibrante e em constante transformação.

A transmissão intergeracional das práticas lúdicas continua a ocorrer, seja no cotidiano das comunidades, seja durante as celebrações e rituais que reforçam a identidade cultural do povo. Observou-se que, mesmo diante das transformações sociais e das novas dinâmicas provocadas pelo contato com o mundo exterior, os Apinajé têm a capacidade de ressignificar suas tradições. Eles preservam suas brincadeiras e jogos, adaptando-os a um contexto em constante mudança, sem perder o vínculo com as suas origens culturais.

Esse estudo contribui significativamente para o reconhecimento dessas práticas não apenas como formas de lazer e entretenimento, mas também como componentes essenciais da socialização, educação e preservação cultural. Ao documentar e analisar essas expressões culturais, o trabalho reforça a importância de políticas públicas e iniciativas que promovam e protejam o patrimônio imaterial dos povos indígenas. Tais ações são fundamentais para assegurar que as futuras gerações de Apinajé, e de outros povos indígenas, possam continuar a experienciar e transmitir suas tradições, garantindo a perenidade de suas culturas em um mundo globalizado.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*.

DAMATTA, Roberto. **Um mundo dividido**: A estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DEL-MASSO, M. C. S.; SANTOS, M. A. P. **Instrumentos e técnicas da pesquisa**.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Disciplina: Seminários de Pesquisa Científica em Educação Física – Parte 2. ProEF, 2021

FLICK, U. **Métodos qualitativos na investigação científica**. Lisboa: Monitor, pp. 1-13. 2005.

GRANDO, Beleni Salete. Do corpo e da cultura: indícios da realidade na perspectiva intercultural. **Arquivos em Movimento**, v. 10, n. 1, p. 138-154, 2014.

GIRALDIN, Odair; APINAGÉ, Cassiano Sotero. Perspectivas históricas sob a perspectiva dos Apinaje. **Tellus**, v. 19, n. 38, p. 237-288, 2019.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

LIMA, Vanusa da Silva. **Entre Palmeiras**: produção e transmissão de conhecimentos entre as gerações Apinaje, 2018. 148f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Terras Tradicionais) — Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável Junto A Povos E Terras Tradicionais, MESPT, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. **Em Aberto**, v. 5, n. 31, 1986.

MOREIRA, Luiza; PERES, Juliana. Atividades culturais indígenas na educação física escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 10, n. 1, 2019.

NIMUENDAJÚ, Curt U. *Os Apinayé*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983. [Publicado originalmente em 1939].

NUNES, A. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A.L.; MACEDO, A.V.L.; NUNES, A. (Orgs). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global, p. 64-99, 2002.

PAHO, UNFPA et al. Accelerating progress toward the reduction of adolescent pregnancy in Latin America and the Caribbean. Report of a technical consultation. **Pan American Health Organization, United Nations Population Fund and United Nations Children's Fund, Washington, DC**, 2017.

PURDY, L. Interviews. In L. Nelson, R. Groom, & P. Potrac (Eds.), *Research methods in sports coaching* (pp. 161-170). London: Routledge. 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

12 ARTIGO III⁸ - EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERCULTURALIDADE: CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA SOBRE JOGOS E BRINCADEIRAS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

EDUCAÇÃO FÍSICA E INTERCULTURALIDADE: CONSTRUÇÃO DE UMA CARTILHA SOBRE JOGOS E BRINCADEIRAS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

RESUMO

Este artigo relata o processo de criação da cartilha "O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé", desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF). Essa cartilha foi criada como um recurso pedagógico para os professores da rede municipal de ensino de Tocantinópolis/ TO, pensando em integrar os jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé ao currículo escolar, promovendo uma educação intercultural e inclusiva. A metodologia adotada incluiu pesquisa qualitativa, com revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas e oficinas participativas com professores e representantes indígenas. Foram identificados dez jogos e brincadeiras tradicionais, que foram adaptados para o contexto escolar, com simplificação de regras e uso de materiais alternativos. A validação do material contou com a participação ativa de professores, especialistas em educação intercultural e lideranças indígenas, garantindo a autenticidade cultural e a aplicabilidade pedagógica. Este recurso foi dividido em quatro partes: introdução, jogos e brincadeiras, atividades pedagógicas e referências. Espera-se que o material inspire práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com a diversidade cultural.

Palavras-chave: Jogos e Brincadeiras Tradicionais. Apinajé. Cultura indígena. Educação Intercultural. Educação Física Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Os jogos e brincadeiras estão presentes nos diferentes modos de viver em

⁸ (Artigo aceito para publicação na revista Cadernos Pedagógico, qualis A2 - extrato 2017- 2020 a ser disponibilizado em <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped>)

qualquer lugar do mundo. Para Sarmento (1997), a criança que convive diariamente com diversas vivências culturais constrói um sentimento de pertencimento social. Dessa forma, ela produz, interpreta e reproduz a cultura. Esses jogos e brincadeiras também estão presentes na Educação Física Escolar, sendo considerados objetos do conhecimento e desempenhando um papel fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, contribuindo para o convívio social e a formação cidadã.

De acordo com Bracht (1999), a Educação Física deve ser vista como uma prática capaz de auxiliar na formação de indivíduos preparados para viver em comunidade. Para que a disciplina cumpra esse papel, é essencial que os temas abordados em sala de aula sejam significativos, abrangentes e culturalmente relevantes. Nesse contexto, a inclusão de conteúdos relacionados à cultura indígena e a outros grupos marginalizados torna-se urgente, especialmente no Brasil, um país de grande diversidade cultural, mas também marcado por históricas injustiças e omissões.

Os povos originários frequentemente enfrentam preconceitos. Segundo Oliveira (2010), "a história dos povos indígenas no Brasil é marcada por violências, disputas por terras e tentativas de apagamento de suas culturas". Nesse sentido, a cartilha "O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé" surge como uma ferramenta pedagógica essencial para combater essa invisibilidade e promover a inclusão dos saberes indígenas no currículo escolar.

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar o processo de criação da cartilha "O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé", um recurso educacional desenvolvido no âmbito de um Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF). Essa cartilha foi elaborada para servir como material de apoio para professores da rede municipal de ensino de Tocantinópolis/TO, integrando os jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé ao ambiente escolar e promovendo uma educação intercultural e inclusiva. Para Grandó (2010), os jogos indígenas são espaços privilegiados de aprendizagem social, resistência e afirmação de identidades, proporcionando uma reflexão sobre os conceitos de identidade e diversidade.

A escolha do tema da cartilha foi motivada pelos constantes contatos interétnicos em Tocantinópolis/TO e pela necessidade de valorizar os saberes culturais dos povos indígenas, frequentemente negligenciados. Os povos Apinajé possuem uma rica cultura corporal lúdica, expressa em seus jogos e brincadeiras, que

vão além da diversão, sendo também formas de transmissão de conhecimentos, valores e identidade cultural.

Segundo Nunes (2022), os jogos e brincadeiras das crianças indígenas são uma forma de socialização cultural, integrando o lúdico ao simbólico, reforçando valores comunitários e a conexão com a natureza. No entanto, tais práticas ainda são pouco exploradas no ambiente escolar, evidenciando uma lacuna a ser preenchida.

A metodologia utilizada para a construção da cartilha envolveu diversas etapas, incluindo uma revisão bibliográfica dos últimos dez anos, entrevistas semiestruturadas com indígenas e visitas às aldeias dos Apinajé. Além disso, foram realizadas oficinas com professores da rede municipal de ensino para validar as atividades propostas e garantir sua aplicabilidade em sala de aula. A cartilha foi organizada em seções que abordam desde a contextualização cultural dos Apinajé até sugestões práticas de atividades, sempre com foco na adaptação dos jogos e brincadeiras ao contexto escolar. Conforme Kunz (2001) destaca, a Educação Física deve ser um espaço de diálogo entre diferentes culturas, promovendo a inclusão e o respeito às diferenças.

A cartilha apresenta um grande potencial como recurso educacional, permitindo que professores utilizem jogos e brincadeiras indígenas como uma ferramenta para a educação intercultural. A inclusão de atividades culturais indígenas na Educação Física Escolar é uma forma de reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos (Moreira; Peres, 2018).

2 METODOLOGIA

O estudo seguiu uma abordagem qualitativa com um caráter participativo e incorporou princípios da pesquisa-ação, uma metodologia que visa não apenas compreender a realidade, mas também transformá-la por meio da ação colaborativa entre pesquisadores e participantes. Nesse contexto, a pesquisa-ação é um processo dinâmico e reflexivo, no qual os participantes estão diretamente envolvidos na identificação de problemas, na elaboração de soluções e na implementação de ações práticas.

A construção da presente cartilha ocorreu por meio da participação de diferentes sujeitos, incluindo professores de Educação Física da rede municipal, especialistas em educação intercultural e representantes das comunidades

indígenas. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender processos complexos e subjetivos, como a elaboração de materiais didáticos que envolvem saberes culturais específicos (MINAYO, 2014).

Além disso, a natureza participativa dessa pesquisa buscou garantir que a cartilha refletisse as necessidades e perspectivas dos professores e das comunidades indígenas, promovendo a autenticidade e a relevância do material (BRANDÃO, 2006). Para tanto, a pesquisa contou com a participação de três grupos principais: professores de Educação Física da rede municipal de Tocantinópolis/TO, especialistas em educação intercultural e representantes das comunidades indígenas Apinajé.

Os treze professores participantes da pesquisa foram selecionados por sua experiência no ensino de Educação Física para turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, além de estarem lotados em escolas municipais que atendiam ao público-alvo da pesquisa. Enquanto isso, algumas pessoas que já trabalhavam diretamente com os Apinajé avaliaram o material. A participação de três lideranças indígenas e dois professores indígenas foi fundamental para garantir a precisão cultural e a identidade Apinajé nas informações coletadas sobre os jogos e brincadeiras tradicionais.

Essa inclusão de diversos participantes permitiu que o processo de construção da cartilha fosse enriquecido por diferentes perspectivas, desde a sala de aula até o conhecimento ancestral das comunidades indígenas. Como apontam Freire (2003) e Walsh (2009), a colaboração entre diferentes saberes é essencial para a construção de uma educação intercultural que valorize a diversidade e promova o diálogo entre culturas.

A coleta de dados foi realizada em três fases: revisão bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas e observação no cotidiano das aldeias. Para Gil (2019), a revisão bibliográfica e documental incluiu a consulta a artigos científicos, livros, teses e documentos produzidos, com foco nos jogos e brincadeiras dos povos originários. Essa etapa permitiu analisar o contexto histórico das práticas lúdicas indígenas, fornecendo uma base para a construção da cartilha. Além disso, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os indígenas, com o objetivo de coletar informações detalhadas sobre os jogos e brincadeiras, suas regras e os momentos em que são praticados no convívio social.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica de

análise de conteúdo (BARDIN, 2011), permitindo a categorização das informações em temas como significados culturais dos jogos, regras e adaptações para o contexto escolar. Segundo Ludke e André (1986), a análise de conteúdo é uma ferramenta valiosa para interpretar dados qualitativos, especialmente em pesquisas que envolvem a compreensão de práticas culturais.

Além das entrevistas, foram realizadas duas oficinas participativas com os professores de Educação Física, promovendo momentos de conversa e troca de informações. Nessas ocasiões, foram apresentadas as brincadeiras indígenas Apinajé e discutidas suas possíveis adaptações para o meio educacional. As oficinas foram gravadas, e as sugestões foram posteriormente incorporadas ao conteúdo da cartilha, garantindo que o material fosse prático e aplicável para os professores.

Conforme Tassinari (2001), a participação da população indígena na construção de materiais é essencial para garantir que os saberes tradicionais sejam respeitados e valorizados. A combinação desses métodos de coleta de dados permitiu uma compreensão abrangente das práticas lúdicas indígenas e das necessidades dos professores, fundamentais para a elaboração de um material didático culturalmente autêntico e pedagogicamente eficaz (GIRALDIN; APINAJÉ, 2019).

A cartilha foi construída seguindo algumas etapas: pesquisa inicial, elaboração do conteúdo, validação e revisão final. Na etapa de pesquisa inicial, foram analisados os jogos e brincadeiras dos povos indígenas Apinajé a serem incluídos na cartilha, com base nas informações coletadas junto às comunidades por meio de entrevistas e observações do cotidiano. A criação do conteúdo incluiu descrições detalhadas dos jogos e brincadeiras, ilustrações e diagramação do material.

Na etapa de validação, o material inicial foi analisado por especialistas em educação intercultural e representantes indígenas, que sugeriram ajustes para garantir a precisão cultural e pedagógica. Por fim, a revisão final incluiu correções e ajustes na diagramação para publicação. Como destacam Sacristán (2013) e Tardif (2014), a validação de materiais educativos por especialistas e integrantes das comunidades envolvidas é crucial para garantir sua qualidade e relevância.

3 RESULTADOS

A criação da cartilha "*O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé*" representa um esforço significativo para a promoção da educação

intercultural e a valorização dos saberes tradicionais no ambiente escolar. Os Apinajé, povo indígena localizado no estado do Tocantins, possuem uma rica tradição cultural, na qual jogos e brincadeiras não apenas proporcionam momentos de lazer, mas também transmitem valores comunitários, fortalecem a conexão com a natureza e perpetuam conhecimentos ancestrais. Como destaca Lima (2015), *"os povos indígenas, como os Apinajé, detêm um patrimônio cultural imensurável, que deve ser reconhecido e integrado ao sistema educacional como forma de combater a invisibilidade histórica dessas comunidades"*.

Dessa forma, a cartilha se apresenta como uma ferramenta pedagógica essencial para professores da rede municipal de ensino, oferecendo um recurso prático e culturalmente relevante para a incorporação dos saberes indígenas ao currículo escolar. A inclusão de práticas culturais indígenas na educação formal é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais equitativa e plural, onde a diversidade seja valorizada e não marginalizada. Além de enriquecer as aulas de Educação Física, essa iniciativa contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e respeitosos em relação às diferenças culturais (COHN, 2016).

A seguir, serão apresentados os principais resultados obtidos em cada etapa do processo de construção da cartilha, desde a identificação dos jogos e brincadeiras tradicionais até sua adaptação e validação para o contexto escolar.

3.1 Identificação dos Jogos e Brincadeiras dos Povos Indígenas Apinajé

Por meio da revisão bibliográfica e das entrevistas com lideranças e professores indígenas, foram identificados dez jogos e brincadeiras tradicionais dos povos indígenas Apinajé, cada um com suas próprias regras, significados culturais e contextos de realização. A seleção dessas práticas considerou sua relevância cultural e a possibilidade de adaptação ao ambiente escolar, permitindo que os alunos vivenciassem aspectos da cultura Apinajé de maneira lúdica e educativa. Na sequência, apresentamos uma breve descrição de cada uma dessas atividades:

- **Peteca:** Brincadeira que desenvolve habilidades motoras e coordenação, além de promover a socialização entre as crianças. A peteca é confeccionada com materiais naturais, como folhas e fibras, estimulando a conexão com a natureza e o trabalho coletivo.
- **Corrida com Tora:** Atividade que exige força e resistência, na qual os

participantes carregam toras de madeira por determinada distância. Esse jogo simboliza o trabalho em equipe e a superação, valores fundamentais na cultura Apinajé.

Arco e Flecha: Prática que combina precisão e concentração, tradicionalmente utilizada na caça e pesca. No contexto lúdico, ensina habilidades essenciais para a vida na aldeia e reforça a conexão com a natureza.

- **Dança com os Maracás:** Atividade que envolve a utilização dos maracás, instrumentos musicais tradicionais, para criar ritmos e danças. Além de estimular a expressão corporal e a criatividade, essa prática fortalece a espiritualidade e os valores culturais dos Apinajé.

- **Corrida dos Clãs:** Competição entre grupos que representam os diferentes clãs da comunidade, reforçando a identidade coletiva e a importância da organização social entre os Apinajé.

- **Arremesso de Lança:** Jogo que testa força e precisão, desafiando os participantes a lançar as lanças em direção a um alvo. Essa prática está diretamente ligada às atividades de caça e pesca, transmitindo conhecimentos ancestrais às novas gerações.

- **Jogo das Bolinhas:** Brincadeira que exige estratégia e destreza manual, na qual os jogadores tentam acertar bolinhas em buracos ou alvos específicos. Essa atividade contribui para o desenvolvimento da coordenação motora e da concentração.

- **Perna de Pau:** Atividade que desafia equilíbrio e coordenação ao caminhar sobre pernas de pau feitas de madeira. Além de ser uma forma de diversão, incentiva a superação pessoal e o controle corporal.

- **Pião:** Jogo tradicional que consiste em girar um pião de madeira, realizando diferentes movimentos. Essa prática ensina paciência, precisão e controle motor, além de ser um passatempo amplamente apreciado.

- **Jogo da Flecha:** Variação do arco e flecha, no qual os participantes devem acertar flechas em alvos específicos. Esse jogo reforça a importância da concentração e da precisão, mantendo viva a tradição do uso do arco e flecha na cultura Apinajé.

Como destaca Lopes da Silva (2002), *"os jogos tradicionais indígenas são expressões culturais que carregam em si saberes ancestrais, transmitidos de geração em geração, e que devem ser preservados e valorizados no contexto educacional"*. A

inclusão desses jogos na cartilha não apenas resgata e fortalece a cultura Apinajé, mas também oferece aos professores ferramentas concretas para promover uma educação mais inclusiva e intercultural.

3.2 Adaptação para o Contexto Escolar

A inclusão dos jogos e brincadeiras tradicionais dos Apinajé no ambiente escolar representa uma estratégia pedagógica essencial para fortalecer a educação intercultural e valorizar a diversidade cultural. Como ressalta Grandó (2010), *"os jogos indígenas são espaços privilegiados de aprendizagem social, resistência e afirmação de identidades, possibilitando uma reflexão aprofundada sobre os conceitos de identidade e diversidade"*. Ao serem adaptadas para o contexto escolar, essas práticas não apenas enriquecem as aulas de Educação Física, tornando-as mais dinâmicas e significativas, mas também desempenham um papel fundamental na formação de cidadãos mais conscientes, empáticos e respeitosos em relação às diferentes culturas.

3.2.1 Simplificação das Regras

Para garantir que os jogos e brincadeiras fossem acessíveis a crianças de diferentes faixas etárias, foram realizadas adaptações nas regras, preservando, contudo, a essência cultural de cada prática. Essas modificações tornaram as atividades mais inclusivas e adequadas ao ambiente escolar, sem comprometer seus significados tradicionais. Exemplos dessas adaptações incluem:

- **Peteca:** As regras foram simplificadas para permitir que as crianças joguem em duplas ou grupos, sem a necessidade de um espaço amplo ou de materiais específicos. O foco permaneceu na cooperação e na diversão.
- **Corrida com Tora:** A distância da corrida foi reduzida, e o peso das toras foi ajustado para possibilitar a participação de crianças de diferentes idades. Além disso, a atividade foi organizada em equipes, reforçando o trabalho coletivo.
- **Arco e Flecha:** Foram utilizados arcos e flechas de segurança, confeccionados com materiais leves e não pontiagudos, garantindo a segurança dos alunos sem comprometer os aspectos de precisão e concentração da atividade.

3.3.2 Uso de Materiais Alternativos

O uso de materiais alternativos foi essencial para viabilizar a realização das atividades nas escolas, mesmo em contextos com recursos limitados. Alguns exemplos incluem:

- **Maracás:** Em vez de maracás tradicionais, foram confeccionados chocalhos com garrafas PET e pedras, mantendo o som característico e a funcionalidade do instrumento.
- **Perna de Pau:** Foram criadas pernas de pau com madeira leve e cabos de vassoura, ajustadas ao tamanho das crianças e com bases antiderrapantes para maior segurança. Outra alternativa foi a confecção com latas de leite.
- **Pião:** Os piões foram adaptados, utilizando frutas e sementes mais seguras e duráveis para o uso escolar.

Essas adaptações garantiram que os jogos pudessem ser implementados sem perder sua essência cultural, ao mesmo tempo em que atendiam às condições das escolas. Como destaca Gomes (2006), "a adaptação de materiais e regras é uma forma de democratizar o acesso às práticas culturais, sem descaracterizar seu significado original".

3.2.3 Trabalho Interdisciplinar

A incorporação dos jogos e brincadeiras ao currículo escolar foi planejada de maneira interdisciplinar, possibilitando a colaboração entre professores de diferentes áreas do conhecimento. Exemplos dessa abordagem incluem:

- **Matemática:** No jogo das bolinhas, os alunos podem ser incentivados a contar pontos, calcular distâncias ou explorar conceitos de frações e porcentagens.
- **Geografia:** A corrida dos clãs pode ser utilizada para discutir a organização social dos Apinajé e a distribuição geográfica de suas aldeias.
- **História:** O arco e flecha e o jogo da flecha podem ser contextualizados historicamente, abordando seu uso na caça e na pesca ao longo do tempo.
- **Artes:** A dança com os maracás pode ser integrada a atividades de expressão corporal e confecção de instrumentos musicais.

Essa abordagem interdisciplinar não apenas amplia as possibilidades de aprendizado, mas também reafirma a relevância dos saberes tradicionais como parte

integrante do conhecimento escolar. Como apontam Moreira e Peres (2019), "a inclusão de atividades culturais indígenas na educação escolar é uma forma de reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos".

3.3 Validação e Contribuições dos Participantes

A validação da cartilha foi uma etapa crucial para garantir que o material fosse culturalmente autêntico, pedagogicamente eficaz e prático para o uso em sala de aula. Esse processo contou com a participação ativa de três grupos principais: professores da rede municipal de ensino, especialistas em educação intercultural e representantes das comunidades indígenas Apinajé. A colaboração desses atores foi essencial para assegurar que a cartilha refletisse tanto as necessidades dos educadores quanto os saberes tradicionais dos Apinajé.

3.4 Importância da Validação

A validação foi realizada por meio de oficinas participativas e revisões por especialistas, que avaliaram o material sob diferentes perspectivas:

Precisão Cultural: As lideranças indígenas e os professores indígenas revisaram o conteúdo para garantir que os significados e contextos culturais dos jogos e brincadeiras fossem representados de forma fiel e respeitosa. A participação das comunidades indígenas na construção de materiais educativos é fundamental para evitar distorções e garantir que os saberes tradicionais sejam valorizados em sua essência (BANIWA, 2014)

Aplicabilidade Pedagógica: Os professores da rede municipal de ensino sugeriram as atividades propostas no questionário realizado. Essa etapa foi essencial para garantir que a cartilha fosse um recurso prático e útil no dia a dia dos educadores.

Design e Ilustrações: As ilustrações foram desenvolvidas pelos autores, em seguida analisada por indígenas para que refletissem a estética e a cultura Apinajé. Além disso, o layout foi pensado para ser claro e intuitivo, facilitando a utilização por parte dos professores.

Como ressalta Baniwa (2014), "a participação das comunidades indígenas na construção de materiais educativos é fundamental para garantir que os saberes

tradicionais sejam respeitados e valorizados, evitando distorções e apropriações indevidas".

3.5 Contribuições dos Participantes

A diversidade de perspectivas enriqueceu o processo de validação, resultando em um material que equilibra autenticidade cultural e eficácia pedagógica. As principais contribuições foram:

Professores: Sugeriram adaptações nas regras e nos materiais para garantir que as atividades fossem viáveis em diferentes contextos escolares, além de propor atividades complementares que poderiam ser integradas ao currículo.

Especialistas em Educação Intercultural: Contribuíram com revisões teóricas e sugestões para a estruturação do conteúdo, garantindo que a cartilha estivesse alinhada aos princípios da educação intercultural.

Representantes Indígenas: Forneceram informações detalhadas sobre os significados culturais dos jogos e brincadeiras, além de validar o material, garantindo que a cartilha respeitasse a identidade visual e simbólica dos Apinajé.

3.6 Possibilidade de uma Segunda Edição

A cartilha foi concebida como um documento dinâmico, que pode ser aprimorado com base no feedback dos usuários e nas experiências práticas de aplicação em sala de aula. A ideia é que, ao longo do tempo, surjam novas sugestões, adaptações e até mesmo a inclusão de outras brincadeiras e jogos que possam ser identificados como relevantes. Como ressalta Sacristán (2013), "materiais didáticos devem ser entendidos como processos em constante evolução, que se adaptam às necessidades dos educadores e dos alunos".

A possibilidade de uma segunda versão da cartilha já foi discutida com os participantes, que demonstraram interesse em continuar colaborando com o projeto. Essa versão futura poderá incluir:

- **Novas Atividades:** Com base no feedback dos professores e dos alunos, novas brincadeiras e jogos poderão ser incorporados, ampliando o repertório cultural oferecido pela cartilha.
- **Relatos de Experiências:** A inclusão de depoimentos e relatos de professores

que utilizaram a cartilha em sala de aula, compartilhando práticas bem-sucedidas e desafios enfrentados.

· **Recursos Digitais:** A criação de versões digitais com mais interações com áudios e ilustrações interativas, para ampliar o alcance e a acessibilidade do material.

Essa abordagem dinâmica e colaborativa reforça o compromisso com a melhoria contínua do material, garantindo que ele continue relevante e útil para os educadores e, principalmente, para os alunos. Como afirma Walsh (2009), "a educação intercultural deve ser um processo contínuo de diálogo e construção coletiva, onde os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares se complementam de forma dinâmica e respeitosa".

3.7 Estrutura da Cartilha

A cartilha "O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé" foi organizada de forma cuidadosa e estratégica, visando garantir que o material fosse acessível, culturalmente autêntico e pedagogicamente eficaz. A estrutura foi dividida em quatro seções principais, cada uma com um propósito específico e interligado, conforme destacam Sacristán (2013) e Tardif (2014), que defendem que materiais didáticos devem ser organizados de forma clara e intuitiva, facilitando a utilização por parte dos educadores e promovendo a autonomia no processo de ensino-aprendizagem.

3.8 Introdução

A primeira seção da cartilha é dedicada à contextualização cultural dos Apinajé, apresentando informações sobre sua história, organização social, território e tradições. Essa parte é essencial para que os professores e alunos compreendam a importância dos jogos e brincadeiras como expressões culturais e não apenas como atividades lúdicas. Como ressalta Lima (2015), "a contextualização histórica e cultural é um passo fundamental para a valorização dos saberes tradicionais, pois permite que os educadores e alunos reconheçam a profundidade e a relevância dessas práticas". A introdução também explica os objetivos da cartilha e sua relevância para a educação intercultural.

3.9 Jogos e Brincadeiras

A segunda seção é o coração da cartilha, onde são descritos os dez jogos e brincadeiras tradicionais dos Apinajé. Cada jogo é apresentado com detalhes sobre suas regras, materiais necessários, significados culturais e contextos de realização. Essa parte foi elaborada com base nas informações coletadas nas entrevistas com as lideranças indígenas e nas observações realizadas nas aldeias, garantindo a autenticidade cultural do material. Como destaca Grandó (2010), "os jogos indígenas são espaços privilegiados de aprendizagem social, resistência e afirmação de identidades, e sua descrição detalhada é essencial para que possam ser compreendidos e valorizados no contexto escolar".

3.10 Atividades Pedagógicas

A terceira seção oferece sugestões práticas para a aplicação dos jogos e brincadeiras em sala de aula, com planos de aula, atividades interdisciplinares e orientações para adaptações conforme a faixa etária e o contexto escolar. Essa parte foi desenvolvida em colaboração com os professores da rede municipal de ensino, garantindo que as atividades fossem viáveis e alinhadas ao currículo escolar. Como afirma Gomes (2006), "a integração de práticas culturais indígenas ao currículo escolar é uma forma de promover a inclusão e o respeito à diversidade, desde que as atividades sejam adaptadas de forma a manter sua essência cultural". Além disso, essa seção inclui dicas para o uso de materiais alternativos e sugestões de como integrar os jogos a outras disciplinas, como matemática, geografia e artes.

3.11 Referências

A última seção da cartilha é dedicada às referências bibliográficas e aos recursos utilizados na elaboração do material. Essa parte é fundamental para garantir a confiabilidade do conteúdo, permitindo que os professores e alunos possam aprofundar seus conhecimentos sobre os temas abordados. A citação de fontes confiáveis é essencial para a construção de materiais didáticos de qualidade, pois permite que os leitores verifiquem as informações e explorem novos conhecimentos (GIL, 2019).

3.12 Importância da Estrutura

A estrutura da cartilha foi pensada para ser intuitiva e facilitadora, permitindo que os professores possam utilizar o material de forma autônoma e criativa. Como destaca Moreira e Peres (2019), "a organização clara e acessível de materiais didáticos é essencial para garantir sua eficácia pedagógica, especialmente quando se trata de temas complexos e sensíveis, como a educação intercultural". Cada seção foi elaborada com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa, que valorize a cultura Apinajé e contribua para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com a diversidade cultural.

3.13 Impacto Esperado

A cartilha "O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé" representa um dos resultados concretos do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF), evidenciando como a pesquisa acadêmica pode gerar recursos pedagógicos que impactam diretamente a educação básica. Como destaca Pimenta (2012), "o mestrado profissional tem como um de seus pilares a articulação entre teoria e prática, produzindo conhecimentos que são aplicáveis ao cotidiano escolar e que contribuem para a melhoria da qualidade da educação". Nesse sentido, a cartilha surge como uma ferramenta prática e acessível, que traduz os saberes acadêmicos em ações pedagógicas significativas para professores e alunos.

3.14 Contribuições para a Educação Básica

Este recurso pedagógico vai de encontro com um dos objetivos da BNCC nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A prática dessas brincadeiras e jogos de matrizes indígenas e africanas, foi desenvolvido com o objetivo de enriquecer tanto as aulas de Educação Física como as outras disciplinas, oferecendo aos professores um material que integra os saberes tradicionais dos Apinajé ao currículo escolar. A inclusão de práticas culturais indígenas na educação básica é uma forma de reconhecer e valorizar a diversidade cultural brasileira, contribuindo para formação de cidadãos (MOREIRA; PERES, 2019).

- **Promover a valorização da cultura indígena**, combatendo estereótipos e

preconceitos;

- **Estimular o respeito à diversidade**, criando um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor;
- **Integrar saberes tradicionais e conhecimentos escolares**, enriquecendo o processo de ensino-aprendizagem.

3.15 Educação Intercultural e Antirracista

Esse recurso pedagógico se alinha aos princípios da educação intercultural e antirracista, ao incluir os jogos e brincadeiras dos Apinajé no contexto escolar, a cartilha contribui para o combater as desigualdades e promover o reconhecimento das diferenças culturais, ressaltando a importância de isso ser trabalhado desde as crianças. Segundo Walsh (2009), "a educação intercultural deve ser um espaço de diálogo aberto, onde os saberes tradicionais e os conhecimentos escolares se misturam, promovendo a equidade e o reconhecimento das diferenças".

Com isso, podemos desconstruir visões carregadas de preconceito aos povos originários, ainda promovendo uma reflexão fazendo uma ligação com o racismo estrutural, assim fortalecendo a identidade cultural dos estudantes indígenas, oportunizando um espaço em que seus saberes e tradições possam ser valorizados.

3.16 Impacto no Cotidiano Escolar

A utilização dessa cartilha no ambiente escolar tem o potencial de alavancar as práticas pedagógicas interculturais, tornando-as mais inclusivas e significativas. Candau (2008) afirma que, "a educação intercultural exige uma mudança de modo de agir, onde a diversidade não é vista como um problema, mas como uma riqueza a ser explorada". Ao utilizar os jogos e brincadeiras dos Apinajé, os professores podem: criar um ambiente mais dinâmico e participativo, promover a integração conhecendo culturas diferentes e respeitá-las e estimular a uma reflexão crítica sobre os temas como identidade e respeito.

3.17 Perspectivas Futuras

Essa cartilha tem a pretensão de ser um material dinâmico, que poderá estar

em evolução, mas um documento em constante evolução, que pode ser aprimorado com base no feedback dos usuários e nas experiências práticas de aplicação em sala de aula. Como ressalta Sacristán (2013), "materiais didáticos devem ser entendidos como processos em constante construção, que se adaptam às necessidades dos educadores e dos alunos". A possibilidade de uma segunda edição da cartilha, com novas atividades, relatos de experiências e recursos digitais, reforça o compromisso com a melhoria contínua e a valorização dos saberes tradicionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto resultante do Mestrado Profissional de Educação Física em Rede, que leva o mesmo nome da dissertação—*"O Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé"*— representa um avanço significativo na promoção da educação intercultural e na valorização dos saberes tradicionais no contexto escolar. Desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar (PROEF), a cartilha demonstra como a pesquisa acadêmica pode gerar recursos pedagógicos práticos e impactantes para a educação básica. Ao incorporar os jogos e brincadeiras dos Apinajé no cotidiano escolar, os professores oferecem aos alunos ferramentas essenciais para promover uma educação mais inclusiva, respeitosa e significativa, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes da diversidade cultural brasileira.

A construção desse recurso pedagógico contou com a participação de professores da rede municipal de ensino de Tocantinópolis, que atuam do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, além de especialistas em educação intercultural e representantes do povo Apinajé. Essa colaboração garantiu que o material fosse culturalmente autêntico e pedagogicamente eficaz. Sua estrutura foi cuidadosamente planejada para ser acessível e facilitadora, organizando-se em seções que abordam desde a contextualização cultural até sugestões práticas de atividades, permitindo sua aplicação em diferentes contextos escolares.

Além disso, a cartilha busca promover um modelo de educação antirracista, desconstruindo estereótipos e incentivando a reflexão sobre o racismo estrutural. Dessa forma, fortalece a identidade cultural dos estudantes indígenas e fomenta o respeito à diversidade, ampliando a compreensão sobre a riqueza dos saberes tradicionais.

Esse material foi concebido como um documento dinâmico, sujeito a aprimoramentos com base no feedback dos usuários e nas experiências práticas em sala de aula. Para o futuro, há a possibilidade de uma segunda edição, que poderá incluir novos jogos e brincadeiras, mais recursos digitais e, eventualmente, a incorporação de práticas lúdicas de outras etnias indígenas. Essa expansão reforçaria o compromisso com a melhoria contínua e a valorização da cultura lúdica do movimento.

Que este material inspire os professores a adotarem práticas pedagógicas mais inclusivas, contribuindo para a construção de uma sociedade mais consciente e respeitosa quanto às diferenças culturais, o mesmo pode ser conferido no site da Editora UFT, a EdUFT por meio do link <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/944>

REFERÊNCIAS

- BANIWA, G. Educação Escolar Indígena: Desafios e Perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, n. 57, p. 467-482, 2014.
- BARDIN, Laurence et al. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. Brasiliense, 2006.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, 2016.
- CANDAU, V. M. **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. DP&A, 2008.
- COHN, C. Educação e Cultura Indígena: Desafios e Perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 64, p. 45-60, 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Atlas, 2019.
- GIRALDIN, O.; APINAGÉ, F. **Educação Indígena**: um processo contínuo. Editora UFMG, 2019.
- GOMES, M. L. M. Jogos Tradicionais e Educação Física: Uma Proposta Intercultural. **Movimento**, v. 12, n. 2, p. 123-140, 2016.
- GRANDO, Beleni Saléte. **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. 2010.
- LIMA, A. C. S. Patrimônio Cultural Indígena e Educação: Diálogos Necessários. **Revista de Antropologia**, v. 58, n. 2, p. 123-145, 2015.

- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. EPU, 1986.
- MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec, 2014.
- MOREIRA, E.; PERES, F. **Cultura Corporal Indígena**. Cortez, 2019.
- OLIVEIRA, D. A. Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, 2010.
- PIMENTA, S. G. O Mestrado Profissional na Área da Educação: Perspectivas e Desafios. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 4, p. 843-856, 2012.
- SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. Artmed, 2013.
- SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.
- SILVA, A. Lopes da. Jogos e Brincadeiras Indígenas: Saberes e Fazer. **Revista de Antropologia**, v. 45, n. 1, p. 89-112, 2002.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Vozes, 2014.
- TASSINARI, A. M. I. Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Orgs.). **Antropologia, História e Educação**. Global, 2001.
- THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação. **Cortez**, 2011.
- WALSH, C. Interculturalidad Crítica y Educación Intercultural. In: VIAÑA, J.; TAPIA, L.; WALSH, C. (Eds.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. Instituto Internacional de Integración, 2009.

13 CONSIDERAÇÕES DO PROCESSO

A conquista da tão sonhada vaga no mestrado veio com o PROEF, e é difícil descrever a felicidade que senti ao receber a notícia. Durante o convívio com os colegas do mestrado, pude perceber as diferentes realidades de cada um, e as trocas de experiências fortaleceram os laços entre os mestrandos. As aulas, repletas de conteúdos pertinentes à nossa área, foram fundamentais para meu crescimento acadêmico e profissional, contribuindo, inclusive, para minha aprovação em mais um concurso.

No decorrer das aulas, a incerteza sobre o tema da dissertação só aumentava. A decisão final veio a partir de experiências anteriores: durante a graduação, participei de um projeto com os povos indígenas Xerente, próximos à cidade de Tocantínia/TO, e, em minha cidade natal, Tocantinópolis, sempre estive em contato com os indígenas Apinajé, que frequentam a cidade para adquirir mantimentos e, em alguns casos, residem nela. Aos poucos, as peças foram se encaixando, até que a ideia amadureceu e tomou forma no tema “*O Ensino de Jogos e Brincadeiras dos Povos Indígenas Apinajé*”.

A dissertação seguiu o modelo escandinavo, estruturado em três artigos para facilitar a leitura e a disseminação do conhecimento. No início, a proposta causou certo estranhamento por ser um formato pouco convencional, mas, com o tempo, percebi que se tratava de um método poderoso, que tornava a pesquisa mais acessível e compreensível. O primeiro artigo, uma revisão de literatura, analisou produções acadêmicas dos últimos dez anos que abordavam jogos e brincadeiras indígenas de diferentes etnias. Foi um trabalho árduo, em meio a um vasto universo de mais de mil publicações, até chegar a quinze artigos que contemplavam especificamente essa temática.

A rotina era intensa: durante o dia, a docência; à noite, os estudos, divididos entre as atividades no AVA e a construção da dissertação. O esforço valeu a pena, e a qualificação representou um momento de alegria e alívio. Logo após essa etapa, assumi um novo concurso e passei a trabalhar sessenta horas semanais, divididas entre as redes estadual e municipal. O tempo para a pesquisa passou a ser encontrado nas madrugadas. Ainda assim, iniciei o segundo artigo, que envolvia pesquisa de campo em duas aldeias Apinajé: Mariazinha e São José.

Durante o período chuvoso, o acesso à aldeia São José foi desafiador, devido

às condições precárias das estradas. No entanto, a recepção dos indígenas foi emocionante. Eles demonstraram grande entusiasmo com a proposta da pesquisa, felizes por saber que sua cultura seria reconhecida e compartilhada com outras pessoas. Esse contato direto fortaleceu ainda mais meu compromisso com o estudo e permitiu a finalização do artigo e a construção da cartilha.

A cartilha foi desenvolvida de forma coletiva, considerando as contribuições tanto dos indígenas quanto dos professores da rede municipal de Tocantinópolis/TO. Meu objetivo foi criar um material acessível, mas que também trouxesse um pouco da história do povo Apinajé. Além disso, busquei adaptar os jogos à realidade escolar, alinhando-os às habilidades previstas na BNCC e disponibilizando vídeos para facilitar o entendimento e a aplicação das atividades.

O terceiro artigo descreve detalhadamente o processo de criação do recurso pedagógico, abordando a seleção dos jogos e brincadeiras, o uso de materiais recicláveis e a elaboração de planos de aula.

Agora, ao me aproximar do fim dessa jornada, percebo que, apesar dos desafios enfrentados, cada etapa foi essencial para meu crescimento pessoal e profissional. Mais do que uma conclusão, sinto que esse é um novo começo. Depois de sete anos afastado da pesquisa, imerso apenas no mercado de trabalho, redescobri minha paixão pela investigação acadêmica e já estou em busca de novos horizontes para continuar esse projeto.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à minha família, que me apoiou em todo esse processo, aos professores que sempre nos deram um norte para seguir, aos meus colegas da Turma 4, que se tornaram verdadeiros amigos, e ao meu orientador, cuja dedicação tornou essa caminhada mais leve e possível.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (PROFESSORES)

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (POVOS APINAJÉ)

APÊNDICE 3 - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

APÊNDICE 4 - TERMO DE ADESÃO À PESQUISA

ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

APÊNDICE 5 - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA - SEMEC

APÊNDICE 6 - TERMO DE COMPROMISSO

APÊNDICE 7 - QUESTIONÁRIO (*GOOGLE FORMS*) PARA OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE 8 - QUESTIONÁRIO (*GOOGLE FORMS*) PARA OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA (QUESTIONÁRIO RESPONDIDO)

APÊNDICE 9 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS INDÍGENAS APINAJÉ

APÊNDICE 10 - DIÁRIO DE CAMPO

APÊNDICE 11 - CARTILHA: O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (PROFESSORES)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas apinajé**. Meu nome é Miller Sorato Amorim de Souza, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é professor de Educação Física. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, marque a opção (CONCORDO) que receberá uma via desse termo em seu e-mail. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail millertreinador@gmail.com e, através do seguinte contato telefônico: 63-984530938, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar.

Esta pesquisa possui como objetivo geral elaborar uma cartilha digital sobre as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé para professores utilizarem em suas aulas nas séries iniciais do ensino fundamental, promover oficinas par que essa cartilha seja utilizada por professores de Educação Física durante seu planejamento e desenvolvimento de aulas. Você responderá um questionário através da plataforma do google forms com perguntas e para isso deverá reservar um período de 15 a 20 minutos.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Acreditamos que a pesquisa poderá trazer alguns riscos mínimos aos participantes durante a utilização dos instrumentos para a coleta de dados. No caso dos questionários, durante o momento de respondê-lo, você pode vir a se sentir tímido, com sentimento de medo ou exposição, pode apresentar desconforto ou até certo constrangimento. Como procedimentos para minimizar estes riscos, antes da aplicação dos questionários você será esclarecido de como serão utilizadas suas respostas ou opiniões na pesquisa e como será a sua participação no estudo. Se for de seu interesse, você poderá ter acesso ao material antes do momento de respondê-lo.

Dentre os benefícios dessa pesquisa está o de identificar as dificuldades

encontradas na aplicação dos conteúdos brincadeiras e jogos de matrizes indígenas como objeto de conhecimento bem como oportunizar a criação de uma cartilha digital de ensino para utilização nas aulas de Educação Física.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta é necessário o seu consentimento.

Pode haver a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, marque entre os parênteses a opção que valida sua decisão:

Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Não permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de utilização dos dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFT. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, **autorizo** a guarda do material em banco de dados e/ou biobancos e biorrepositórios.

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas **não autorizo** a guarda do material em banco de dados e/ou biobancos e biorrepositórios.

Para condução da coleta é necessário o seu consentimento entre os parênteses a seguir que válida a sua decisão.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,....., concordo em participar do estudo intitulado: “**Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé**” Informo ter mais de 18 anos de idade destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo pesquisador responsável Miller Sorato Amorim de Souza sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Tocantinópolis, de de

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE (POVOS APINAJÉ)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas apinajé**. Meu nome é Miller Sorato Amorim de Souza, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é professor de Educação Física. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, marque a opção (CONCORDO) que receberá uma via deste termo em seu e-mail. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail millertreinador@gmail.com e, através do seguinte contato telefônico: 63-984530938, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar.

Esta pesquisa possui como objetivo geral elaborar uma cartilha digital sobre as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé para professores utilizarem em suas aulas nas séries iniciais do ensino fundamental, promover oficinas par que essa cartilha seja utilizada por professores de Educação Física durante seu planejamento e desenvolvimento de aulas. Você será entrevistado pelo pesquisador responsável durante o período de 15 a 20 minutos.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Acreditamos que a pesquisa poderá trazer alguns riscos mínimos aos participantes durante a utilização dos instrumentos para a coleta de dados. No caso dos questionários, durante o momento de respondê-lo, você pode vir a se sentir tímido, com sentimento de medo ou exposição, pode apresentar desconforto ou até certo constrangimento. Como procedimentos para minimizar estes riscos, antes da aplicação dos questionários você será esclarecido de como serão utilizadas suas respostas ou opiniões na pesquisa e como será a sua participação no estudo. Se for de seu interesse, você poderá ter acesso ao material antes do momento de respondê-lo.

Dentre os benefícios dessa pesquisa está o de identificar as dificuldades encontradas na aplicação dos conteúdos brincadeiras e jogos de matrizes indígenas

como objeto de conhecimento bem como oportunizar a criação de uma cartilha digital de ensino para utilização nas aulas de Educação Física.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta é necessário o seu consentimento.

Pode haver a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, marque entre os parênteses a opção que valida sua decisão:

Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Não permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de utilização dos dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFT. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e, portanto, **autorizo** a guarda do material em banco de dados e/ou biobancos e biorrepositórios.

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas **não autorizo** a guarda do material em banco de dados e/ou biobancos e biorrepositórios.

Para condução da coleta é necessário o seu consentimento entre os parênteses a seguir que válida a sua decisão.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,, concordo em participar do estudo intitulado: “**Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé**” Informo ter mais de 18 anos de idade destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pelo pesquisador responsável Miller Sorato Amorim de Souza sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa



acima descrito.

Tocantinópolis, de de

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE 3 - CARTA DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Tocantinópolis, 01 abril de 2024.

À Senhora

Verônica Rufino de Macêdo.

M.D. Secretária Municipal de Educação e Cultura, Tocantinópolis – TO

Assunto: Solicitação de autorização de pesquisa científica Senhora Secretária,

Após cumprimentá-la cordialmente, solicito a Vossa Senhoria autorização para realizar pesquisa de mestrado com o objetivo de: elaborar e aplicar uma cartilha digital sobre brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé para os anos iniciais do ensino fundamental do 3º ao 5º ano.

Estudos científicos com relação a essa cultura corporal são escassos no Estado do Tocantins conseguimos identificar somente um trabalho com os Deste modo, trabalhos que busquem compreender a dinâmica e complexidade se fazem pertinentes, uma vez que permitem orientar e subsidiar futuras intervenções na modalidade. Entender o que a natação pode proporcionar à sociedade é de extrema importância, pois fornece ferramentas ao profissional de Educação Física sobre o aprendizado do nado e suas finalidades de ensino, bem como a segurança para que as crianças possam vivenciar atividades aquáticas em diferentes locais, além de fomentar conhecimento de cunho social proporcionando melhor entendimento das relações e expectativas entre as crianças, responsáveis e professores, observando também a importância do nado como patrimônio histórico-cultural na sociedade.

A intervenção será realizada pelo pesquisador Miller Sorato Amorim de Souza, mestrando do Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Educação Física em Rede Nacional da Universidade Federal do Tocantins, professor de Educação Física efetivo na Rede Municipal de Araguaína/TO e na Rede Estadual do Tocantins. Será orientado pelo professor Prof. Dr. Ruhena Kelber Abrão Ferreira do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física em Rede Nacional, Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins.

A pesquisa integra o projeto que tem por título preliminar: “**Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé**” que será realizada segundo os critérios da Resolução CNS 466/2012 e sua atualização CNS 510/2016. A coleta de dados será feita por meio de questionário e diário de campo, tendo como sujeitos, os povos indígenas Apinajé, nas aldeias Mariazinha, Prata e São José. É requisito

para obtenção do título de mestre na Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional da Universidade Federal de Tocantins.

A importante cooperação de V. Sa., ao aceitá-la, demonstra, sem dúvida alguma, sua participação nesse trabalho fundamental ao processo de formação profissional desse pesquisador e também, dos integrantes dessa comunidade escolar. Sua identidade, da Unidade Escolar e dos participantes da pesquisa serão preservadas, pois os dados serão apresentados com a maior confiabilidade e fidedignidade possível, mantendo sempre em sigilo as informações pessoais dos participantes, conforme determina o rigor científico dos trabalhos acadêmicos. Toda e qualquer dúvida poderá ser solucionada por meio de contato com o docente responsável pela orientação desta pesquisa, Prof. Dr. Ruhena Kelber Abrão Ferreira (kelberabrao@mail.uft.edu.br) ou com o professor/pesquisador Miller Sorato Amorim de Souza (millertreinador@gmail.com). Agradecemos a colaboração e colocamo-nos à disposição para eventuais informações.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Ruhena Kelber Abrão Ferreira- Orientador da pesquisa Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins.

Miller Sorato Amorim de Souza - Pesquisador

Mestrando do Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Educação Física em Rede

APÊNDICE 4 - TERMO DE ADESÃO À PESQUISA ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Tocantinópolis/TO, SEMEC/TO, aprova a realização da pesquisa “Ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé”, de responsabilidade do professor-pesquisador Miller Sorato Amorim de Souza, discente do Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional – PROEF, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, que tem como objetivo investigar as possibilidades didático-pedagógicas para o ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé nas aulas de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em unidades escolares municipais jurisdicionadas ao município de Tocantinópolis - Tocantins. O pesquisador responsabiliza-se em manter a confiabilidade dos dados pessoais dos professores voluntários, bem como em fornecer todas as informações necessárias sobre a pesquisa aos participantes.

Esta Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por meio de sua representante legal, autoriza a realização da pesquisa com professores de Educação Física das unidades dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Tocantinópolis – Tocantins, 01 de Abril de 2024.

Veronica Rufino de
Macêdo

Assinado de forma digital por
Veronica Rufino de Macêdo
Dados: 2024.04.01 15:39:06 -03'00'

VERÔNICA RUFINO DE MACÊDO

Secretária Municipal de Educação e Cultura - SEMEC Tocantinópolis – TO

APÊNDICE 5 - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA - SEMEC

DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Eu, Walter Feitosa de Sousa, abaixo assinado, responsável pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura - SEMEC, declaro ter conhecimento da proposta “ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJÉ”, de responsabilidade do professor-pesquisador Miller Sorato Amorim de Souza, discente do Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional – PROEF, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, que tem como objetivo investigar as possibilidades didático-pedagógicas para o ensino de Brincadeiras e Jogos dos Povos Indígenas Apinajé nas aulas de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em unidades escolares municipais jurisdicionadas ao município de Tocantinópolis - Tocantins. Orientado pelo Dr. Ruhena Kelber Abrão Ferreira, vinculada à Universidade Federal do Tocantins - UFT. O pesquisador responsabiliza-se em manter a confidencialidade dos dados pessoais dos professores voluntários, bem como em fornecer todas as informações necessárias sobre a pesquisa aos participantes. Asseguro que esta Secretaria Municipal de Educação e Cultura, por meio de sua representante legal, autoriza a realização da pesquisa com professores de Educação Física das unidades dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do município de Tocantinópolis-TO.

Comprometo-me com o estabelecido na Norma Operacional do Conselho Nacional de Saúde – CNS n.º 001/13, na Resolução CNS nº 466/12 e suas complementares, reguladoras de pesquisas que envolvem seres humanos. Ao finalizar a pesquisa, disponibilizará uma via do trabalho para esta instituição, apresentando os resultados do estudo realizado.

Tocantinópolis – Tocantins, 02 de setembro de 2024.

WALTER FEITOSA DE SOUSA:79929737120 Assinado de forma digital por
WALTER FEITOSA DE
SOUSA:79929737120
Dados: 2024.09.04 12:18:03 -03'00'

WALTER FEITOSA DE SOUSA

Secretário Municipal de Educação e Cultura - SEMEC Tocantinópolis - TO

APÊNDICE 6 - TERMO DE COMPROMISSO

Declaro que cumprirei os requisitos da Resolução CNS n.º 466/12 e/ou da Resolução CNS n.º 510/16, bem como suas complementares, como pesquisador (a) responsável e/ou pesquisador (a) participante do projeto intitulado “**Ensino de brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé**” Comprometo-me a utilizar os materiais e os dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo da pesquisa em epígrafe e, ainda, a publicar os resultados, sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto, considerando a relevância social da pesquisa, garantindo a igual consideração de todos os interesses envolvidos.

Palmas, _____ de _____ de 2024

Nome do (a) pesquisador (a)	Assinatura Manuscrita ou Digital
Miller Sorato Amorim de Souza.	
Ruhena Kelber Abrão Ferreira	

APÊNDICE 7 - QUESTIONÁRIO (GOOGLE FORMS) PARA OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

(identificação do professor)

- 1- Nome completo:
- 2- data de nascimento:
- 3- Pós- graduação latu-sensu: ()sim () não.
Qual: _____
- 4- Pós- graduação strictu-sensu: ()sim () não.
Qual: (identificação da escola)
- 5- Escola em que trabalha:
- 6- Qual série/ ano leciona:
- 7- Qual sua carga horária semanal: () 20 horas ()30 horas () 40 horas
- 8- O seu vínculo de trabalho é: () efetivo ()contratado (relação brincadeiras e jogos de matrizes indígenas)
- 9- A sua graduação foi eficiente para o início de seu exercício profissional?
- 10- Quais os tipos de brincadeiras/jogos você costuma trabalhar em suas aulas?
- 11- Você recebeu formação continuada sobre brincadeiras e jogos de matrizes indígenas?
- 12- Você aborda atividades relacionadas aos povos originários? Se sim em qual?
Ou com que frequência?
- 13- Na sua graduação, em alguma disciplina você aprendeu algo sobre brincadeiras e jogos indígenas? Se sim como foi?
- 14- Você acha importante aprender sobre essa cultura corporal do movimento, para trabalhar como um mecanismo de interculturalidade?
- 15- Já teve contato com algum material didático específico sobre brincadeiras/jogos de matrizes indígenas? Se sim qual?
- 16-O que você acha necessário ser incluído em um material didático para os professores de Educação Física sobre as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé?

**APÊNDICE 8 - QUESTIONÁRIO (GOOGLE FORMS) PARA OS PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA (QUESTIONÁRIO RESPONDIDO)**

(identificação do professor)

- 1- **Nome completo:** Professor 01
- 2- **data de nascimento:** 14/09/1994
- 3- **Pós- graduação latu-sensu:** (x)sim () não.
Qual: Educação Física Escolar
- 4- **Pós- graduação stricto-sensu:** ()sim (x) não.
Qual: _____

(identificação da escola)

- 5- **Escola em que trabalha:** Escola Municipal Manoel de Sousa Lima.
- 6- **Qual série/ ano leciona:** 3° e 4° ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais.
- 7- **Qual sua carga horária semanal:** () 20 horas ()30 horas (x) 40 horas
- 8- **O seu vínculo de trabalho é:** () efetivo (x)contratado (Relação brincadeiras e jogos de matrizes indígenas)
- 9- **A sua graduação foi eficiente para o início de seu exercício profissional?**
Não, acredito que os estágios me mostraram uma realidade diferente daqui que encontrei quando comecei a dar aula.
- 10- **Quais os tipos de brincadeiras/jogos você costuma trabalhar em suas aulas?** Costumo trabalhar as brincadeiras tradicionais e adiciono alguns jogos pré desportivos.
- 11- **Você recebeu formação continuada sobre brincadeiras e jogos de matrizes indígenas?** Não.
- 12- **Você aborda atividades relacionadas aos povos originários? Se sim qual? Ou com que frequência?** Sim, já fiz algumas apresentações de danças, geralmente são nas comemorações no dia dos povos originários.
- 13- **Na sua graduação, em alguma disciplina você aprendeu algo sobre brincadeiras e jogos indígenas? Se sim como foi?** Na graduação teve uma professora levou a turma para uma visita a uma aldeia indígena próxima a Santa Fé/TO, mas foi mais como observação no modo de viver deles.
- 14- **Você acha importante aprender sobre essa cultura corporal do movimento, para trabalhar como um mecanismo de interculturalidade?** Sim, a Educação Física é uma disciplinar que consegue permear por vários ambientes de forma leve,

com esse tema não é diferente.

15- Já teve contato com algum material didático específico sobre brincadeiras/jogos de matrizes indígenas? Se sim qual? Não.

16- O que você acha necessário ser incluído em um material didático para os professores de Educação Física sobre as brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé? Acho que deve ter a história desse povo e as brincadeiras devem ser bem dinâmicas.

APÊNDICE 9 - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA OS INDÍGENAS APINAJÉ

(identificação)

1- Nome completo:

2- Data de nascimento:

3- Têm filhos: () sim () não. Quantos? _____

(relação brincadeiras e jogos dos povos indígenas Apinajé)

4- Quais brincadeiras/jogos você considera tradicionais dos povos indígenas Apinajé? Descreva-as.

5- Quais jogos/brincadeiras estão presentes em momentos importantes no cotidiano da aldeia? Descreva-as.

6- Você percebeu alguma brincadeira/jogo que você brincava enquanto criança, que as crianças atualmente não brincam mais? Qual?

7- Você acredita que a tecnologia tem contribuído para a perda dos costumes tradicionais dos povos indígenas Apinajé? Como?

8- Cite uma brincadeira/jogo que você brincava enquanto criança e até hoje as crianças brincam no dia a dia?

9- Qual jogo/brincadeira dessa etnia você acredita que não pode ficar de fora de uma cartilha com essas representações culturais?

**APÊNDICE 9 - CARTILHA: O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS
INDÍGENAS APINAJÉ**

Miller Sorato Amorim de Souza
Ruhena Kelber Abrão

O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJ3.



Miller Sorato Amorim de Souza
Ruhena Kelber Abrão

O ENSINO DE BRINCADEIRAS E JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS APINAJ3.



Apresentação

Esta cartilha, é um recurso educacional criado no mestrado profissional de Educação Física (PROEF), na UFT, que menciona as brincadeiras e jogos dos Povos Indígenas Apinajé, como ferramenta de educação intercultural, com discursões acerca do tema, com adaptações de acordo com a faixa etária dos alunos, facilitando a inclusão desse conteúdo nas aulas de Educação Física dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Agradecimentos a todos os professores do PROEF, a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e aos indígenas Apinajé que tiveram papel fundamental nessa construção.

Miller Sorato Amorim de Souza

Universidade Federal do Tocantins
Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor
Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora
Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)
Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento
(PROAP)
Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
(PROEST)
Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)
Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
(PROGEDEP)
Michelle Matilde Semiguel Lima Trombini Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)
Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)
Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)
WerleyTeixeiraReinaldo

Conselho Editorial
Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

Elementos
Gráficos Canva

Projeto Gráfico e Diagramação
Miller Sorato Amorim de Souza

Revisão de Texto
Flávio Gomes

Revisão Técnica
Alderise Pereira da Silva Quixabeira
Marlon Santos de Oliveira Brito

Agradecimentos:

Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde ((CEPELS)

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Edital Universal/PROPESQ.

Sumário

◆. Introdução	4
2. O que são Jogos e Brincadeiras	
Indígenas?	7
3. Jogos e Brincadeiras dos Apinajé.....	9
4. Como Inserir esses Jogos nas Aulas de	
Educação Física	30
5. Benefícios dos Jogos Indígenas na Educação	
Física Escolar	40
6. Atividades Práticas	43
7. Considerações Finais	47
8. Sobre os Autores	48
9. Referências	49



Introdução

Vocês já pararam para pensar como os jogos e brincadeiras podem ser poderosos aliados no processo de ensino e aprendizagem? Pois é, eles não são apenas diversão! Os jogos e brincadeiras dos povos indígenas, como os Apinajé, são verdadeiras ferramentas educacionais que ajudam no desenvolvimento físico, emocional e social das crianças, além de preservar e valorizar a cultura desses povos.

Os Apinajé, que vivem no Tocantins, têm uma riqueza cultural incrível, expressa em seus rituais, danças e, claro, nos jogos e brincadeiras que fazem parte do cotidiano das crianças. Essas atividades não são apenas



passatempos; elas carregam saberes ancestrais e ajudam a manter viva a identidade cultural desse povo. Como destacam De Souza e Abrão (2024), "os jogos e brincadeiras tradicionais dos Apinajé não apenas promovem o desenvolvimento físico e motor das crianças, mas também reforçam o vínculo cultural com o ambiente natural e os valores comunitários, mantendo viva a memória e os saberes ancestrais" (p. 344).

Nesta cartilha, vamos explorar algumas dessas brincadeiras e jogos, mostrando como eles podem ser inseridos nas aulas de Educação Física. A ideia é que vocês, professores, possam levar para a sala de aula atividades que, além de divertidas, ajudem os alunos a conhecerem e respeitarem a cultura indígena.



Afinal, como diz a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é fundamental que a escola promova uma educação intercultural, valorizando a diversidade cultural do Brasil. E não para por aí!

Na cartilha também trazemos dicas práticas de como adaptar esses jogos para diferentes faixas etárias e contextos escolares.

Queremos que vocês se sintam confortáveis e inspirados para incluir esses conteúdos nas suas aulas. Afinal, aprender sobre a cultura indígena não é apenas uma obrigação curricular, mas uma oportunidade de enriquecer a formação dos nossos alunos.

Então, vamos juntos nessa jornada? Preparem-se para descobrir brincadeiras incríveis, cheias de significado e que vão deixar as aulas de Educação Física ainda mais especiais

O que são jogos e brincadeiras **INDÍGENAS?**

Os jogos e brincadeiras são muito mais do que simples diversão. Para os povos indígenas, eles são uma forma de socializar conhecimentos, valores e tradições de geração em geração.

Por meio dessas atividades, as crianças aprendem sobre a natureza, a comunidade e a cultura do seu povo. No caso dos Apinajé, os jogos e brincadeiras estão ligados ao seu modo de vida e ao ambiente em que vivem



Essas atividades são uma maneira de preservar a identidade cultural e fortalecer os laços

comunitários.

Além disso, elas são uma excelente ferramenta para a educação física escolar, pois ajudam no desenvolvimento físico, cognitivo e social dos alunos, ao mesmo tempo em que promovem o respeito e a valorização da diversidade cultural.



Perna de Pau KWYR NHÛKOP





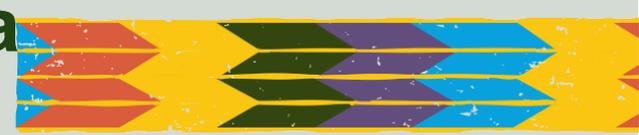
Perna de Pau

KWYR

NHÎKOP

A brincadeira bastante conhecida é realizada com dois troncos ou galhos de árvores de espessura média, que são posicionados paralelamente, com duas bases elevadas à altura escolhida pelos participantes.

Os povos Apinajé relatam que os anciãos faziam essa brincadeira em alguns rituais. Vamos fazer algumas adaptações para que essa brincadeira seja



Objetivo:

Desenvolver o equilíbrio, coordenação motora e diversão.

Materiais alternativos:

Latas de leite em pó (vazias e limpas).
Barbante ou corda resistente.

Como jogar:

Faça dois furos nas laterais das latas, próximo à base. Passe o barbante pelos furos, criando alças para segurar as latas. As crianças sobem nas latas, segurando o barbante, e tentam caminhar sem cair. Pode ser uma competição para ver quem caminha mais longe ou mais rápido.



ARCO E FLECHA KUXÊ KRUR

Para os Apinajé, o arco e flecha, além de constituir uma modalidade esportiva, desempenha um papel fundamental na preservação da tradição indígena, sendo uma habilidade ancestral que estabelece uma profunda conexão espiritual e cultural com a natureza. Esse instrumento, amplamente utilizado para a caça e para a defesa, carrega significados que transcendem sua função prática, tornando-se um símbolo de resistência e identidade étnica.



Objetivo: Desenvolver precisão, concentração e conexão com a natureza.

Materiais alternativos:

Arco: Galho flexível de árvore (como bambu) e barbante.

Flecha: Varetas finas de madeira ou canudos de plástico resistentes.

Alvo: Caixa de papelão ou balões.

Como jogar: Monte o arco com o galho, palitos e o barbante. Use as varetas ou canudos como flechas. Coloque o alvo a uma distância segura e organize uma competição de tiro ao alvo



CORRIDA COM TORA KWRA HO PRÔT

Essa corrida é realizada por homens ou mulheres utilizando toras de buriti que podem pesar entre cinquenta e sessenta quilos. Os participantes são divididos em duas equipes, Wamenhmê e Katãm, que se distinguem por meio da pintura corporal. Durante a prova, os indígenas carregam a tora nos ombros e a repassam entre os membros da equipe até que o último corredor cruze a linha de chegada, localizada no pátio da aldeia.



Objetivo:

Desenvolver resistência física e trabalho em equipe.

Materiais alternativos:

Tubos de PVC (leves e seguros para crianças). Espuma ou tecido para revestir e evitar machucados.

Como jogar: Divida os alunos em duas equipes, cada equipe carrega o tubo de PVC nos ombros, repassando-o entre os membros. A equipe que cruzar a linha de chegada primeiro vence.



PETECA

O nome desse jogo tem origem na língua tupi e significa "tapear" ou "dar golpes com as mãos". Amplamente difundida no Brasil, a prática da peteca está fortemente enraizada na cultura dos povos indígenas Apinajé, desempenhando um papel significativo na transmissão de saberes tradicionais e na valorização das práticas corporais ancestrais.



Objetivo: Desenvolver coordenação motora, agilidade e diversão.

Materiais alternativos:

Garrafa PET cortada e penas coloridas (ou tiras de sacola plástica). Fita adesiva para fixar as penas.

Como jogar: Os jogadores se dividem em duplas ou equipes. O objetivo é manter a peteca no ar, passando-a de um jogador para outro. A peteca não pode cair no chão.



Dança com os **MARACÁS** GOTAX HO KRÉ

A Dança dos Maracás ocupa um papel central em momentos significativos da cultura Apinajé, sendo uma expressão artística e ritualística que reforça a identidade e a espiritualidade desse povo. O maracá, instrumento

percussivo tradicional, é confeccionado a partir de uma cabaça seca e oca, preenchida com pequenos caroços ou pedras em seu interior, e acoplada a um cabo de madeira em formato de bastão.



Objetivo: Desenvolver ritmo, coordenação motora e expressão corporal.

Materiais alternativos:

Garrafas PET pequenas (como de água ou refrigerante). Pedrinhas ou grãos (feijão, milho) para fazer o som. Fita adesiva para vedar as garrafas.

Como jogar: Encha as garrafas com pedrinhas ou grãos e feche bem. Os participantes dançam ao som dos maracás, seguindo ritmos tradicionais. Podem ser realizadas coreografias simples em grupo.



Pião

O pião é confeccionado com uma vareta de bambu fincada em uma fruta ou semente. Durante o jogo, os competidores devem fazer o pião girar, e ele emite um zunido

característico durante a roda. Vence aquele que consegue manter o pião girando por mais tempo ou derrubar o pião do adversário.



Objetivo:

Desenvolver coordenação motora, destreza e diversão.

Materiais alternativos:

Um pedaço de madeira fina e lisa (como um lápis sem ponta ou uma vareta de madeira), ele também pode ser feito com uma tampa de garrafa pet. Uma fruta ou semente (como limão, caroço de abacate ou mesmo uma bolinha de papel).

Como jogar:

precisa add

laterais das latas, próximo à base.



Corrida dos clãs

A Corrida dos Clãs constitui-se como uma das tradicionais provas de revezamento do povo Apinajé, realizada em eventos comemorativos que reforçam a coesão social e a identidade cultural dessa etnia. Durante essas celebrações, os visitantes das aldeias vizinhas organizam-se em grupos, sendo cada grupo representativo de um clã específico.



Objetivo:

Desenvolver resistência física e trabalho em equipe.

Como jogar:

Divida os alunos em duas equipes, cada equipe escolherá um nome para o seu clã, cada membro do clã irá correr um pedaço do percurso, A equipe que cruzar a linha de chegada primeiro vence.



ARREMEÇO DE LANÇA

O arremesso de lança, enquanto prática cultural indígena, transcende a mera dimensão esportiva, constituindo-se como uma manifestação da destreza e da capacidade de adaptação a diferentes contextos ambientais. Esse ato simboliza a inter-relação entre tradição, subsistência e resistência, configurando-se como um elemento central na preservação da identidade cultural desses povos. Além disso, a inclusão dessa modalidade nos Jogos Escolares Indígenas do Tocantins (JEITS) evidencia o reconhecimento e a valorização das práticas corporais tradicionais no âmbito das políticas de esportes e educação, promovendo o fortalecimento da cultura indígena em espaços institucionais.



Objetivo: Desenvolver resistência física e coordenação motora.

Materiais alternativos:

A lança poderá ser feita com jornal e fitas coloridas como o exemplo do vídeo abaixo.

Como jogar:

Após a construção

de sua lança os jogadores arremessaram de um local demarcado pelo professor, vence o que jogar mais longe, pode se aplicar uma variação colocando alvos para os competidores acertar.



JOGO DA FLECHA

Trata-se de uma corrida de revezamento em que cada equipe conta com corredores posicionados em diferentes pontos do pátio da aldeia. O primeiro corredor inicia a prova segurando uma flecha e, ao se aproximar do próximo participante, deve repassá-la, dando continuidade à corrida até que o último integrante cruze a linha de chegada.



Objetivo:

Desenvolver resistência física e trabalho em equipe.

Como jogar:

Divida os alunos

em duas equipes, cada equipe carrega uma flecha produzida pelos alunos, e vai repassando entre os membros. A equipe que cruzar a linha de chegada primeiro vence.



Jogo da bolinha

No jogo, o ancião segura várias bolinhas confeccionadas por ele mesmo. Trata-se de uma combinação entre voleibol e o jogo de peteca com penas. No início, o ancião lança uma bolinha, e as crianças devem impedir que ela caia, passando-a de uma para outra com a palma da mão. Em seguida, o ancião adiciona mais bolinhas, que devem ser mantidas no ar simultaneamente. Caso alguma bolinha caia, o jogo deve ser reiniciado.



Objetivo:

Desenvolver a coordenação motora e trabalho em equipe.

Materiais alternativos:

Bolinhas de papel e bolas de tênis de mesa.

Como jogar: Divida os alunos em pequenos grupos, em seguida o professor lançará várias bolas pequenas e os alunos não poderão deixar cair, eles deverão manter todas as bolas no ar. Vence a equipe que conseguir ficar mais tempo sem deixar a bola cair.



COMO INSERIR ESSES JOGOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Adaptação para Diferentes Idades: Para crianças menores (1º e 2º ano), priorize brincadeiras mais simples, como Perna de Pau, Pião e Jogo da Bolinha. Para crianças maiores (3º ao 5º ano), inclua atividades mais desafiadoras, como Corrida com Tora, Arco e Flecha, Corrida dos Clãs e Jogo da Flecha.

Uso de Materiais Alternativos:

Utilize materiais de fácil acesso, como garrafas PET, latas de leite em pó, barbantes, tubos de PVC e varetas de madeira. Envolver os alunos na confecção dos materiais, transformando isso em uma atividade educativa e colaborativa.

Contextualização Cultural:

Antes de iniciar as atividades, converse com os alunos sobre a cultura Apinajé, explicando o significado dos jogos e sua importância para o povo indígena. Use vídeos, imagens ou histórias para enriquecer a contextualização.

Integração com Outras Disciplinas:

Relacione os jogos com conteúdos de história (cultura indígena), geografia (localização das aldeias Apinajé) e artes (confecção de materiais e pinturas corporais).

Segurança:

Certifique-se de que os materiais utilizados sejam seguros e adequados para a faixa etária dos alunos. Supervisione as atividades, especialmente aquelas que envolvem movimentos mais complexos, como a Corrida com Tora e o Arco e Flecha.

HABILIDADES DA BNCC

Os jogos e brincadeiras dos Apinajé estão alinhados com várias habilidades da BNCC, especialmente no componente de Educação Física:



- EF01EF04: Experimentar e fruir brincadeiras e jogos de diferentes culturas.

- EF35EF02: Respeitar o colega com quem está interagindo em jogos e brincadeiras.

- EF35EF04: Participar de jogos e brincadeiras que envolvam correr, saltar, lançar, girar e equilibrar-se.

- EF35EF05: Refletir sobre a importância do respeito às regras e aos colegas.

EXEMPLOS DE PLANOS DE AULAS

Plano de Aula 1:

Conhecendo a Cultura

Apinajé

Objetivo:

Apresentar a cultura Apinajé e os jogos tradicionais, promovendo o respeito à diversidade cultural.

Habilidades da BNCC:

EF01HI04: Identificar e respeitar as diferenças entre as pessoas, reconhecendo a diversidade cultural.

EF15AR01: Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas.

EF01GE02: Descrever características observáveis de lugares e suas paisagens.



Plano de Aula 1: Conhecendo a Cultura Apinajé

Atividades:

Roda de Conversa: Introdução à cultura Apinajé, com foco nos jogos e brincadeiras.

Exibição de Vídeos ou Imagens: Mostrar a vida nas aldeias Apinajé e os jogos tradicionais.

Confecção de Materiais: Produção de maracás e petecas com materiais alternativos (garrafas PET, penas, pedrinhas).

Reflexão: Desenhos ou textos sobre o que aprenderam.

Avaliação: verificar se os alunos demonstraram interesse e respeito pelo tema, analisar se conseguiram expressar o que aprenderam sobre a cultura Apinajé e observar se participaram ativamente e colaboraram com os colegas.



Plano de Aula 2: Brincando com os Jogos Apinajé (Parte 1)

Objetivo: Vivenciar os jogos e brincadeiras dos Apinajé, desenvolvendo habilidades físicas, cognitivas e sociais.

Habilidades da BNCC:

EF35EF01: Experimentar e fruir jogos e brincadeiras de diferentes culturas.

EF35EF02: Respeitar o colega com quem está interagindo em jogos e brincadeiras.

EF35EF04: Participar de jogos que envolvam correr, saltar, lançar, girar e equilibrar-se.

Atividades:

Perna de Pau: Adaptação: Para crianças menores, use latas menores (como de leite condensado) e aumente o tamanho das latas conforme a idade e a habilidade das crianças. Exemplo: Organize uma "corrida de perna de pau" ou um desafio de equilíbrio.



Plano de Aula 2: Brincando com os Jogos Apinajé (Parte 1)

Atividades:

Arco e Flecha: Adaptação: Para crianças menores, use flechas mais leves (como canudos de plástico) e alvos maiores (balões ou caixas de papelão). Exemplo: Para crianças maiores, aumente a distância do alvo e use flechas mais resistentes (varetas de madeira).

Corrida com Tora: Adaptação: Substitua a tora por tubos de PVC revestidos com espuma ou tecido para garantir a segurança.

Peteca: Adaptação: Use petecas artesanais feitas com garrafas PET e penas coloridas.

Avaliação: Participação nas atividades, avaliar o desenvolvimento das habilidades motoras e observar o trabalho em grupo.



Plano de Aula 3: Brincando com os Jogos Apinajé (Parte 2)

Objetivo: Continuar a vivenciar os jogos e brincadeiras dos Apinajé, aprofundando o conhecimento sobre a cultura indígena.

Habilidades da BNCC:

EF35EF01: Experimentar e fruir jogos e brincadeiras de diferentes culturas.

EF35EF02: Respeitar o colega com quem está interagindo em jogos e brincadeiras.

EF35EF04: Participar de jogos que envolvam correr, saltar, lançar, girar e equilibrar-se.

Atividades:

Dança com Maracás: Adaptação: Use garrafas PET pequenas com pedrinhas ou grãos para criar maracás artesanais.

Exemplo: Crie coreografias simples em grupo, incentivando a expressão corporal e o ritmo.

Plano de Aula 3: Brincando com os Jogos Apinajé (Parte 2)

Atividades:

Corrida dos Clãs: Adaptação: Divida os alunos em equipes representando diferentes clãs, com pinturas corporais ou adereços simples. Exemplo: Organize uma corrida de revezamento, incentivando o espírito coletivo e a cooperação.

Jogo da Flecha: Adaptação: Use flechas artesanais (varetas de madeira ou canudos) e organize uma corrida de revezamento. Exemplo: O objetivo é passar a flecha entre os participantes sem deixá-la cair.

Jogo da Bolinha: Adaptação: Use bolinhas de papel ou bolas de pingue-pongue para facilitar o jogo.

Avaliação: Participação nas atividades, avaliar o desenvolvimento das habilidades motoras e observar o trabalho em grupo.

PLANO DE AULA 4: INTEGRAÇÃO E REFLEXÃO

Atividades:

Exposição dos Trabalhos:
Compartilhamento dos desenhos e
textos com outras turmas.

Integração com Outras Disciplinas:
Relação com história, geografia e artes.

Avaliação: Participação nas atividades,
avaliar o desenvolvimento das
habilidades motoras e observar o
trabalho em grupo.

BENEFÍCIOS DOS JOGOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

BENEFÍCIOS FÍSICOS

Os jogos e brincadeiras dos Apinajé são excelentes para o desenvolvimento físico das crianças. Eles envolvem movimentos como correr, saltar, equilibrar-se, lançar e girar, que ajudam a:

Melhorar a coordenação motora: Atividades como a Perna de Pau e o Pião exigem equilíbrio e precisão.

Desenvolver a força e a resistência: A Corrida com Tora e o Arco e Flecha trabalham a resistência muscular e a capacidade cardiovascular.

Promover a agilidade e a flexibilidade: Brincadeiras como a Peteca e a Dança com Maracás envolvem movimentos rápidos e fluidos.



BENEFÍCIOS DOS JOGOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

BENEFÍCIOS COGNITIVOS

Além dos benefícios físicos, os jogos indígenas também estimulam o desenvolvimento cognitivo das crianças:

Concentração e foco: O Arco e Flecha e o Pião exigem atenção e precisão, ajudando as crianças a desenvolverem a concentração.

Resolução de problemas: Brincadeiras em equipe, como a Corrida com Tora, incentivam a colaboração e a estratégia.

Criatividade: A confecção de materiais alternativos (maracás, petecas) e a criação de coreografias estimulam a imaginação e a expressão criativa.

BENEFÍCIOS DOS JOGOS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR BENEFÍCIOS SOCIAIS E EMOCIONAIS

Os jogos e brincadeiras dos Apinajé também promovem o desenvolvimento social e emocional:

Trabalho em equipe: Atividades como a Corrida com Tora e a Peteca incentivam a cooperação e o respeito mútuo.

Valorização da diversidade: Ao conhecer e praticar os jogos indígenas, as crianças aprendem a respeitar e valorizar outras culturas.

Autoestima e confiança: A superação de desafios, como manter o pião girando ou acertar o alvo com o arco e flecha, aumenta a autoconfiança das crianças.

ATIVIDADES PRÁTICAS

Confeção de Materiais

Maracás: Usando garrafas PET, pedrinhas e fita adesiva, os alunos podem criar seus próprios maracás. Explique o significado cultural desse instrumento para os Apinajé.

Petecas: Com palha de milho, penas coloridas e fita adesiva, os alunos podem confeccionar petecas artesanais. Discuta a origem da peteca e sua importância na cultura indígena.

Arco e Flecha: Utilizando galhos flexíveis, barbante e varetas de madeira, os alunos podem montar arcos e flechas seguros para as atividades, ou ainda com o arco e flechas feitos de com papéis. Explique como esses instrumentos são usados pelos Apinajé.



Pinturas Corporais com Oficina de Indígenas Apinajé

Preparação:

Entre em contato com representantes da comunidade Apinajé para organizar uma oficina na escola. Explique o objetivo da atividade e convide-os a compartilhar seus conhecimentos com os alunos.

Prepare os materiais necessários, como tinta corporal atóxica (ou tinta guache) e pincéis.

Oficina com Indígenas Apinajé:

Conversa Inicial: Os indígenas podem começar contando sobre a importância das pinturas corporais em sua cultura, explicando os significados dos símbolos e padrões utilizados.

Demonstração: Eles podem mostrar como as pinturas são feitas e explicar o processo, desde a escolha dos desenhos até a aplicação na pele.





Oficina com Indígenas Apinajé:

Prática: Com a supervisão dos indígenas, os alunos podem se pintar uns aos outros, utilizando os padrões e símbolos aprendidos. Os indígenas podem orientar as crianças, garantindo que os significados culturais sejam respeitados.

Reflexão: Após a atividade, promova uma roda de conversa para que os alunos compartilhem suas experiências e o que aprenderam com os indígenas. Peça aos alunos que desenhem ou escrevam sobre a experiência, destacando o que mais gostaram e o que aprenderam sobre a cultura Apinajé.



Contação de Histórias

Pesquisa: Os alunos podem pesquisar lendas e mitos dos Apinajé, como histórias sobre a criação do mundo ou heróis indígenas.

Apresentação: Organize uma roda de contação de histórias, onde os alunos compartilham o que aprenderam.

Festival Cultural

Apresentações: Os alunos podem apresentar danças, músicas e jogos tradicionais dos Apinajé.

Exposição: Organize uma exposição com os materiais confeccionados pelos alunos (maracás, petecas, arcos e flechas) e os trabalhos artísticos produzidos.

Degustação: Se possível, inclua uma degustação de comidas típicas indígenas, promovendo uma experiência sensorial.

Considerações Finais

Chegamos ao final desta cartilha, mas a jornada de valorizar a cultura indígena nas escolas está só começando! Os jogos e brincadeiras dos Apinajé são mais do que atividades para as aulas de Educação Física: são uma porta para o respeito, a diversidade e a riqueza cultural. Ao trazer essas práticas para a sala de aula, você enriquece o aprendizado dos alunos e ajuda a formar cidadãos mais conscientes. E não se esqueça: convidar indígenas Apinajé para compartilhar suas tradições, como na oficina de pinturas corporais, é essencial para garantir autenticidade e respeito. Use essa cartilha como guia, adapte as atividades à sua realidade e inspire seus alunos a valorizar a cultura indígena. Juntos, podemos construir uma educação mais inclusiva e significativa!

SOBRE OS AUTORES

Miller Sorato Amorim de Souza



Possui Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA) (2015). Pós-graduado em Educação Física Escolar e Educação Inclusiva. Mestrando em Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Tocantins. Atualmente é professor de Educação Física efetivo no município de Araguaína -TO. Pesquisador na área de jogos e brincadeiras, Educação Infantil, Educação Intercultural, Cultura Indígena e Educação Física Escolar pesquisador do Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS)

Ruhena Kelber Abrão



Doutor em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde (UFRGS). Mestre em Educação Física (UFPel). Graduado em Pedagogia e Educação Física (FURG). Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordena, o Centro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Lazer e Saúde (CEPELS). Professor do Mestrado Profissional de Educação Física e do Doutorado em Educação na Amazônia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 7 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 7 fev. 2025.

DA MATTA, Roberto. Um mundo dividido: A estrutura social dos índios Apinayé. Petrópolis: Vozes, 1976.

DE SOUZA, Miller Sorato Amorim; ABRÃO, Ruhena Kelber. TRADIÇÃO EM MOVIMENTO, JOGOS E BRINCADEIRAS DE MATRIZES INDÍGENAS: uma revisão de literatura. *Communitas*, v. 8, n. 19, p. 344-357, 2024.

GRANDO, Beleni Salète. Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EduFMT, 2010.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 7 fev. 2025.

MOREIRA, Luiza; PERES, Juliana. Atividades culturais indígenas na educação física escolar. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 10, n. 1, p. 45-60, 2019. Acesso em: 7 fev. 2025.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Os Apinayé*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983. [Publicado originalmente em 1939].

NUNES, Ângela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: SILVA, A. L.; MACEDO, A. V. L.; NUNES, A. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002. p. 64-99.

TENÓRIO, Jederson Garbin; SILVA, Cinthia Lopes da. As práticas corporais indígenas como conteúdo da educação física escolar. *Revista Teoria e Prática da Educação*, v. 17, n. 1, p. 81-91, jan./abr. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

